



O LIVRO DAS TRÊS CASAS







O LIVRO DAS TRÊS CASAS

Gabriel de Moura Corrêa
orientado por Marta Vieira Bogéa

Trabalho Final de Graduação
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade de São Paulo
Julho/2020

“PARA DESFRUTAR DA ARQUITETURA É PRECISO VIAJAR
COM A IMAGINAÇÃO, É PRECISO VOAR COM A FANTASIA”

Alejandro de la Sota
(apud ÁBALOS, 2003, p.11)

Este TFG foi desenvolvido entre agosto/2019 e julho/2020, sendo finalizado em tempos de distanciamento social (estabelecido em meados de março/2020 como uma das medidas de prevenção à COVID-19).

AGRADECIMENTOS

À Deus pela minha vida e força motriz.

Aos meus pais pela paciência e cuidado.

Aos familiares e grandes amigos que me apoiaram durante esses tempos de formação.

À Yedda pela parceria e por me ouvir falar de TFG incessantemente pelos últimos doze meses.

À Marta, querida orientadora, que conseguiu identificar e traduzir em palavras coisas que eu não sabia definir.

À FAUUSP pelos anos incríveis de minha graduação.

Aos colegas da Triptyque pelo aprendizado e carinho.

À memória daqueles que me cercaram de amor.

E, por fim, à todos aqueles que direta ou indiretamente me mostraram como habitavam seus espaços.

SUMÁRIO

11 INTRODUÇÃO

15 A CASA | “O Menino e o Bruxo” - Moacyr Scliar, 2007

16 Aproximação

18 Projeto

40 Uma manhã na casa do lago

45 O APARTAMENTO | “A Paixão segundo G.H.” - Clarice Lispector, 1964

46 Aproximação

48 Projeto

86 Uma tarde no apartamento

91 A TOCA | “Tigrela” - Lygia Fagundes Telles, 1977

92 Aproximação

94 Projeto

122 Uma noite na toca

125 CONCLUSÃO

129 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



INTRODUÇÃO

O presente trabalho corresponde a uma investigação de formas de habitar através das experiências de personagens literários. O que é descrito na ficção, no realismo fantástico e até mesmo nas narrativas insólitas, contribui na percepção dos fenômenos da vida real ocorridos em espaços moldados pela ação humana. Enxerga-se a Arquitetura como forma de correspondência entre a complexa estrutura do ser humano e o espaço.

Jacques Herzog, em sua entrevista para Alejandro Zaera-Polo que consta no livro “Arquitetura em Diálogo”, diz que “a arquitetura é, de fato, o modo como as pessoas a utilizam, como se movem, por onde entram e saem, como dispõem sua mobília” (ZAERA-POLO, 2015, p.87). Iñaki Ábalos, no livro *A boa-vida*, ao descrever a casa de Picasso, escreve que nessa casa “há maior intensidade do vínculo pessoal com o espaço como fenômeno do sentido - tanto emocional quanto intelectual” (ÁBALOS, 2003, p.94). O encadeamento desse raciocínio destaca relações humanas no espaço construído, reverberando autores e profissionais como Hertzberger, Bachelard, Pallasmaa, Zumthor, Steven Holl, entre outros.

Ao assumir personagens literários como possíveis habitantes dessa arquitetura – exclusivamente residencial no caso deste trabalho –, cria-se a oportunidade de certa “tradução” em espaços de suas respectivas personalidades. Decifrar a construção do sujeito literário, suas características e predileções, estabelece diretrizes para o projeto arquitetônico. Parte-se da esfera ficcional para um campo próximo à realidade, agora aplicando conceitos próprios dos estudos referentes à Arquitetura.

Como exemplo posso citar as ilustrações de Karina Puente para o livro de Ítalo Calvino, *Cidades Invisíveis* (1972). A arquiteta utiliza a narrativa literária para produzir ilustrações de cada cidade descrita por Calvino no livro. Também, como outro exemplo, pode-se mencionar a transferência do universo fantástico *escrito* por J.K. Rowling para os cenários apresentados na sequência de filmes de Harry Potter. Meu intuito neste trabalho pode ser visto também como um esforço de criar cenários para cada narrativa literária selecionada.

Este TFG se constitui por projetos de arquitetura com base em narrativas da literatura brasileira. Os textos literários que fundamentam os projetos são: os livros “O Menino e o Bruxo” (2007), de



Cidade de Zoé (detalhe)
Karina Puente



A Grande Escadaria
(escadas móveis)
série de filmes Harry Potter
(2001-11)

Moacyr Scliar, e “A Paixão Segundo G.H.” (1964), de Clarice Lispector, e o conto “Tigrela” (1977), de Lygia Fagundes Telles. As diretrizes para cada exercício de projeto partem da análise dos personagens desses três livros.

Em cada projeto, um texto retrata a vivência no espaço projetado considerando a vida nos termos propostos pelos livros supracitados. Trata-se de suposições de como seria a habitação, em seu sentido amplo, desses e/ou de outros personagens no lugar.

O método adotado para o desenvolvimento deste TFG foi leitura e análise das narrativas escolhidas, sua “tradução” em arquitetura, e texto – registro imaginado de um dia em cada um desses lugares propostos.

Este trabalho se organiza em três capítulos, cada qual correspondendo a uma prosa de ficção e uma morada:

O primeiro capítulo, A Casa, utiliza como material de projeto "O Menino e o Bruxo" (2007), de Moacyr Scliar. O livro narra um encontro fantástico entre o escritor Joaquim Maria Machado de Assis e ele mesmo, em diferentes fases de sua vida. O menino Joaquim Maria encontra o velho Machado de Assis, chamado de o bruxo do Cosme Velho – bairro do Rio de Janeiro no qual o autor viveu seus últimos anos. O livro, direcionado ao público infanto-juvenil, discorre sobre a dura infância e a solitária velhice do escritor, apresentando no decorrer da narrativa enredos e personagens de maneira lúdica e fantasiosa.

13

O segundo capítulo, O Apartamento, parte do segundo livro, "A Paixão segundo G.H." (1964), de Clarice Lispector. O livro narra um dia na vida de uma mulher de classe média-alta que acabara de demitir a empregada e que resolvera arrumar a própria casa, começando justamente pelo quarto daquela a quem havia mandado embora. O livro, denso e cheio de reflexões em suas páginas, evoca o inseto de Kafka e a própria Paixão de Cristo.

O terceiro capítulo, A Toca, volta-se para um conto de Lygia Fagundes Telles chamado “Tigrela” (1977). Faz parte do livro “Seminário dos Ratos” (1977) e narra a história de uma mulher que se encontra com sua amiga no bar e discorre sobre seu relacionamento conturbado com uma tigresa de estimação. O texto se utiliza de ambiguidades para mascarar através de metáforas a verdadeira natureza da relação entre a personagem principal e o suposto animal.

A literatura acadêmica também constitui ferramenta de trabalho. Os textos lidos envolvem desde entrevistas com arquitetos – Arquitetura em Diálogo (2016), de Alejandro Zaera-Polo –, até textos exemplares relacionados à fenomenologia – Atmosferas (2006), de Peter Zumthor, e Os Olhos da Pele (1996), de Juhani Pallasmaa.

O Menino e o Bruxo
Moacyr Scliar, 2007

A CASA



APROXIMAÇÃO

Este projeto surgiu de uma pergunta de minha orientadora: “Por que não fazer uma casa para este livro?”. Estávamos em uma das primeiras orientações coletivas do TFG quando mencionei que havia lido “O Menino e o Bruxo” nas férias de julho de 2019, pouco antes de começar de fato a desenvolver este trabalho. Até aquele momento não havia definição para o tipo de literatura que serviria de base aos projetos, nem quais autores ou mesmo a quantidade de narrativas selecionadas. Entretanto, por acreditar que seria um primeiro exercício interessante, dei início a uma análise do livro para então poder traduzi-lo em arquitetura.

16

“O Menino e o Bruxo”, livro do escritor porto-alegrense Moacyr Scliar (1937-2011), narra um encontro fantástico entre o grande autor Joaquim Maria Machado de Assis consigo mesmo em fases diferentes da vida. Trata-se de uma aventura fantástica baseada em fatos reais. O menino Joaquim Maria encontra o velho Machado de Assis – à época viúvo e com o apelido de “Bruxo do Cosme Velho” – na casa em que este vivera seus últimos anos. O jovem sofria de uma doença que o fazia desmaiar constantemente e, após um desses episódios, acordou na sala de um senhor de idade. Só mais tarde na narrativa é que ele descobre que o senhor que o socorrera correspondia a si mesmo dali alguns anos.

“Abriu os olhos e estava deitado num sofá, num lugar estranho, um lugar, para ele, completamente desconhecido. Uma sala ampla, confortável. Uma mesa de trabalho, muito simples, com gavetinhas; sobre o tampo, pilhas e mais pilhas de manuscritos. Livros, muitos livros: grandes armários com prateleiras cheias de volumes encadernados” (SCLIAR, 2007, p.33)

Joaquim Maria passou a tarde com seu eu mais velho, ouvindo diversas citações de livros que escreveria no futuro. Alguns personagens do próprio escritor surgem e interferem na narrativa, como o caso de Capitu querendo que sua história tivesse um final diferente:

“A Capitu do livro precisa ter um grande caso de amor. Se é o Bentinho ou o Escobar, a mim não importa, não faz diferença. Mas quero ver a Capitu casada e bem casada. Com filhos: não só o Ezequiel, outros três, quatro, sendo duas meninas. [...] E a coisa mais importante: nada de mortes” (SCLIAR, 2007, p.70)

Um personagem que me despertou curiosidade foi o animal de estimação de Machado de Assis no livro. Também presente no livro Memórias Póstumas de Brás Cubas, o gato Sultão possuía uma característica especial: se transformava em hipopótamo e viajava através do tempo. É este personagem que, no livro de Scliar, leva o menino Joaquim Maria de volta ao seu tempo:

“Neste momento, apareceu ali o gato, o Sultão. Parado na porta, ele bloqueava o caminho. Impaciente, Joaquim Maria ia saltar por cima dele, mas, para sua surpresa, o animal começou a crescer, a aumentar vertiginosamente de tamanho e a mudar de forma. De repente, já não era o tranquilo bichano que o rapaz tinha visto antes: era um animal enorme, monstruoso mesmo: vasta bocarra, couro espesso. Um hipopótamo, claro. E aí, como num passe de mágica, ele viu-se no áspero dorso do animal. [...] Era para o passado que se dirigia, disso tinha certeza” (SCLIAR, 2007, p.79)

Pouco antes deste exercício, eu havia iniciado a leitura de “A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade”, do arquiteto espanhol Iñaki Ábalos (1956-). O livro analisa sete arquétipos habitacionais modernos, fazendo paralelos entre Arquitetura, Arte, Filosofia e Sociedade no contexto de cada obra analisada. Encontrei no primeiro capítulo - “A Casa de Zaratustra” - insumos para o desenvolvimento deste projeto.

Ábalos elege Mies Van der Rohe e sua obra “Casa com três pátios” como exemplar arquitetônico deste capítulo. Baseado em sua leitura de Nietzsche e do arquiteto supracitado, é descrita a casa como sendo um espaço de solidão e individualismo. Segundo Ábalos, o homem que a habita busca a afirmação de seu ser em seu próprio espaço, fugindo da cidade ao se isolar por detrás dos muros de sua casa (ainda que desfrute da urbe como um flâneur) .

“Os muros estão aí para propiciar privacidade, para ocultar quem habita, para permitir que, dentro da casa, transcorra uma vida profundamente livre, à margem de toda moral ou tradição, à margem de toda vigilância social ou policial - à margem, finalmente, desta insuportável visibilidade que a moral calvinista impõe a seus companheiros modernos e à sua arquitetura positivista” (ÁBALOS, 2003, p.24)

Utilizando este capítulo de “A boa-vida” como material de conceituação do projeto e, principalmente, definindo o que me interessava no livro “O Menino e o Bruxo”, cheguei à seguinte questão: *Como seria projetar uma casa para um escritor solitário e um gato que vira hipopótamo?*

PROJETO

A partir da leitura do livro “O Menino e o Bruxo” foram selecionadas as seguintes informações para o trabalho: um dos personagens principais é um afamado escritor, de idade avançada, único habitante (humano) da residência. Este homem possui como animal de estimação um gato que se transforma em hipopótamo. Esses dados foram utilizados como diretrizes programáticas do projeto, que se propõe arquitetura inédita. Em resumo:

PERSONAGENS

- . Machado de Assis, um escritor idoso;
- . Sultão, gato-hipopótamo.

PALAVRAS-CHAVE

- . escritor idoso: locomoção reduzida (casa térrea), escrever (escritório), viuvez (um único quarto), celebridade intelectual (receber colegas/admiradores)
- . gato: escalar (janelas altas, móveis, vegetação), arranhar (pedras, superfícies ásperas), se esconder (espaços pequenos sob a casa, vegetação)
- . hipopótamo: circular (corredores largos e pé-direito alto), mergulhar (lago), se alimentar (vegetação frutífera)

O que se apresentou como algo que demandaria maior atenção era o ato de combinar as dimensões de ambientes projetados para humanos – que já são suficientes para a presença de gatos – às dimensões de um hipopótamo. Gatos conseguem se esgueirar em espaços pequenos, ocultar-se em caixas e buracos. Já hipopótamos, animais herbívoros e semi-aquáticos, nativos da África subsaariana, precisam de amplos espaços e de proximidade a corpos d’água. Pensando nas dimensões do hipopótamo, para as áreas internas foram planejados cômodos maiores cujo perímetro possuísse corredores largos pelos quais o animal pudesse circular.

Concomitantemente a essas primeiras indagações, iniciei a busca pelo lugar onde este projeto se desenvolveria. O livro “O Menino e o Bruxo” se passa na casa de Machado de Assis no Cosme Velho, algum tempo depois da morte de sua esposa, Carolina Novais. A pesquisa elaborada sobre essa residência indicou que a casa havia sido demolida e que, no que corresponderia à sua numeração na rua, se encontra hoje construída a sede do Dataprev/RJ. Para os fins deste exercício de projeto, este foi o lote selecionado.



DIMENSÕES:

hipopótamo: A 1,75 x L 1,30 x C 3,60m

gato: A 0,22 x L 0,12 x C 0,35 m

essas dimensões foram baseadas na média de cada animal e correspondem às medidas utilizadas para o desenvolvimento deste projeto.

fonte: Dimensions.com. Disponível em: <<https://www.dimensions.com/>>.

Acesso em: 19/08/2019.

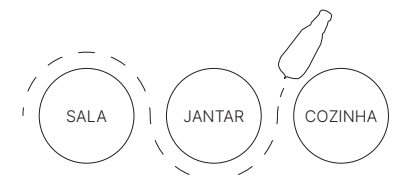


diagrama indicando o andar do hipopótamo



a última casa de Machado de Assis,
na Rua do Cosme Velho (19??)
Arquivo Nacional



Dataprev/RJ (2018)
Vitor Marigo/Tyba

O terreno em questão se encontra na divisa entre o bairro do Cosme Velho e o bairro das Laranjeiras, no Rio de Janeiro. Fica ao pé de um morro densamente arborizado. Tem cerca de 3300 m², sendo o trecho mais próximo à rua um aclave – resultado também da manipulação do terreno para a instalação do Dataprev/RJ. O entorno é em sua maioria verticalizado.

Tendo em mãos as informações do terreno escolhido, sem que nele tenha permanecido construída a casa de Machado de Assis, resolvi assumir o lote como vago e passei então a configurar as primeiras ideias no espaço. Conceitualmente a casa se organiza em opostos: lados terra e água, social e privado, exterior e interior. De um lado, a água necessária para a rotina diária do hipopótamo. Do outro, a vegetação que o alimenta. Escritório e ambientes sociais em uma ponta da casa. Na outra, a área íntima do morador. Uma experiência fantástica intramuros. A vida normal fora deles.

Outra investigação desenvolvida neste projeto foi a pesquisa da materialidade. Se os desenhos iniciais indicavam concreto armado, o uso da estrutura em madeira mostrou-se muito mais interessante conforme a evolução deste trabalho.

DADOS

. endereço: Rua do Cosme Velho, nº 18 - Cosme Velho, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

. área do lote: 3220 m²

. área construída: 368 m²

. área permeável: 2381 m²

. CA: 0,12

. TO: 11,43%

. salão (estar, jantar, cozinha): 141 m²

. varanda: 113 m²

. escritório: 57 m²

. dormitório: 75 m²

. lavanderia: 5 m²

. banheiro (2x): 10 m²

. circulação: 57 m²

. varal: 36 m²

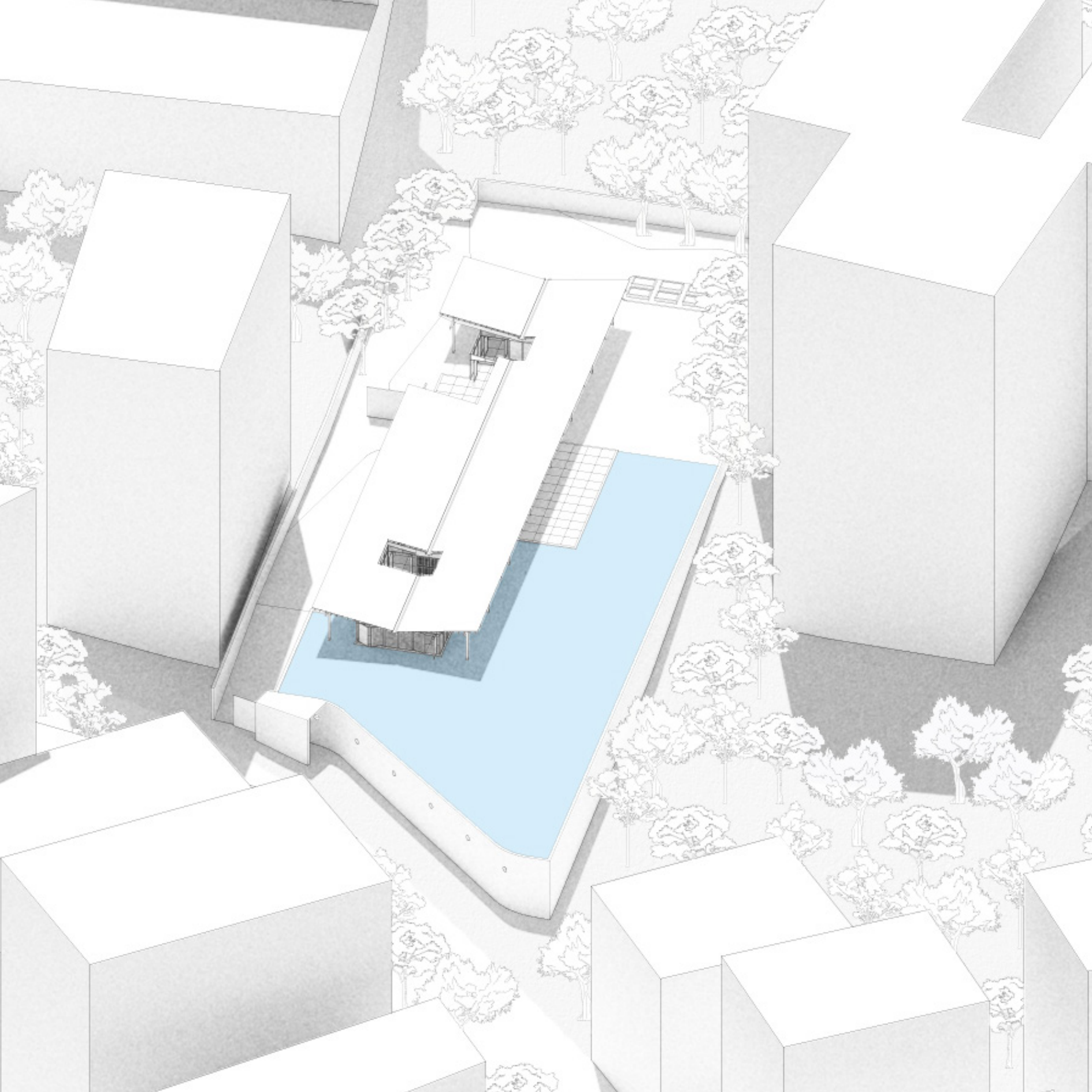
. jardim interno (2x): 10 m²

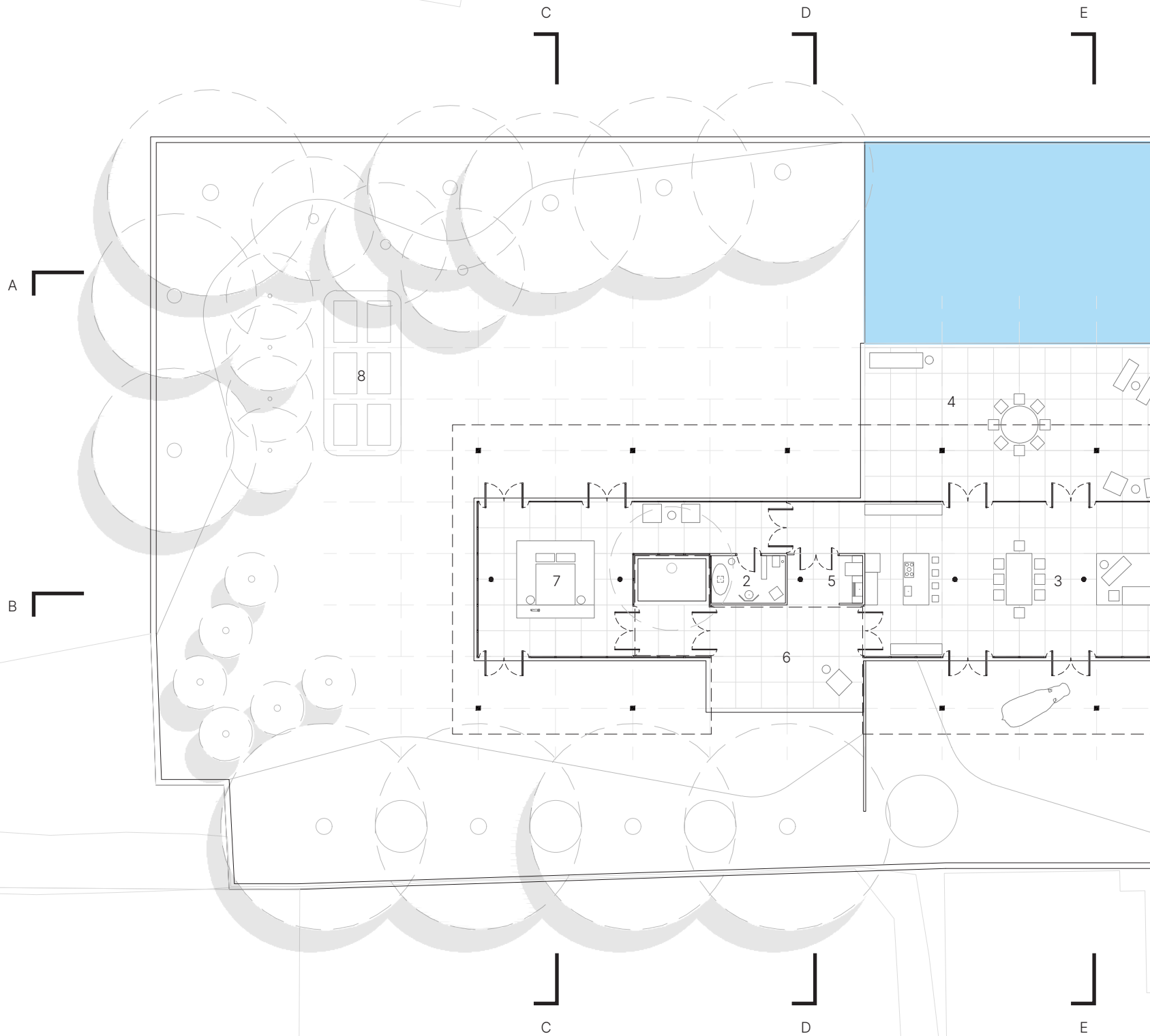
. lago: 1100 m²

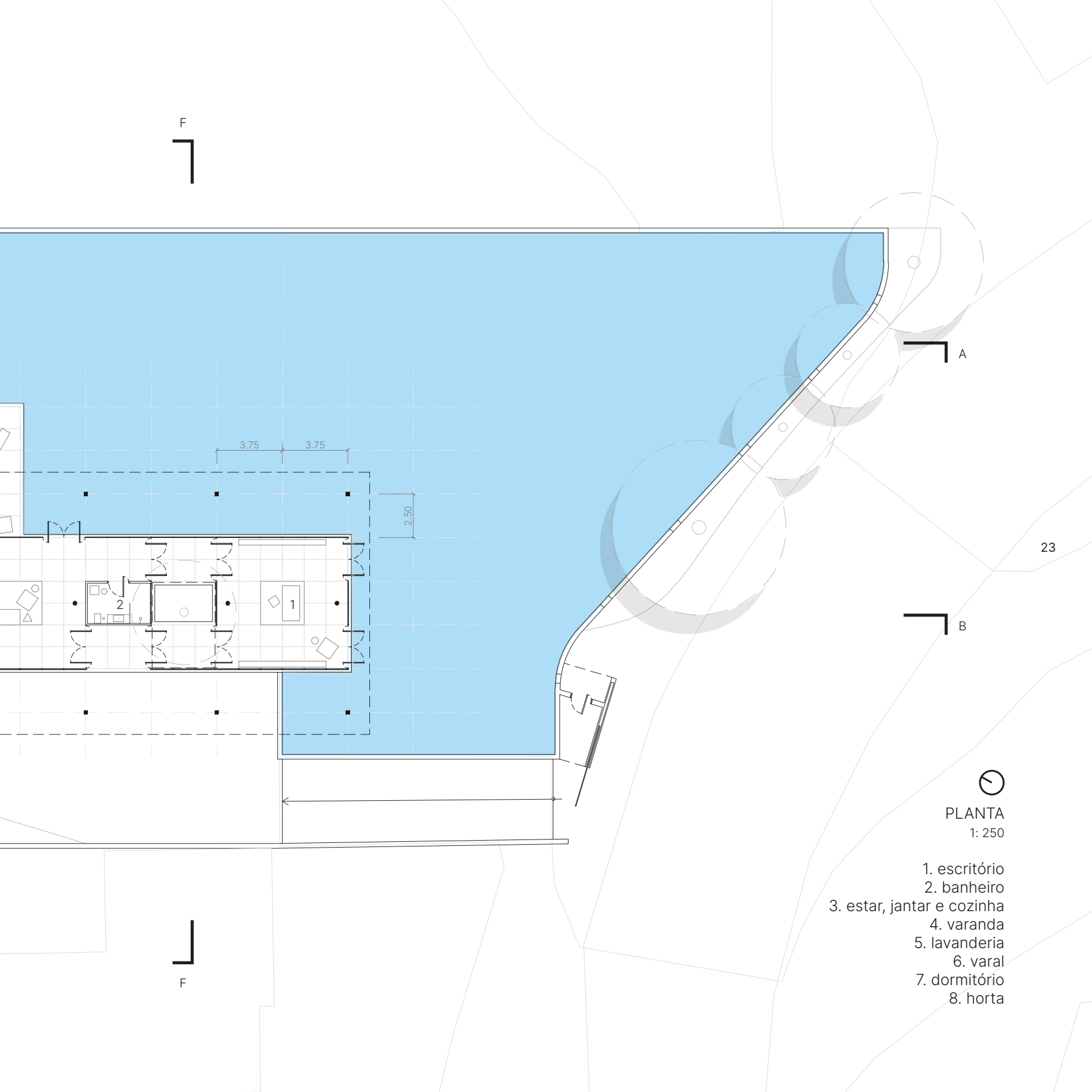
. abrigo: 13 m²



1:2500







F

A

B

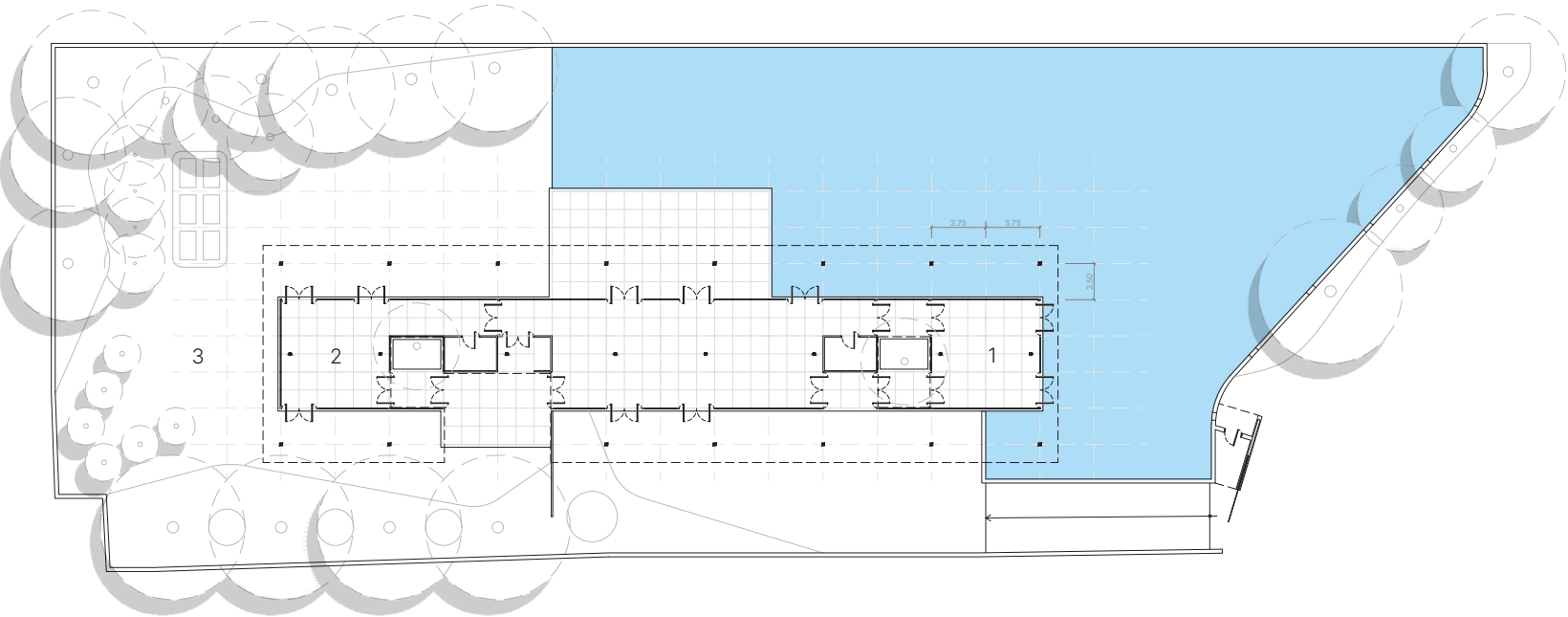


PLANTA
1: 250

- 1. escritório
- 2. banheiro
- 3. estar, jantar e cozinha
- 4. varanda
- 5. lavanderia
- 6. varal
- 7. dormitório
- 8. horta

F

23



1. Escritório

“Uma sala ampla, confortável. Uma mesa de trabalho, muito simples, com gavetinhas; sobre o tampo, pilhas e mais pilhas de manuscritos. Livros, muitos livros: grandes armários com prateleiras cheias de volumes encadernados”

p.33

2. Dormitório

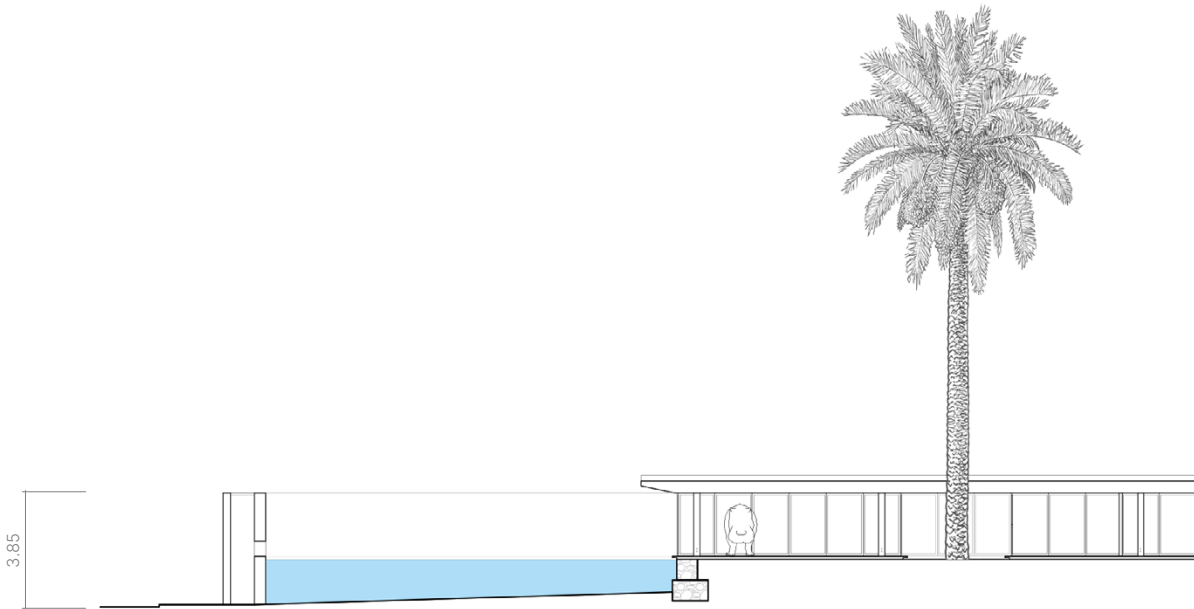
“Em um dos aposentos a porta estava aberta: era o quarto que tinha sido do casal e onde, aparentemente, só o homem dormia”

p.60

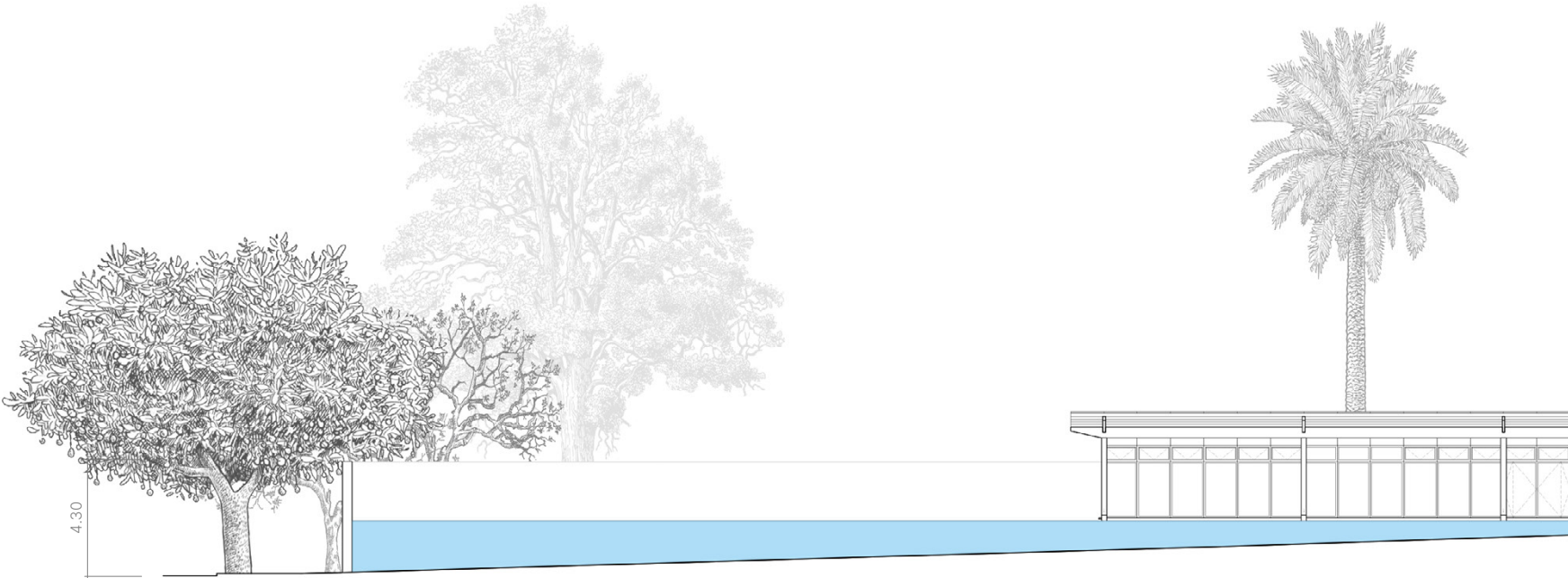
3. Jardim

Lugar bonito; por entre as plantas viçosas, voejavam centenas de vaga-lumes, uma visão que lhe pareceu maravilhosa”

p.61







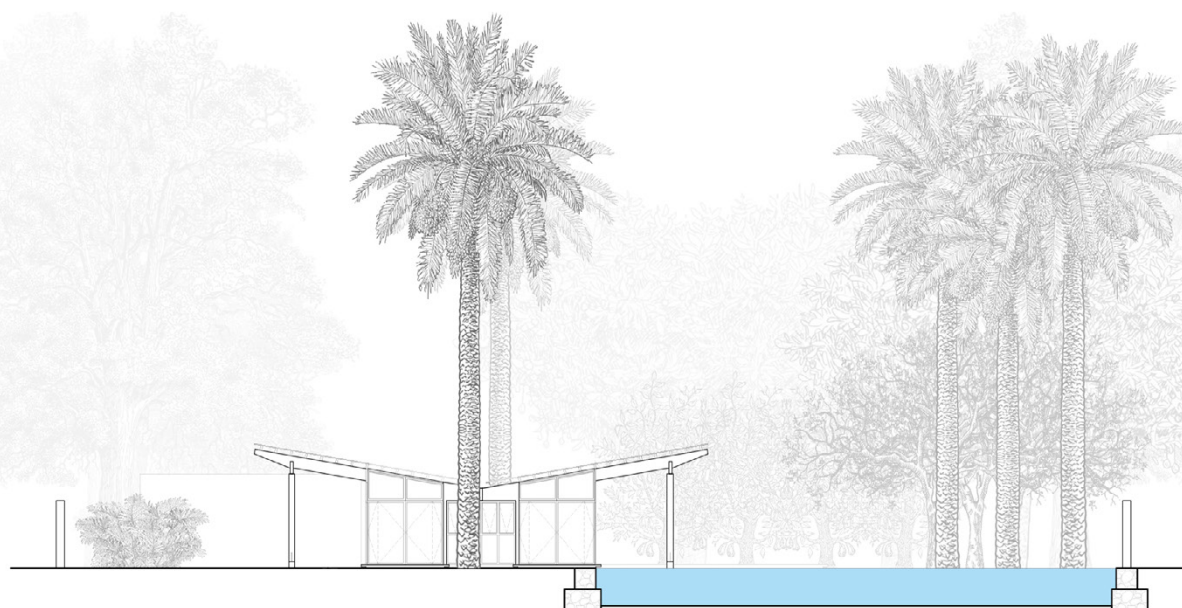
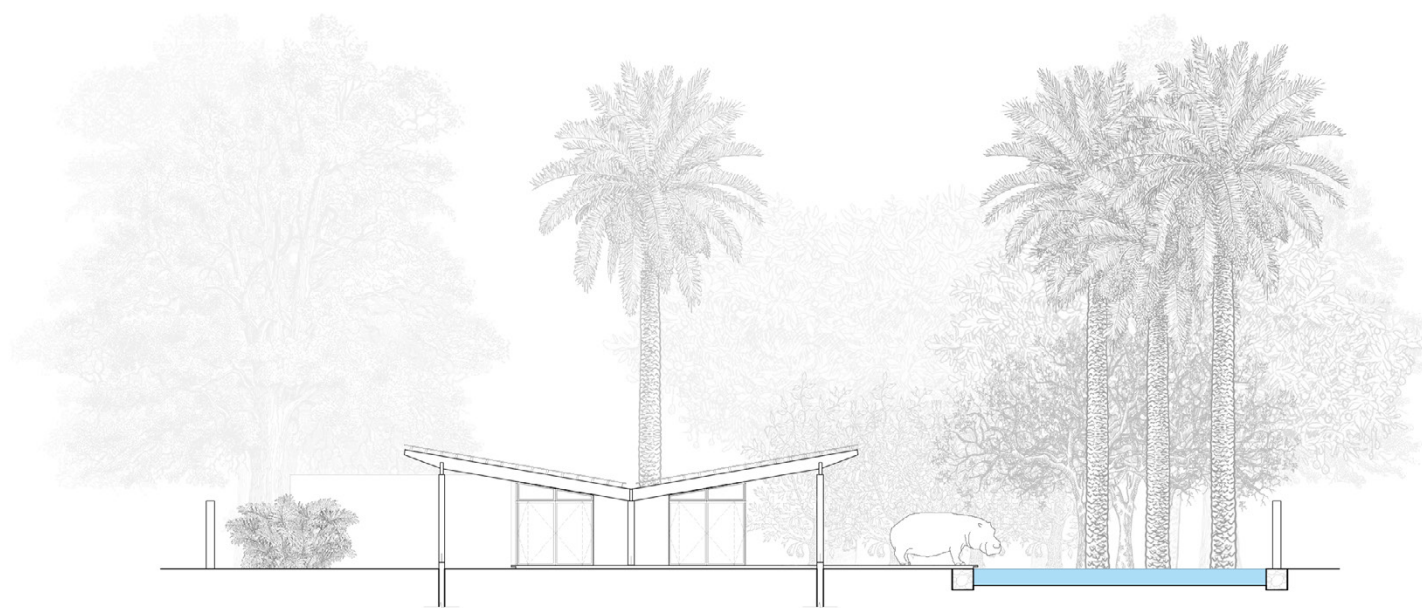




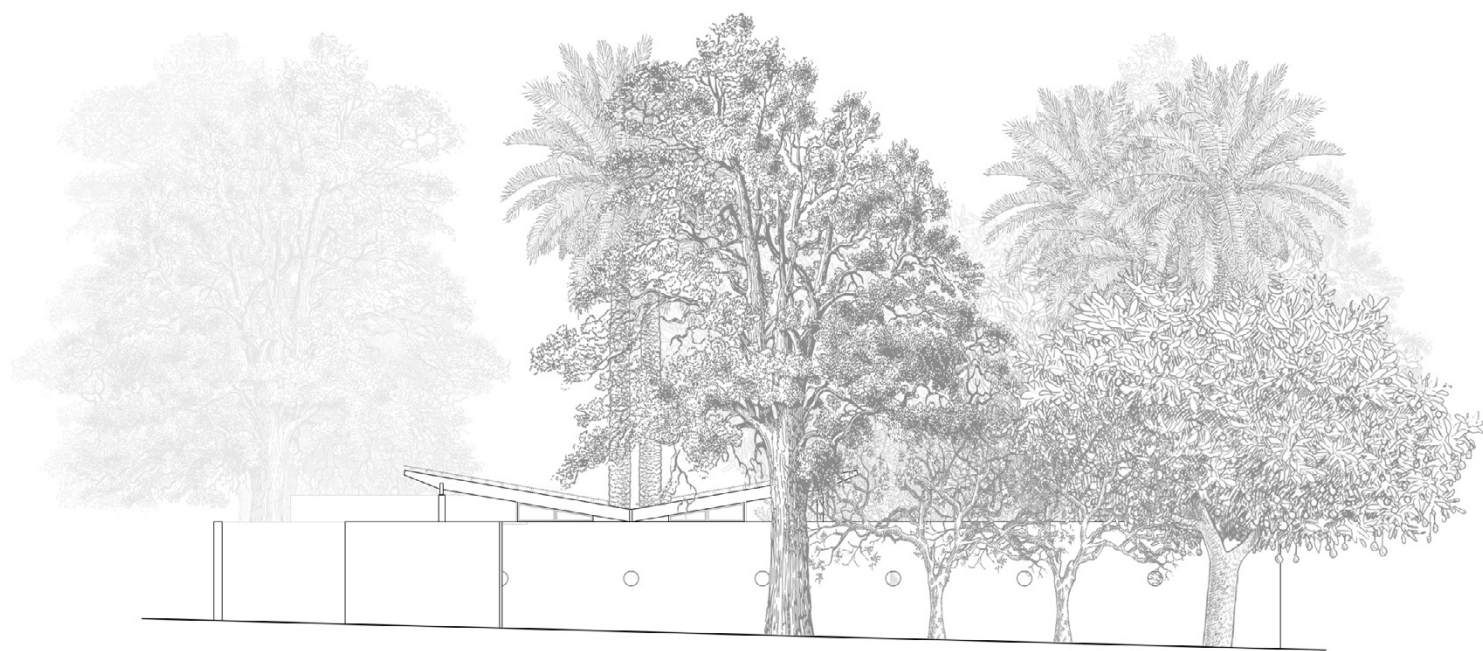
30



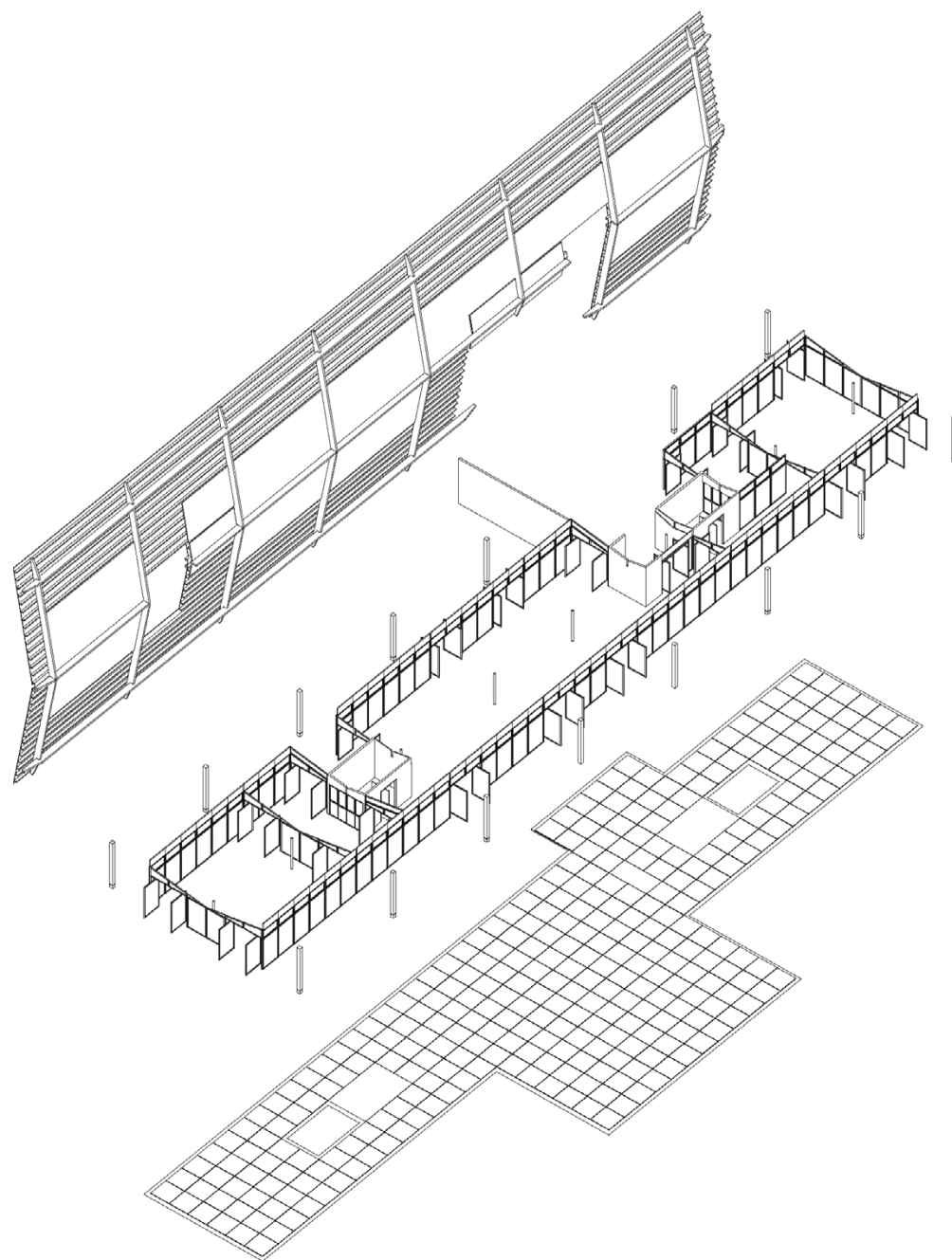
CORTE CC – DORMITÓRIO (acima)
 CORTE DD – VARAL/LAVANDERIA (abaixo)
 1: 250



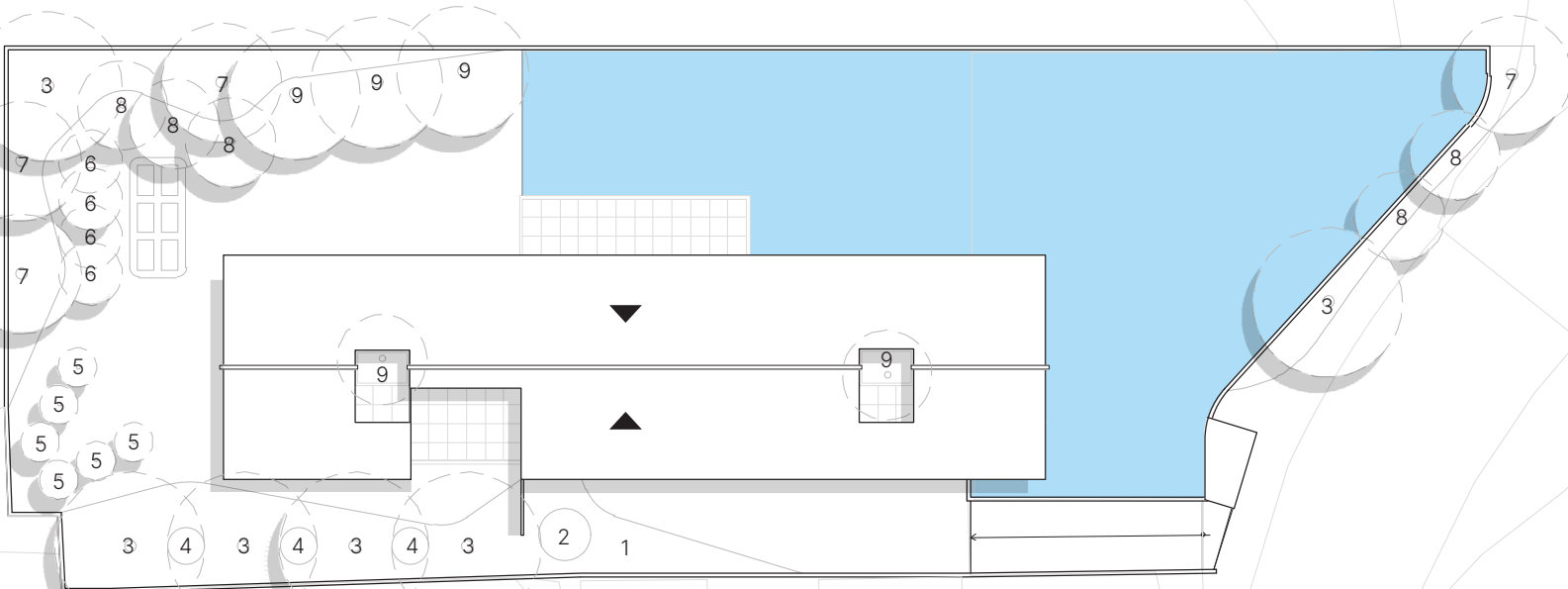
CORTE EE – SALÃO/VARANDA (acima)
 CORTE FF – CORREDOR/JARDIM (abaixo)
 1: 250



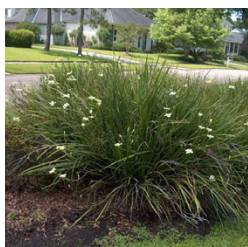
FACHADA
1: 250



34



PLANTA DE COBERTURA
paisagismo
1: 500



- 1
. nome: moréia bicolor
. altura: 0,5-0,7m
. ø copa: -
. ø tronco: -
. luz: meia sombra, sol pleno



- 2
. nome: guaimbê-ondulado
. altura: até 3m
. ø copa: -
. ø tronco: -
. luz: meia sombra, sol pleno



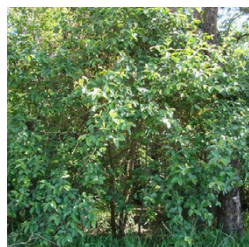
- 3
. nome: tipuana
. altura: 4-40m
. ø copa: 20m
. ø tronco: até 1,5m
. luz: meia sombra, sol pleno



- 4
. nome: gengibre amarelo
. altura: até 2,5m
. ø copa: -
. ø tronco: -
. luz: sombra, meia sombra



- 5
. nome: bananeira
. altura: 1,5-3m
. ø copa: 5m
. ø tronco: 0,25-0,4cm
. luz: meia sombra, sol pleno



- 6
. nome: goiabeira
. altura: até 7m
. ø copa: 6m
. ø tronco: 0,15-0,3m
. luz: sol pleno



- 7
. nome: mangueira
. altura: até 25m
. ø copa: até 20m
. ø tronco: 0,6-0,9m
. luz: meia sombra, sol pleno



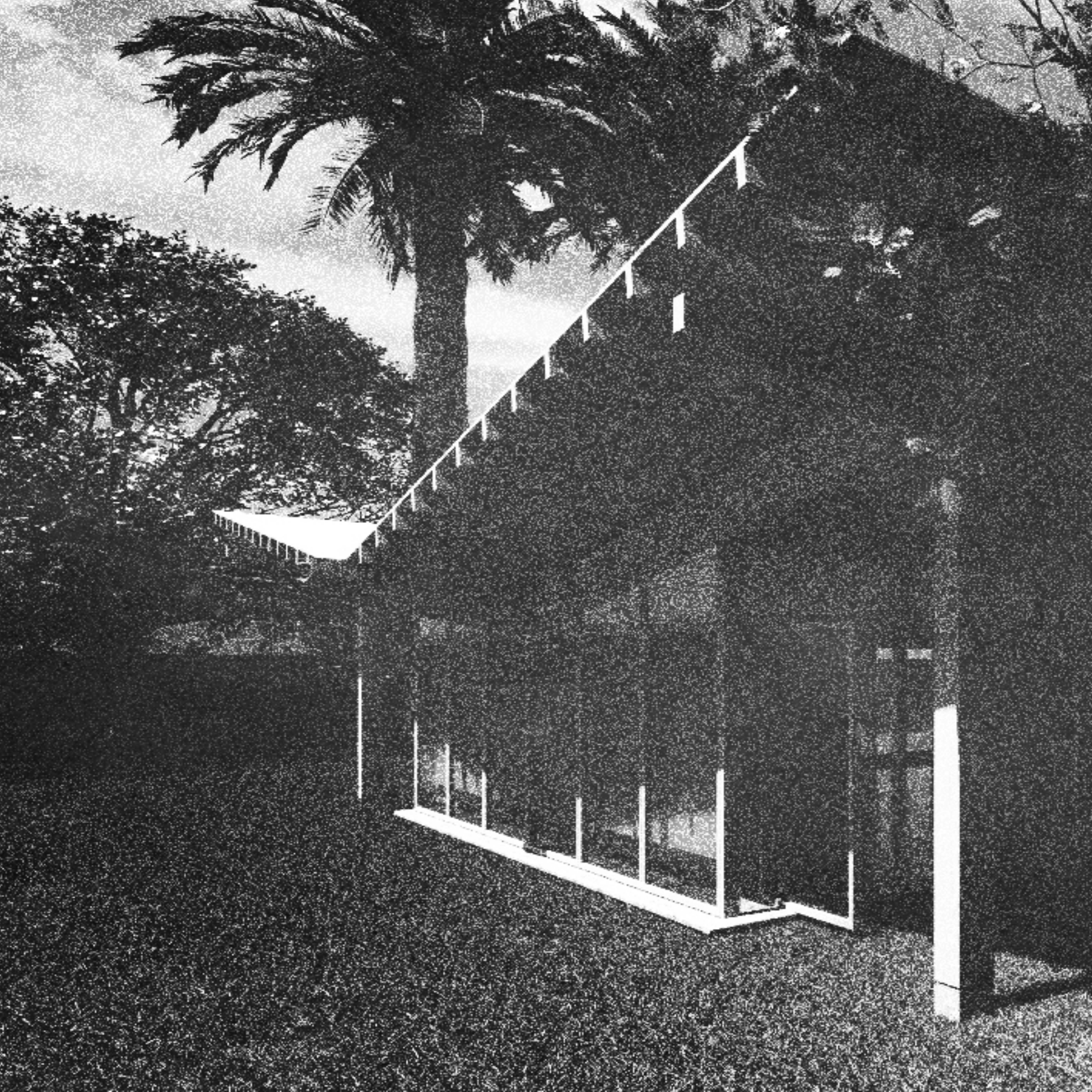
- 8
. nome: marula
. altura: até 10m
. ø copa: até 8m
. ø tronco: 0,5m
. luz: sol pleno



- 9
. nome: tamareira das canárias
. altura: 10-20m
. ø copa: até 12m
. ø tronco: 0,7-0,9m
. luz: sol pleno









UMA MANHÃ NA CASA DO LAGO

Há dias meu amigo me chamara para a inauguração de sua nova casa. Embora eu já houvesse aceitado o convite, apenas me animei a ir quando ele me falou sobre a estranha criatura com a qual compartilhava a casa: um gato que virava hipopótamo.

“Abriu?”, ouvi a voz metálica através do interfone, enquanto se abria a porta do pequeno abrigo junto ao muro de pedras.

“Caraca!” Acho que foi essa a expressão que me veio à cabeça quando vi o que vi. Em toda a lateral do muro de pedras, árvores enormes barravam a visão dos edifícios próximos. Ao fundo, se erguia uma pequena montanha, verdejante, refletindo a luz do céu de poucas nuvens. À frente desse cenário, a casa, toda de madeira, pousava sobre a imensidão azul daquele lago.

Sob as asas do telhado borboleta, surgiu o meu amigo exclamando sorridente: “Que bom que você veio!”. Nos abraçamos. “Venha, venha para dentro”. Havia uma pequena entrada coberta, com portas para os dois lados. Entramos pela porta da esquerda em um grande salão que conjugava salas de estar e jantar, e, ao fundo, a cozinha. Cada uma dessas áreas era cercada por largos corredores. “Bem vindo ao meu novo lar! A moça da imobiliária me disse que os corredores são grandes assim por conta desse animal que herdei do antigo dono. O mesmo motivo fez com que construíssem o lago e plantassem várias árvores frutíferas no quintal”. Polidamente no prosseguir de sua fala, meu amigo me disse que eu estava adiantado para o evento e que ele precisaria resolver algumas coisas antes de poder me dar atenção. “Não, não precisa ajudar. Da última vez que cozinhamos juntos você quase incendiou a minha cozinha! Ao invés disso, sugiro que vá conhecer a casa. Sultão está solto, não se assuste com o bicho”. Foi-se em direção a cozinha.

A primeira coisa que fiz, ainda na sala, foi caminhar para a extremidade da casa que dava para o lago, ao lado da varanda. Tinha uma porta (que também fazia as vezes de janela) que se abria sobre as águas. Fiquei olhando entretido para o reflexo da agitação dessas águas no telhado

borboleta. Como devia ser bom ficar ali sentado, com os pés mergulhados, lendo um bom livro ou apenas admirando a paisagem. “Tire os seus sapatos e suba a sua calça”, meu amigo gritou da cozinha, “É bom fazer isso antes de meter os pés n’água”. Meu amigo estava descalço e de bermudas. Eu sorri para ele.

Caminhei em direção à área externa. Em frente àquela varanda pairavam três grandes árvores. Não que as outras árvores não fossem grandes, inclusive havia outras maiores no jardim. Mas aquelas três especificamente me chamaram a atenção. Pelo meu parco conhecimento botânico (que vinha do meu recém-criado interesse por hipopótamos e seu habitat), eram tamareiras. A maruleira ¹ também estava ali ao lado.

¹ maruleira: de nome científico *Sclerocarya birrea*, a maruleira ou canhoeiro é uma árvore própria das savanas africanas cujo fruto serve de alimento à fauna local.

No fim do jardim havia uma pequena horta. Fiquei surpreso de que ela conseguisse pegar alguma luz, com tanta árvore ao seu redor. Meu amigo devia tê-la regado há pouco tempo. O cheiro daquela fração de terra molhada me fez querer estender uma rede entre dois troncos e passar o resto da manhã ali.

Puxei uma goiaba do pé e dei uma mordida. Senti uma sombra sobre mim, como se algo maior que eu estivesse me observando. Olhei para trás e vi um gato preto a andar preguiçosamente sobre a horta. Seria ele o que viraria hipopótamo? Seria ele a sombra que senti? Observei-o por um tempo. Nada.

Olhei para este ângulo da casa. “Lado água, lado terra”, como se fossem dois opostos. Finalizei minha goiaba e segui dando a volta no volume que identifiquei como sendo o único quarto da casa. Eu não invadiria a privacidade do meu amigo, – e se alguém estivesse dormindo ali dentro?

Cheguei à área do varal. Roupas penduradas e uma cadeira encostada no muro de pedras que ocultava a visão da entrada. Olhando para o lado do quarto consegui ver, por fora, um pequeno jardimzinho cercado. Era igual ao que eu havia visto lá na frente, também com uma tamareira enorme plantada no meio.

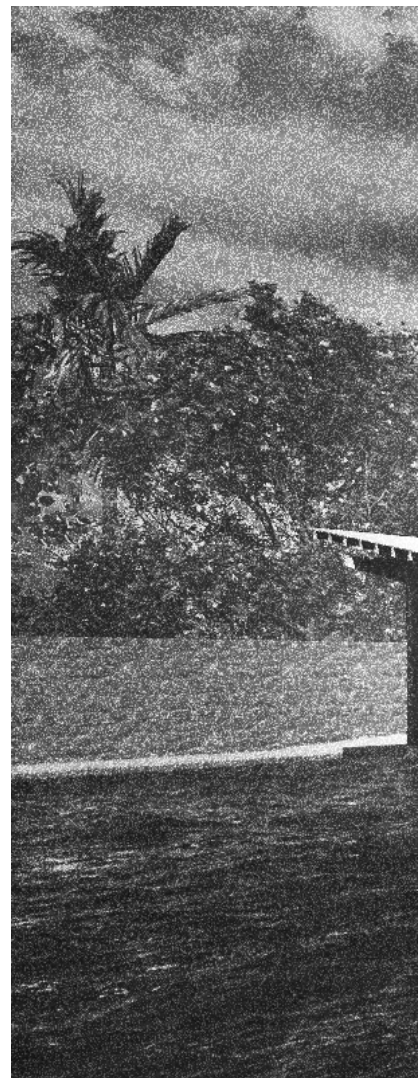
Voltei ao salão pela porta da cozinha. Precisava ir ao banheiro, onde ficaria? “Dependendo do seu grau de aperto, tem um aqui atrás – o da suíte – e outro ali no corredor que dá para o escritório”. Agradei e me dirigi ao corredor do escritório.

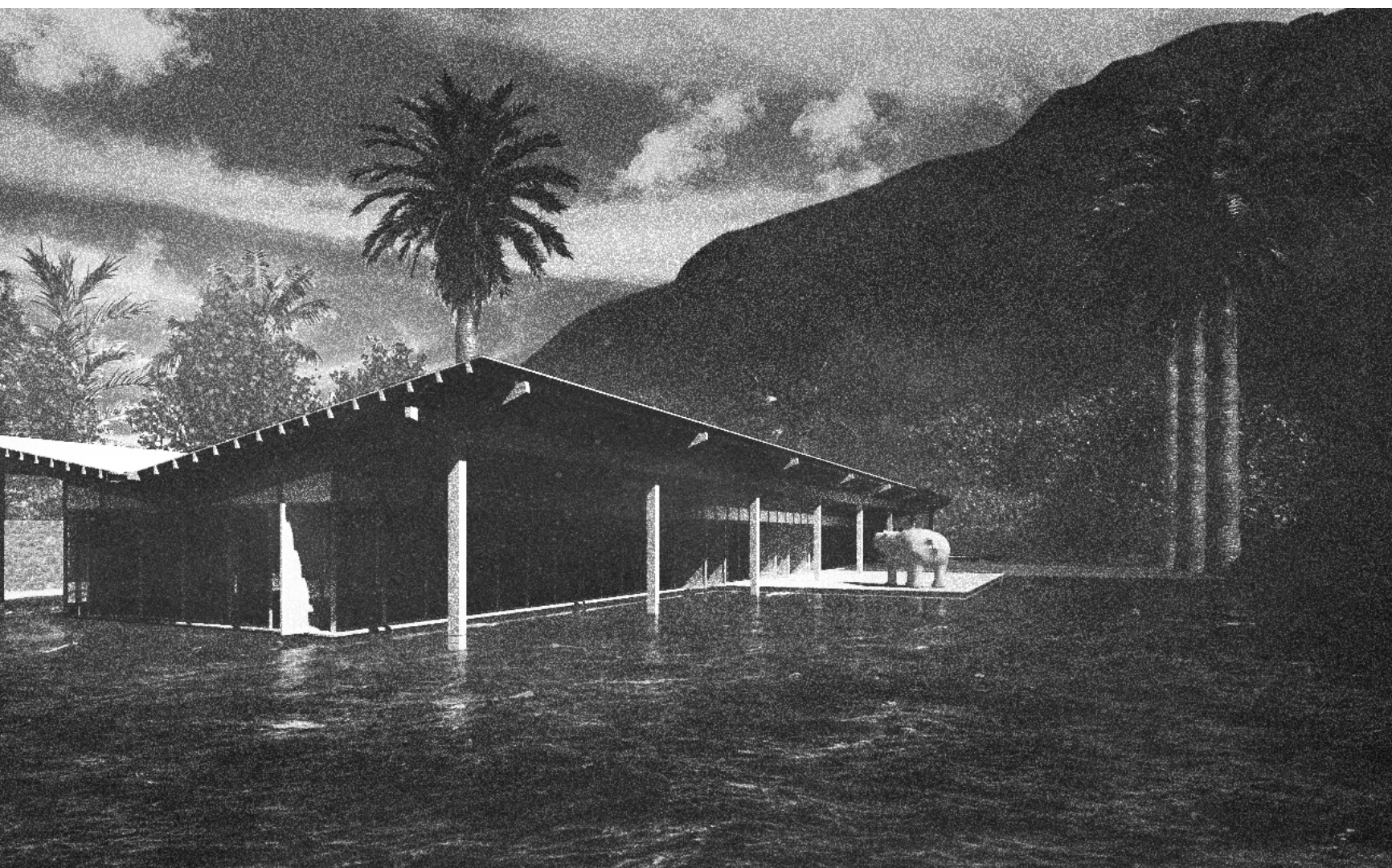
Abri a porta do banheiro e, para a minha surpresa, o gato preto estava sentado sobre o vaso sanitário. Olhou para mim como se me desafiasse. Recuei inicialmente, mas com um gesto de mão o afugentei e pude usar o vaso. Observei o box do chuveiro. Tinha um janelão ao seu lado, com vista para o jardimzinho da tamareira. Imagine só tomar uma chuveirada com essa visão? E se fosse uma banheira? Será que o banheiro da suíte tinha uma banheira?

Aliviado, segui para o escritório. Este corredor era aberto para o jardimzinho. Movido por uma curiosidade tátil, toquei o tronco da tamareira. Aquela árvore era realmente enorme. De fora parecia que tentava conectar a casa-borboleta ao céu.

Abri a porta do escritório. Muitos e muitos livros ali. O último dono era um escritor. Meu amigo herdara o gato-hipopótamo e os livros. Neste cômodo, duas portas se abriam sobre o lago. Agora, já ao fim de minha pequena jornada, cedi e me sentei no limiar do piso do escritório. Tirei os sapatos e subi minhas calças, mergulhando meus pés naquela água fresca.

O mesmo gato preto que eu vira há alguns momentos surgiu. O bichano se esfregou em mim e, num movimento estranho para gatos, saltou em direção à água. Meus olhos se fixaram no ponto onde ele tinha mergulhado. Aquela pequena mancha preta foi aumentando de tamanho bem na minha frente. Da água se levantaram duas orelhinhas, e dois olhos, e uma cabeça imensa.







A Paixão segundo G.H.
Clarice Lispector, 1964

O APARTAMENTO

Eu nunca havia lido Clarice Lispector antes de 2019. Este fato, somado a uma forma de prospecção do próximo exercício de projeto, me moveu a pesquisar alguns livros desta autora e acabei selecionando "A Paixão segundo G.H.", de 1964. A escolha desse livro foi pautada por uma reminiscência do primeiro exercício. Se na casa eu tinha um animal que guiava o desenho, seria interessante que no segundo projeto também houvesse um animal. Talvez o mesmo não tivesse força semelhante ao primeiro, mas serviria de conector entre os dois projetos. No caso de "A Paixão segundo G.H." o animal – no caso, o inseto – é uma barata.

46

O livro, escrito por Clarice Lispector em 1964, narra um dia na vida de uma mulher, escultora de classe média-alta. A personagem G.H. – cujas iniciais são as únicas informações que temos sobre seu nome – decide arrumar a própria casa depois de ter demitido a empregada, Janair, no dia anterior. Ela resolve começar a limpeza justamente pelo quarto de Janair.

Decidida a começar a arrumar pelo quarto da empregada, atravessei a cozinha que dá para a área de serviço. (LISPECTOR, 1964, p.34)

Clarice Lispector descreve o apartamento de forma que o mesmo serve como ferramenta de caracterização da própria G.H.:

O apartamento me reflete. É no último andar, o que é considerado uma elegância. Pessoas de meu ambiente procuram morar na chamada 'cobertura'. É bem mais que uma elegância. É um verdadeiro prazer: de lá domina-se uma cidade. Quando essa elegância se vulgarizar, eu, sem sequer saber por que, me mudarei para outra elegância? Talvez. Como eu, o apartamento tem penumbras e luzes úmidas, nada aqui é brusco. Um aposento precede e promete o outro. Da minha sala de jantar eu via as misturas de sombras que preludiavam o living. Tudo aqui é a réplica elegante, irônica e espirituosa de uma vida que nunca existiu em parte alguma: minha casa é uma criação apenas artística. (LISPECTOR, 1964, p.30)

Ao se deparar com o quarto da empregada, entretanto, G.H. teve o primeiro ponto de crise:

O quarto divergia tanto do resto do apartamento que para entrar nele era como se eu antes tivesse saído de minha casa e batido na porta. O quarto era o oposto do que eu

criara em minha casa, o oposto da suave beleza que resultara de meu talento de arrumar, de meu talento de viver, o oposto de minha ironia serena, de minha doce e isenta ironia: era uma violentação das minhas aspas, das aspas que faziam de mim uma citação de mim. (LISPECTOR, 1964, p.42)

G.H. precisava transformar aquele território que parecia não lhe pertencer em algo seu. Para isso, ela assumia que "umedecer" o lugar seria a solução:

A primeira coisa que eu faria seria arrastar para o corredor as poucas coisas de dentro. E então jogaria no quarto vazio baldes e baldes de água que o ar duro sorveria, e finalmente enlamearia a poeira até que nascesse umidade naquele deserto, destruindo o minarete que sobranceava altaneiro um horizonte de telhados. Depois jogaria água no guarda-roupa para engorgitá-lo num afogamento até a boca - e enfim, enfim veria a madeira começar a apodrecer. [...] E jogaria água e água que escorreria em rios pelo raspado da parede. (LISPECTOR, 1964, p.43-44)

Movida pelo afã de se apossar novamente do quarto da empregada, G.H. abre o guarda-roupa (uma das duas peças de mobiliário presentes no cômodo – a outra era a cama) e se depara com o inseto:

De encontro ao rosto que eu pusera dentro da abertura [da porta do guarda-roupa], bem próximo de meus olhos, na meia escuridão, movera-se a barata grossa. Meu grito foi tão abafado que só pelo silêncio contrastante percebi que não havia gritado. (LISPECTOR, 1964, p.47)

47

O contato com o quarto da empregada e com a barata faz com que G.H. se examine profundamente. No decorrer do livro, há um afastamento da personagem de si mesma, para que retorne a si transformada por uma experiência insólita: o comer da barata. Trata-se de uma epifania em meio a uma cena simples.

[...] e enfim realizara o ato ínfimo. Não o ato máximo, como antes eu pensara, não o heroísmo e a santidade. Mas enfim o ato ínfimo que sempre me havia faltado. (LISPECTOR, 1964, p.178)

Em nenhum momento é revelada a cidade que Clarice descreve brevemente no livro, mas trata-se de um cenário urbano. A narrativa se desenrola dentro de um apartamento, mais especificamente no quarto da empregada, no qual G.H. desenvolve uma série de reflexões. A partir desses dados, iniciou-se o projeto do apartamento de G.H.

PROJETO

Para esse projeto foi pensada uma intervenção em um edifício existente. A minha pesquisa buscou identificar projetos construídos na cidade de São Paulo que apresentassem características interessantes para a intervenção. Na pesquisa foram levantados projetos como o Edifício Rolim (1928), do arquiteto Hipólito Pujol Junior (1880-1952), e o Edifício Guaimbê (1962), de autoria de Paulo Mendes da Rocha (1928-) e João Eduardo de Gennaro (1928-2013). Por fim, o prédio selecionado para a operação foi o Edifício Giselle (1969), projetado pelo arquiteto Telésforo Cristófani (1929-2002), na Avenida Nove de Julho, no Itaim Bibi, bairro de São Paulo.



EDIFÍCIO ROLIM (1928)
Hipólito Pujol
São Paulo, SP, Brasil
foto: William Molina Fotografia, 2016

O Edifício Giselle foi selecionado por apresentar planta de sua unidade de cobertura – que é onde G.H. mora – semelhante à descrita por Clarice Lispector no livro. Vale aqui ressaltar que a descrição precisa do apartamento de G.H. fez da aproximação projetual uma tarefa muito clara.

Depois, da cauda do apartamento, iria aos poucos "subindo" horizontalmente até o seu lado oposto que era o living. [...] Decidida a começar a arrumar pelo quarto da empregada, atravesssei a cozinha que dá para a área de serviço. No fim da área está o corredor onde se acha o quarto. Antes porém, encostei-me à murada da área para acabar de fumar o cigarro. Olhei para baixo: treze andares caíam do edifício. (LISPECTOR, 1964, p.34)

O edifício possui térreo em dois níveis e doze pavimentos de apartamentos. Divide-se em dois blocos, unidos pela caixa de escadas e elevador, que confinam dois apartamentos por andar na porção residencial. O último pavimento corresponde a apenas uma unidade, a da cobertura, que possui acesso privativo ao terraço. É nessa unidade que foi desenvolvido o projeto para a narrativa de Clarice Lispector.

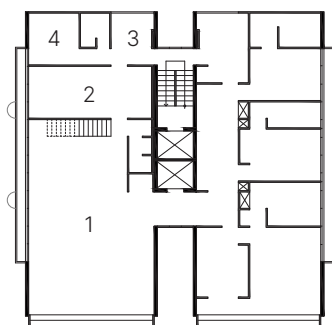


EDIFÍCIO GUAIMBÊ (1962)
Paulo Mendes da Rocha
São Paulo, SP, Brasil
foto: Revista Acrópole nº 343, 1967

O seguinte trecho do livro norteou o desenvolvimento desta intervenção: “o apartamento tem penumbras e luzes úmidas, nada aqui é brusco. Um aposento precede e promete o outro” (LISPECTOR, 1964, p.30). A partir disso foram criados ambientes cuja materialidade explora as relações entre opacidade e translucidez/transparência, e também sombras e texturas. Se na casa as relações terra-água e social-privado regiam o desenho, neste apartamento são as relações luz-sombra e aridez-umidade que o norteiam – embora o arquiteto Telésforo Cristófani tenha diferenciado social-privado através do desenho, tanto na planta dessa cobertura quanto na dos apartamentos-tipo.

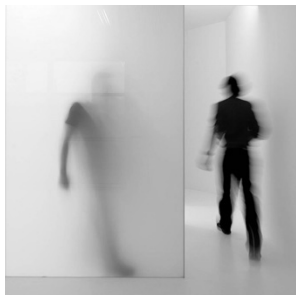


EDIFÍCIO GISELLE (1969)
Telésforo Cristófani
São Paulo, SP, Brasil
foto: José Moscardi



EDIFÍCIO GISELLE (1969)
unidade de cobertura

- 1. living
- 2. cozinha
- 3. lavanderia
- 4. quarto da empregada



CLÍNICA DA FALA (2012)
MMVArquitecto
Lisboa, Portugal
foto: Fernando Guerra
Exemplo da translucidez proposta
para o projeto do apartamento

Após sucessivas aproximações de desenho à planta da unidade de cobertura do Edifício Giselle, percebeu-se que a intervenção deveria ser sutil. Em uma reunião de projeto, minha orientadora, reconhecendo que nos deparávamos diante de uma arquitetura exemplar, questionou: "Como mudar tudo sem mudar nada?". Disto, pensamos que as paredes poderiam permanecer nas mesmas posições, porém com materialidade diferente que traria mais das relações supracitadas: translucidez e luminosidade.

O projeto compreende uma intervenção no pavimento de cobertura do Edifício Giselle que altera a materialidade das paredes existentes e cria ambientes que dialogam metafórica e/ou literalmente com a vida da personagem G.H.

Todos os desenhos técnicos tiveram como referência plantas, cortes e detalhes disponibilizados pela Seção de Materiais Iconográficos da Biblioteca da FAUUSP.

DADOS

- . nome: Edifício Giselle
- . ano: 1968 (projeto), 1969 (construção)
- . arquiteto: Telésforo Cristófani
- . endereço: Avenida Nove de Julho, nº 5713 - Itaim Bibi, São Paulo, SP, Brasil

- . área total da unidade de cobertura: 450 m²
- . área do pavimento inferior: 225 m²
- . área do pavimento superior: 225m²

- . living: 70 m²
- . lavabo: 2 m²
- . cozinha: 20 m²
- . lavanderia 01: 8 m²
- . lavanderia 02: 11 m²
- . banheiro dos fundos: 3 m²
- . quarto da empregada: 8 m²
- . suíte 01: 14 m²
- . banheiro da suíte 01: 5 m²
- . suíte 02: 13 m²
- . banheiro da suíte 02: 5 m²
- . suíte master: 33 m²
- . banheiro master: 10 m²
- . circulação: 23 m²



EDIFÍCIO GISELLE (1969)
Telésforo Cristófani
Vista da Avenida Nove de Julho
foto: José Moscardi



EDIFÍCIO GISELLE (1969)
Telésforo Cristófani
Vista da Rua Jerônimo da Veiga
foto: Arquivo Telésfoto Cristófani



EDIFÍCIO GISELLE (1969)
Telésforo Cristófani
Sala de estar de uma unidade tipo
foto: Carolina Mossin



EDIFÍCIO GISELLE (1969)
Telésforo Cristófani
Sala de estar de uma unidade tipo
foto: Carolina Mossin



R. João Cachoeira

R. Jerônimo da Veiga

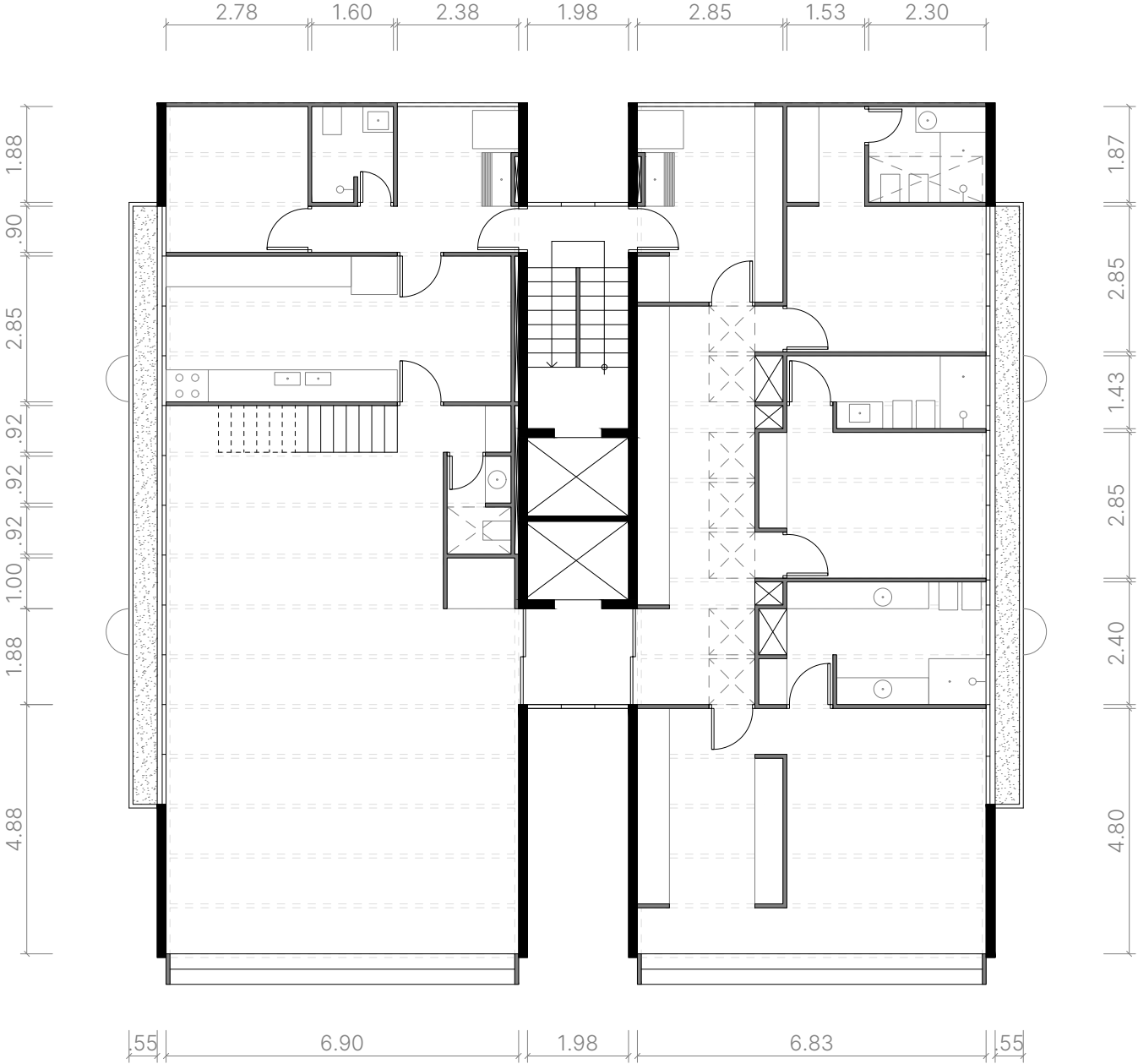
Av. Nove de Julho

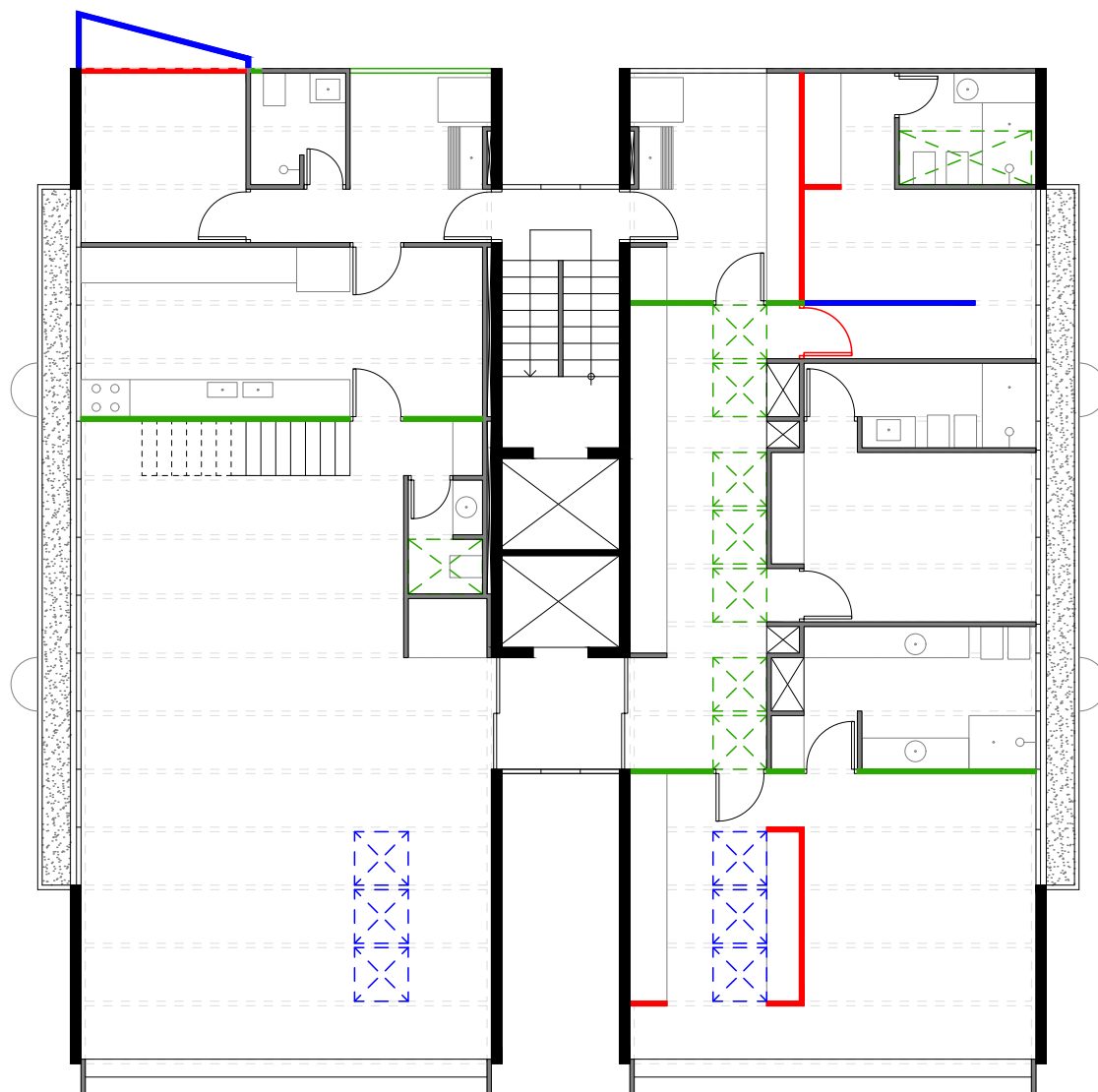
R. Manuel Guedes

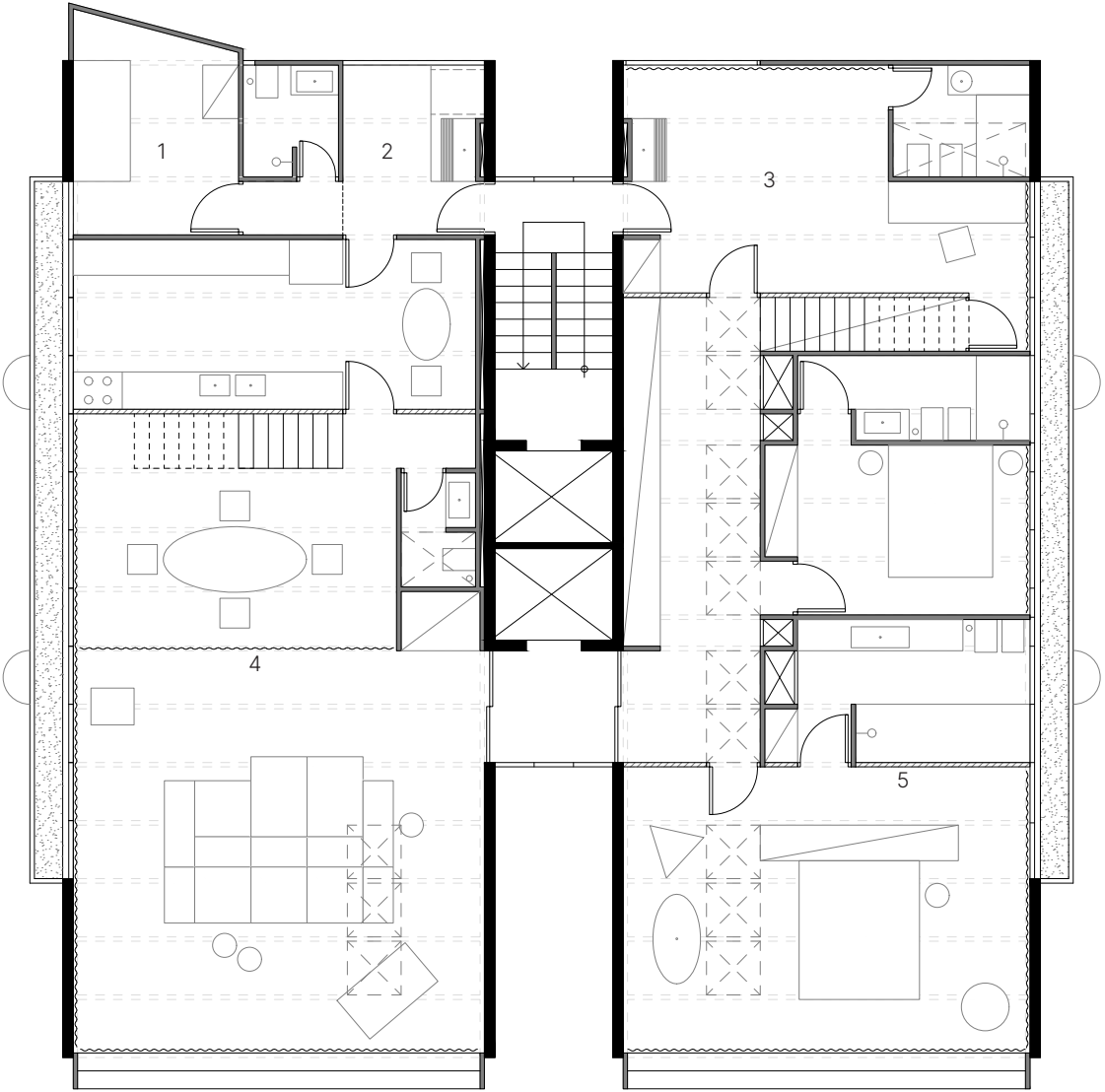


1:2500









1. Quarto da empregada

“O quarto não era um quadrilátero regular: dois de seus ângulos eram ligeiramente mais abertos. E embora esta fosse a sua realidade material, ela me vinha como se fosse minha visão que o deformasse. Parecia a representação, num papel, do modo como eu poderia ver um quadrilátero: já deformado nas suas linhas de perspectivas”

p.38

“Na minha casa fresca, aconchegada e úmida, a criada sem me avisar abria um vazio seco”

p.38

“O quarto divergia tanto do resto do apartamento que para entrar nele era como se eu antes tivesse saído de minha casa e batido a porta”

p.42

2. Lavanderia escavada

“Perdida no inferno abrasador de um cânion uma mulher luta desesperadamente pela vida”

p.81

“Daquele quarto escavado na rocha de um edifício”

p.105

3. Ateliê

“[...] a mim se referem como a alguém que faz esculturas que não seriam más se tivesse havido menos amadorismo”

p.26

“Da escultura, suponho, veio meu jeito de só pensar na hora de pensar, pois eu aprendera a só pensar com as mãos e na hora de usá-las”

p.29

4. Cortinas

“No resto da casa o sol se filtrava de fora para dentro, raio ameno por raio ameno,

resultado do jogo duplo de cortinas pesadas e leves”

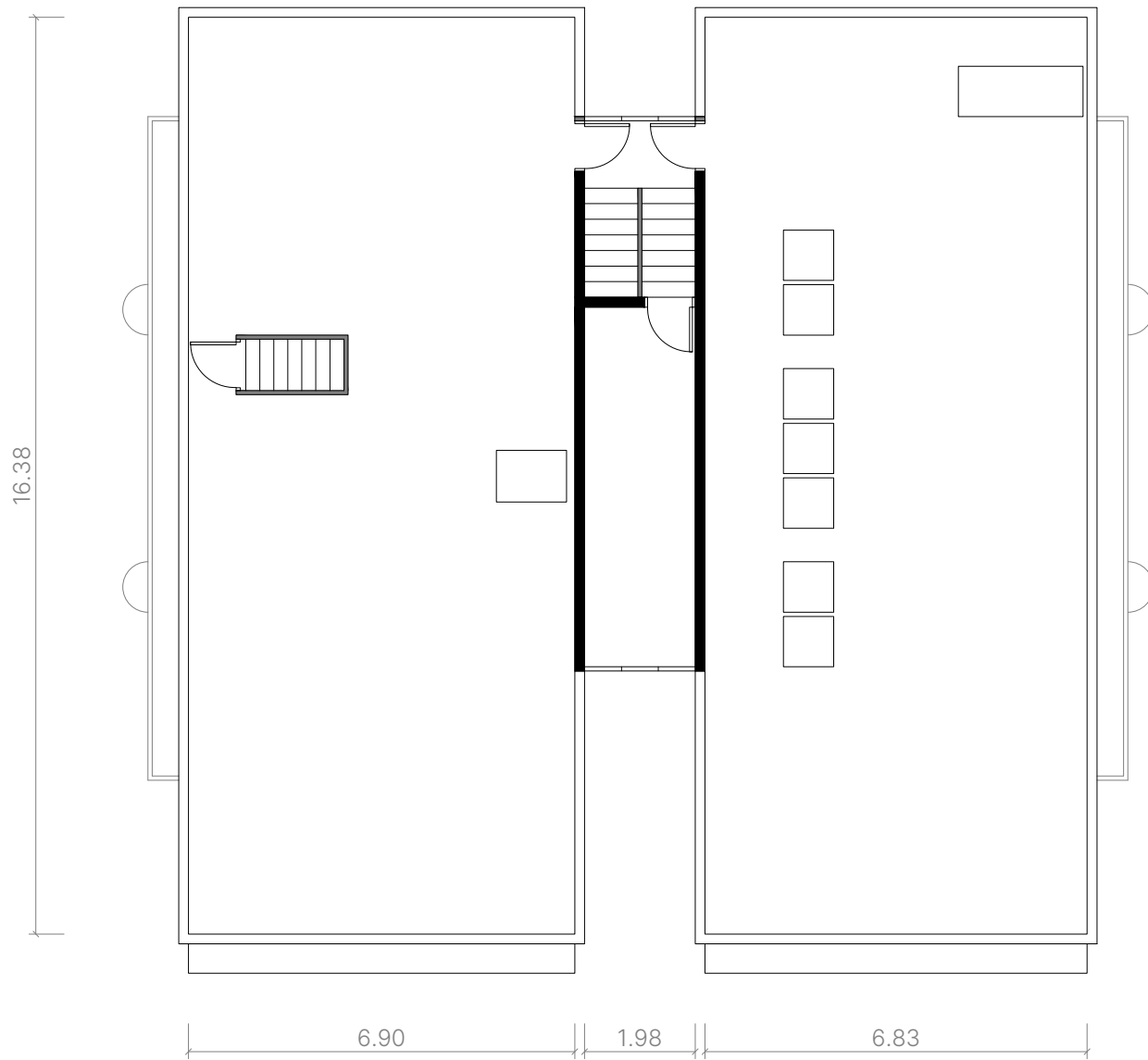
p.42

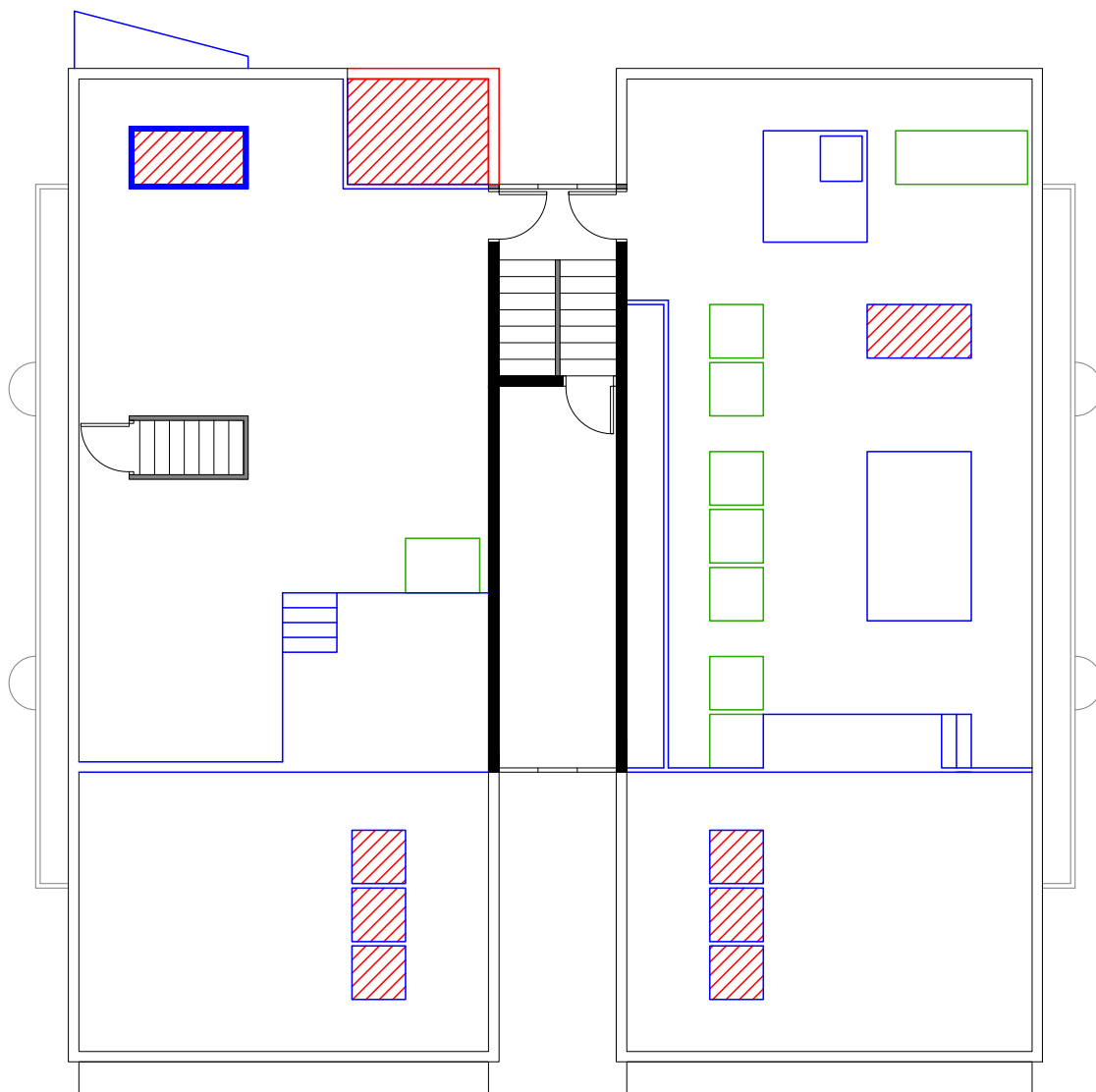
5. Divisórias translúcidas

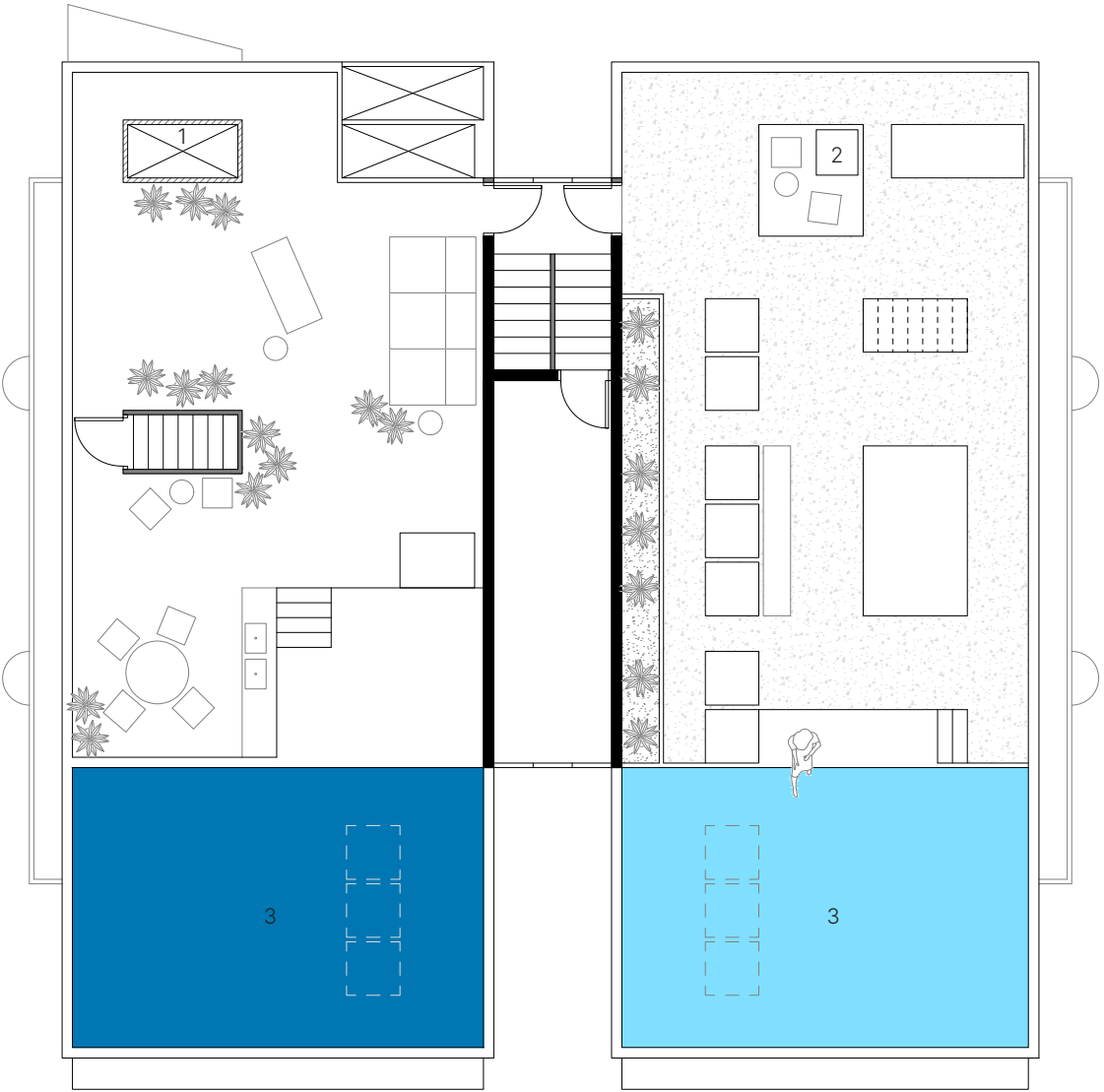
“Como eu, o apartamento tem penumbras e luzes úmidas, nada aqui é brusco. Um aposento precede e promete o outro. Da minha sala de

jantar eu via as misturas de sombras que preludiavam o living”

p.30







1. Minarete diáfano

“Mas ao abrir a porta meus olhos se franziram em reverberação e desagrado físico. É que em vez da penumbra confusa que esperara, eu esbarrava na visão de um quarto que era um quadrilátero de branca luz; meus olhos se protegeram franzindo-se”

p.37

“Como um minarete. Começara então a minha primeira impressão de minarete, solto acima de uma extensão ilimitada”

p.38

2. Fogo de chão

“[...] então que pelo menos eu tenha a coragem de deixar que essa forma se forme sozinha como uma crosta que

por si mesma endurece, a nebulosa de fogo que se esfria em terra”

p.15

3. Água

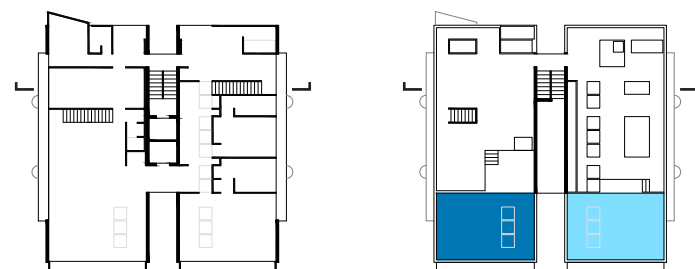
“A primeira coisa que eu faria seria arrastar para o corredor as poucas coisas de dentro. E então jogaria no quarto vazio baldes e baldes de água que o ar duro sorveria, e finalmente enlamearia a poeira até que nascesse umidade naquele deserto, destruindo o minarete que sobranceava altaneiro um

horizonte de telhados. Depois jogaria água no guarda-roupa para engorgitá-lo num afogamento até a boca - e enfim, enfim veria a madeira começar a apodrecer. [...] E jogaria água e água que escorreria em rios pelo raspado da parede”

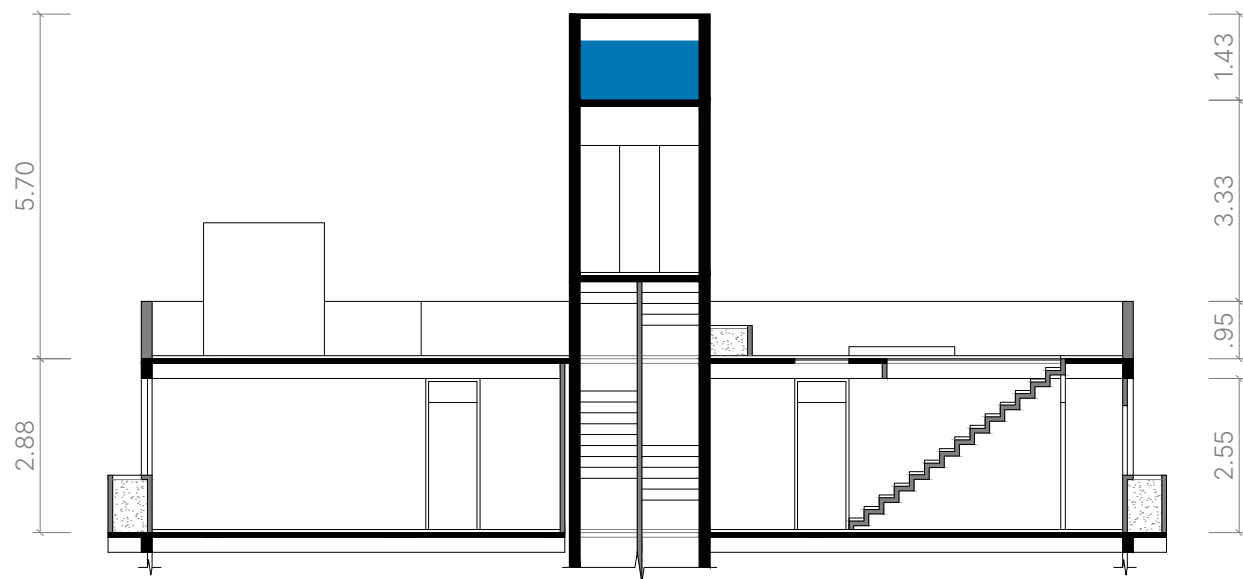
p.42-43



1: 125

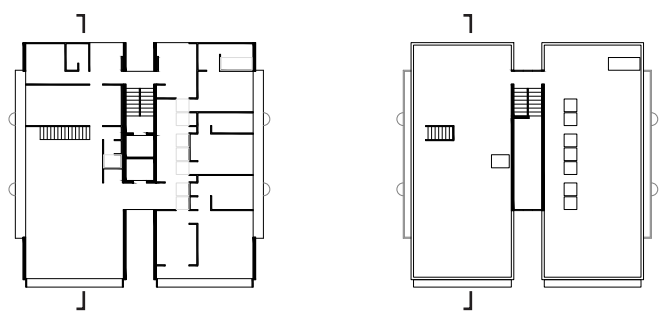
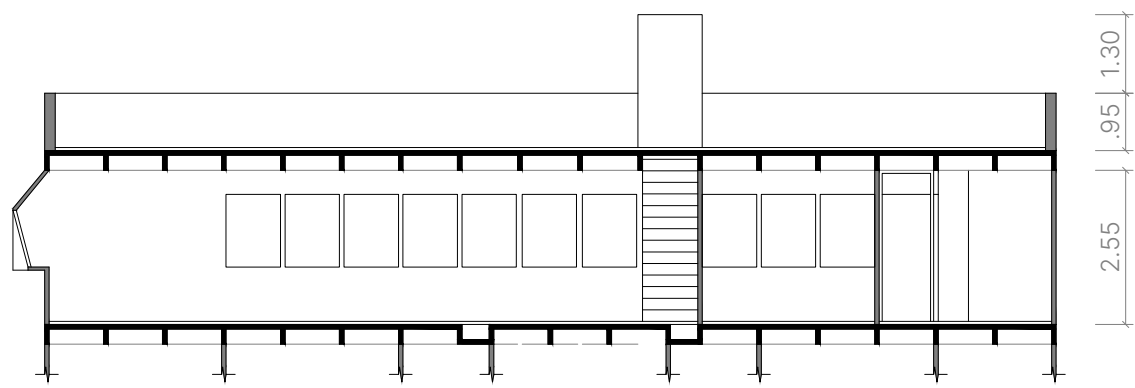


plantas propostas dos pavimentos inferior e superior



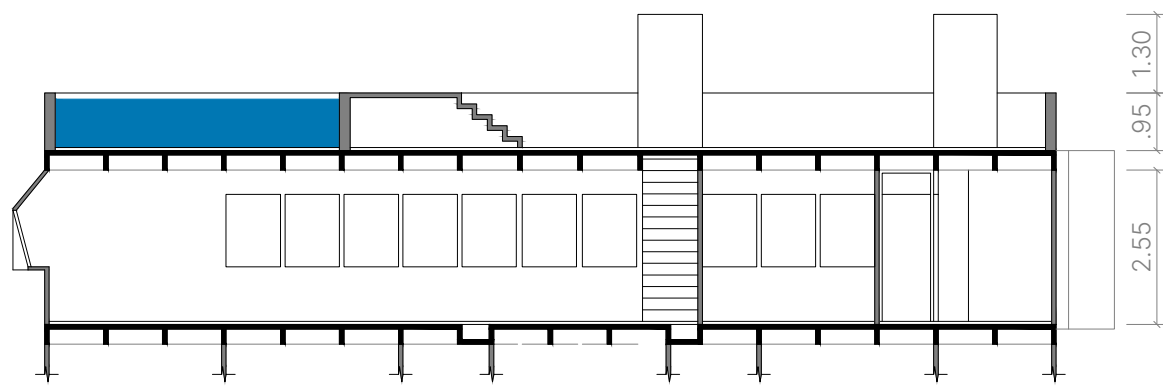
CORTE AA PROPOSTO

1: 125

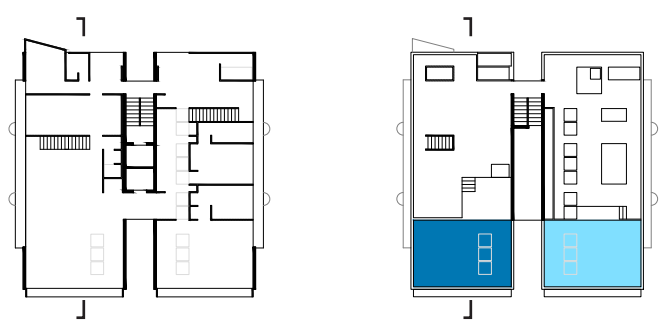


plantas originais dos pavimentos inferior e superior

CORTE BB ORIGINAL
1: 125

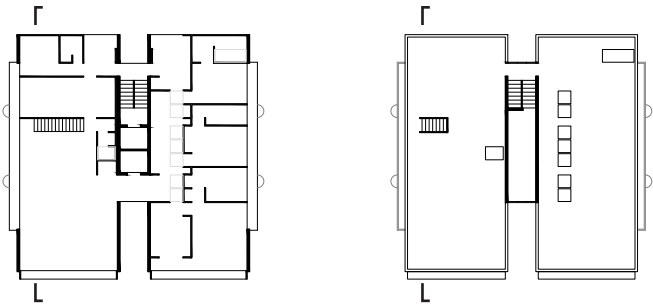
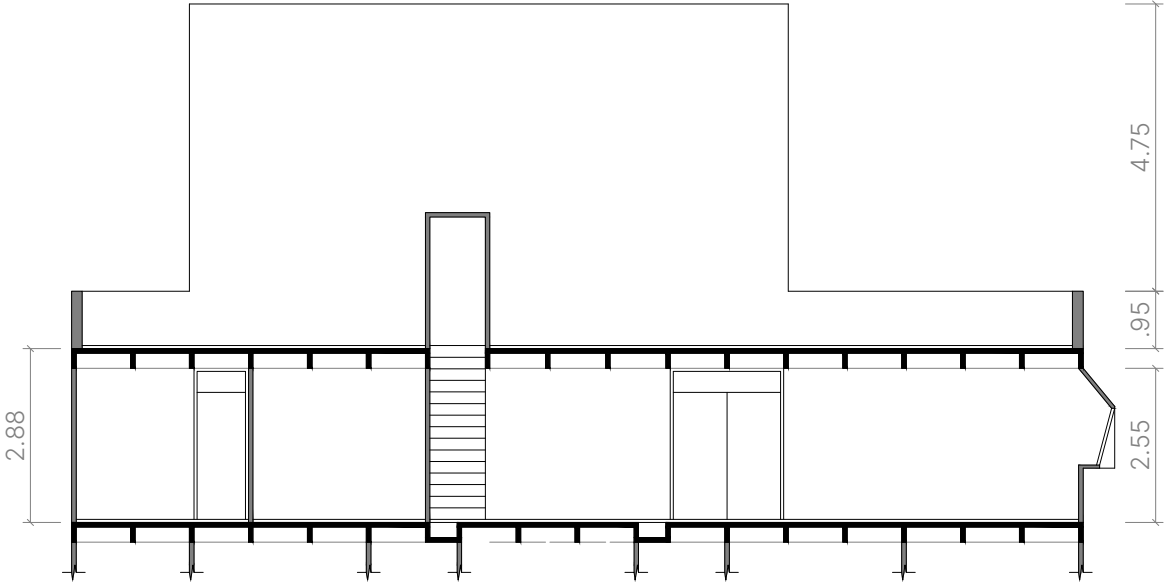


67



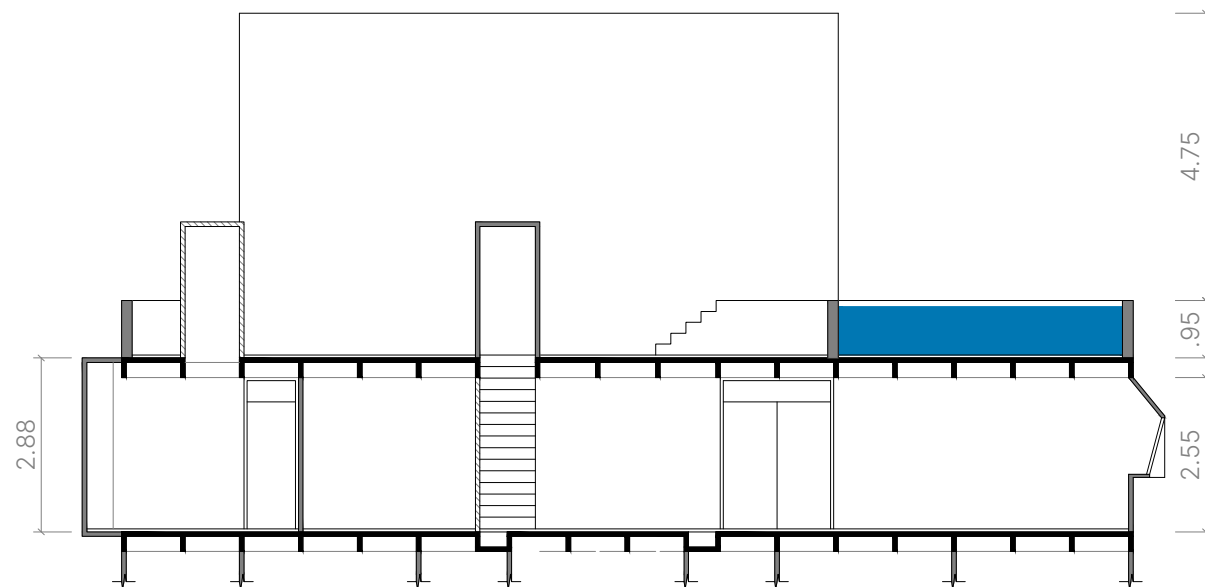
plantas propostas dos pavimentos inferior e superior

CORTE BB PROPOSTO
1: 125

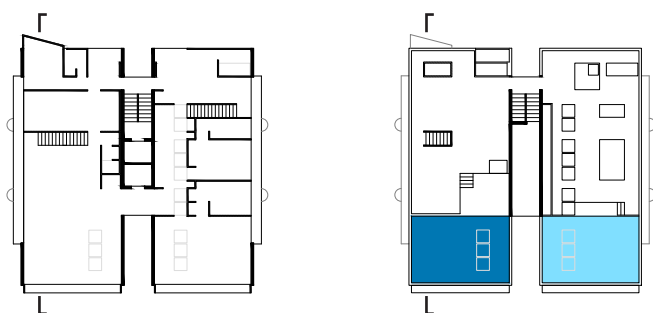


plantas originais dos pavimentos inferior e superior

CORTE CC ORIGINAL
1: 125



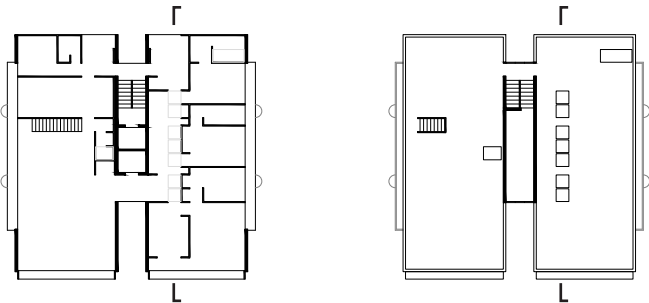
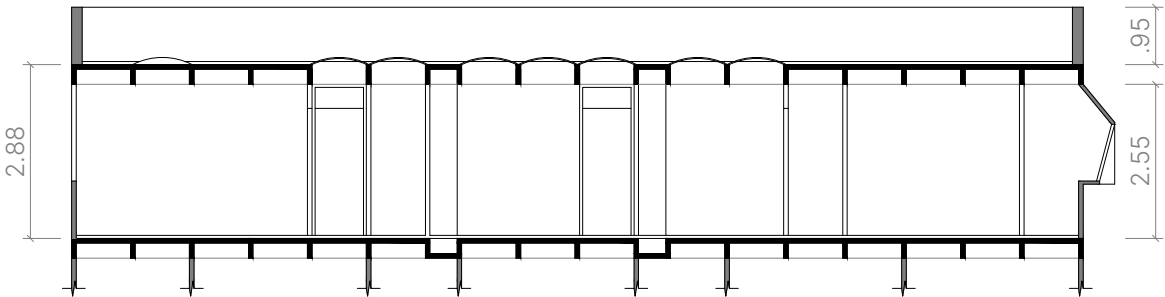
69



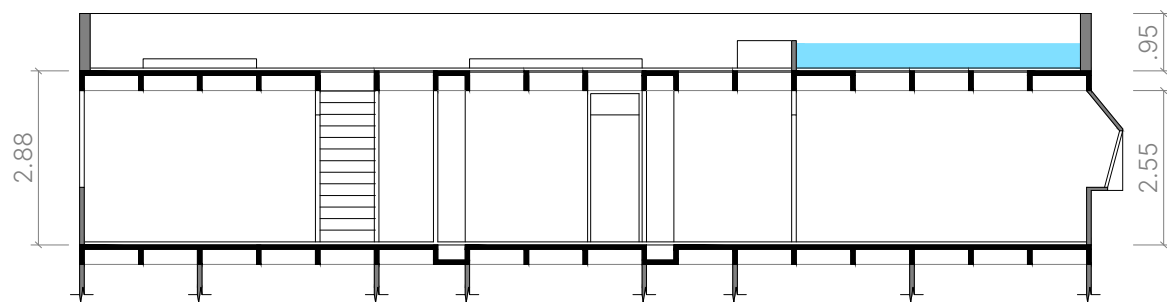
plantas propostas dos pavimentos inferior e superior

CORTE CC PROPOSTO

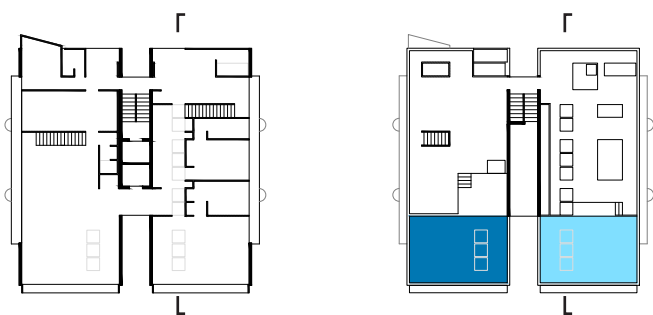
1: 125



plantas originais dos pavimentos inferior e superior



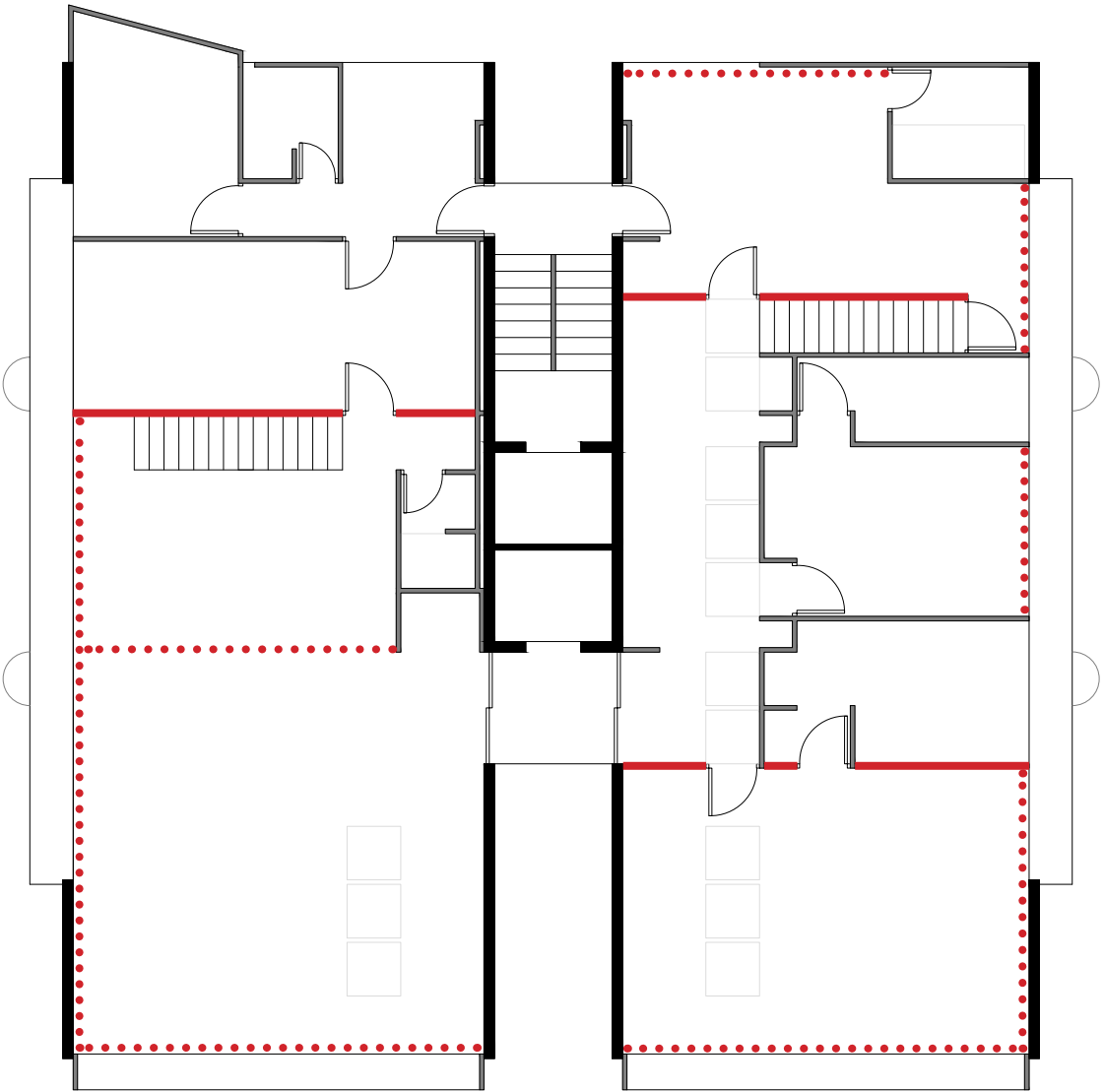
71



plantas propostas dos pavimentos inferior e superior

CORTE DD PROPOSTO

1: 125

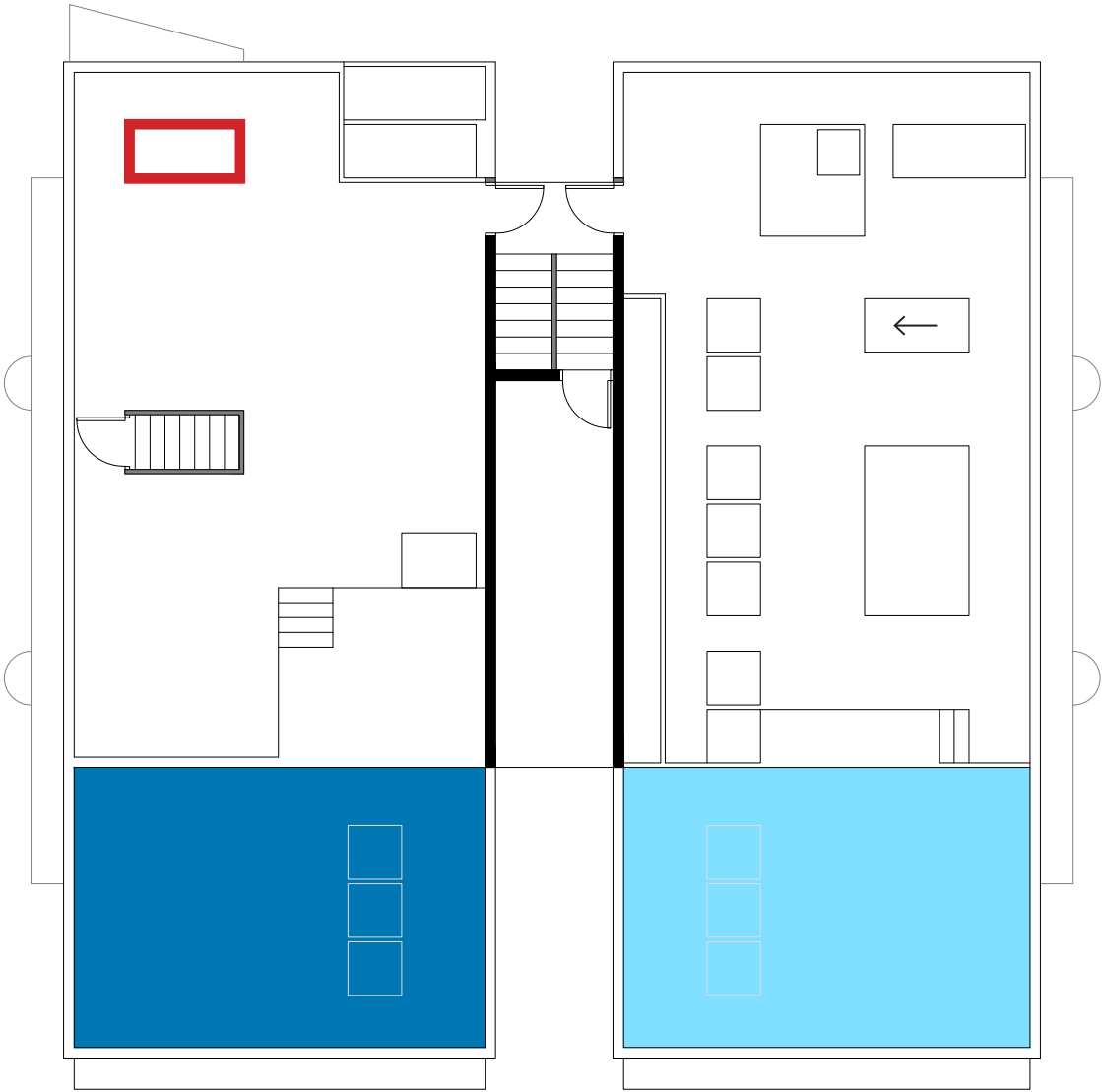




RESIDÊNCIA NO HORIZONTE (2019)
Fran Silvestre Arquitectos
 Alicante, Espanha
 foto: Fernando Guerra
 material: vidro acidato



MAISON À BORDEAUX (2012)
intervenção na Maison Bordeaux (1998),
do escritório OMA
Petra Blaisse
 Bordeaux, França
 foto: Frans Parthesius
 materiais: tela cinza e algodão branco





BLIND LIGHT (2007)

Antony Gormley

Hayward Gallery

Londres, Inglaterra

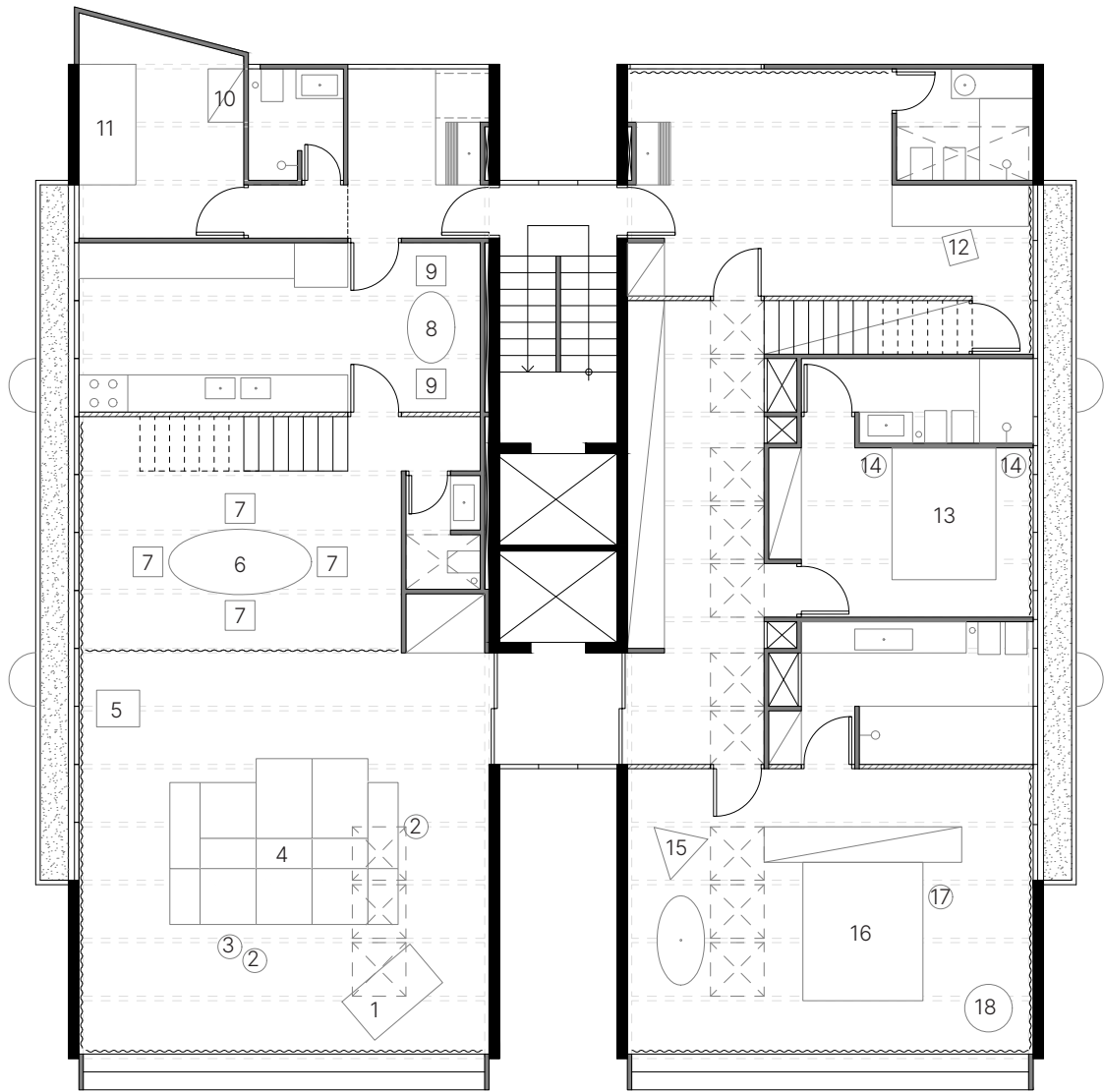
foto: Stephen White

materiais da instalação: lâmpada fluorescente,

água, umidificadores ultrassônicos, vidro

reforçado, alumínio

material proposto para o projeto: vidro acidato



Charlotte Perriand (7 móveis)
Piero Lissoni (3 móveis)
Lina Bo Bardi (3 móveis)
Charles & Ray Eames (2 móveis)
Jader Almeida (2 móveis)
Desconhecido (Soha) (1 móvel)





1
 . La Chaise
 . 1948; Charles & Ray Eames
 . L 85 x C 150 x
 . A 87 cm
 . Vitra



2
 . Tabouret Méribel
 . 1953; Charlotte Perriand
 . D 33 x A 38 cm
 . Cassina



3
 . Tabouret Berger
 . 1961; Charlotte Perriand
 . D 33 x A 27 cm
 . Cassina



4
 . Extrasoft Indoor
 . 2008; Piero Lissoni
 . L 279 x C 384 x
 . A 63 cm
 . Living Divani



5
 . Low Chair
 . 1946; Charlotte Perriand
 . L 62 x P 72 x
 . A 77 cm



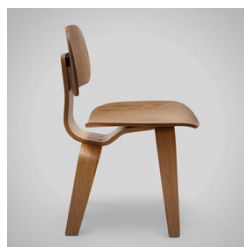
6
 . Table en Forme Libre
 . 1959; Charlotte Perriand
 . L 107 x C 236 x
 . A 74 cm
 . Cassina



7
 . Indochine Swiveling Chair
 . 1943; Charlotte Perriand
 . L 61 x P 56 x
 . A 73 cm
 . Cassina



8
 . Mexique Table
 . 1952; Charlotte Perriand
 . L 80 x C 118 x
 . A 70 cm
 . Cassina



9
 . Plywood DCW (dining chair wood)
 . 1946; Charles & Ray Eames
 . L 50 x P 56 x
 . A 72 cm
 . Vitra



10
 . Wardrobe n°1
 . Soha Concept
 . L 80 x P 40 x
 . A 175 cm



11
 . Single Bed
 . 1959; Charlotte Perriand, Le Corbusier, Pierre Jeanneret
 . L 96 x C 206 x
 . A 62 cm
 . Cassina



12
 . Cadeira para o auditório do MASP
 . 1947; Lina Bo Bardi
 . L 46 x P 58 x
 . A 87 cm
 . Etel



13
 . Makura Bed
 . 2016; Piero Lissoni
 . L 175 x C 225 x
 . A 92 cm
 . Porro



14
 . Trez
 . 2008; Jader Almeida
 . D 50 x A 55 cm
 . Sollos



15
 . Poltrona de Três Pés
 . 1951; Lina Bo Bardi, Giancarlo Piretti
 . L 63 x P 80 x
 . A 75 cm
 . Etel



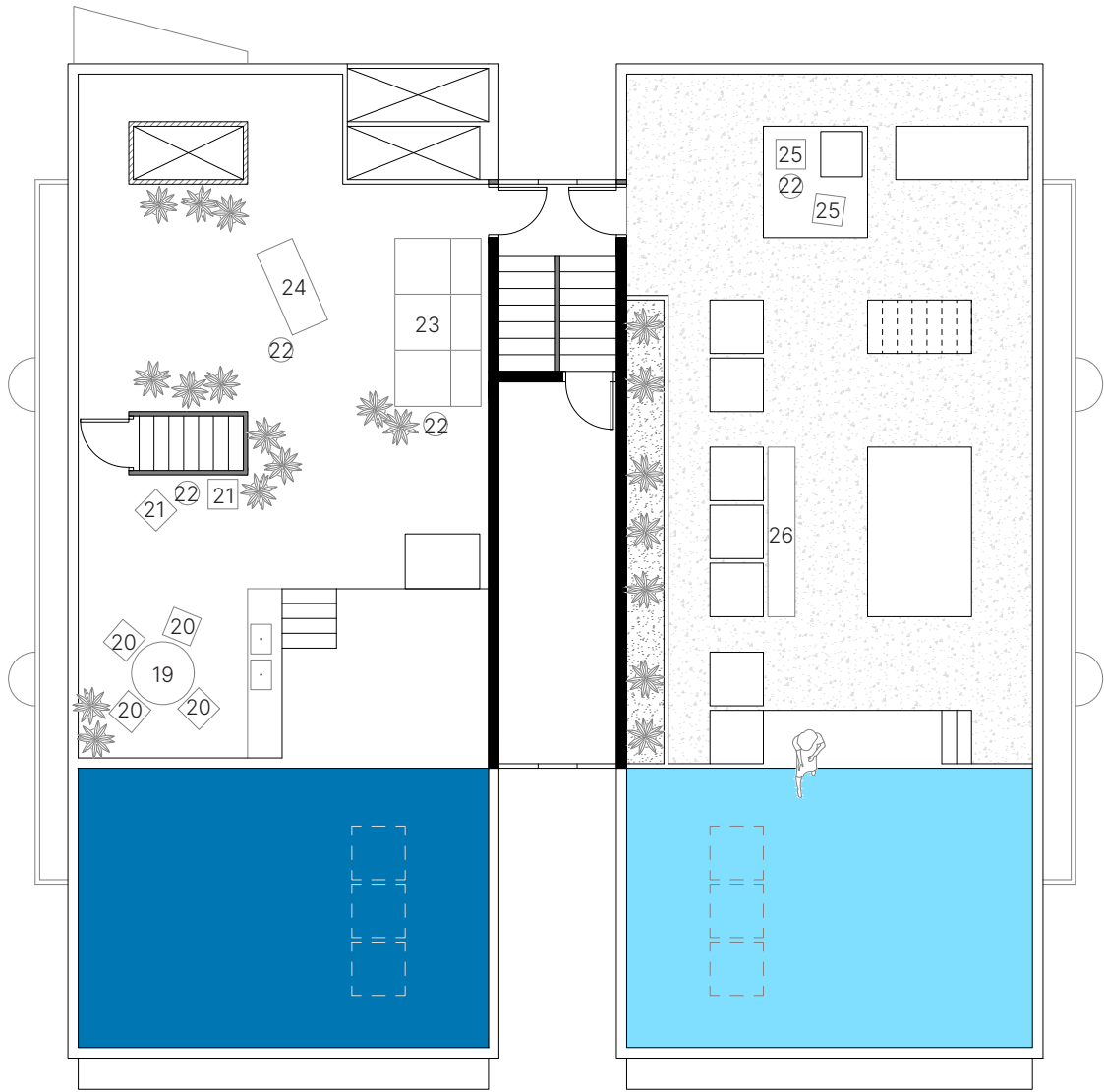
16
 . Extrasoft Bed
 . 2016; Piero Lissoni
 . L 202 x C 273 x
 . A 63 cm
 . Living Divani



17
 . Buti
 . 20??; Jader Almeida
 . D 50 x A 55 cm
 . Sollos



18
 . Bardi's Bowl
 . 1951; Lina Bo Bardi
 . D 86 x H 78 cm
 . dpot



Charlotte Perriand (3 móveis)
Piero Lissoni (2 móveis)
Claudia Moreira Sales (2 móveis)
Joseph B. Fenby (1 móvel)



19
 . Les Arcs Dining Table
 . 1962; Charlotte Perriand
 . D 105 x A 75 cm



20
 . Neve Chair
 . 2010; Piero Lissoni
 . L 50 x P 45 x A 75 cm
 . Porro



21
 . Doron Hotel Armchair
 . 1947; Charlotte Perriand
 . L 60 x P 66 x A 73 cm



22
 . Lua
 . 2012; Claudia Moreira Salles
 . D 50 x A 40 cm



23
 . Extrasoft Outdoor
 . 2012; Piero Lissoni
 . L 145 x C 282 x A 63 cm
 . Living Divani



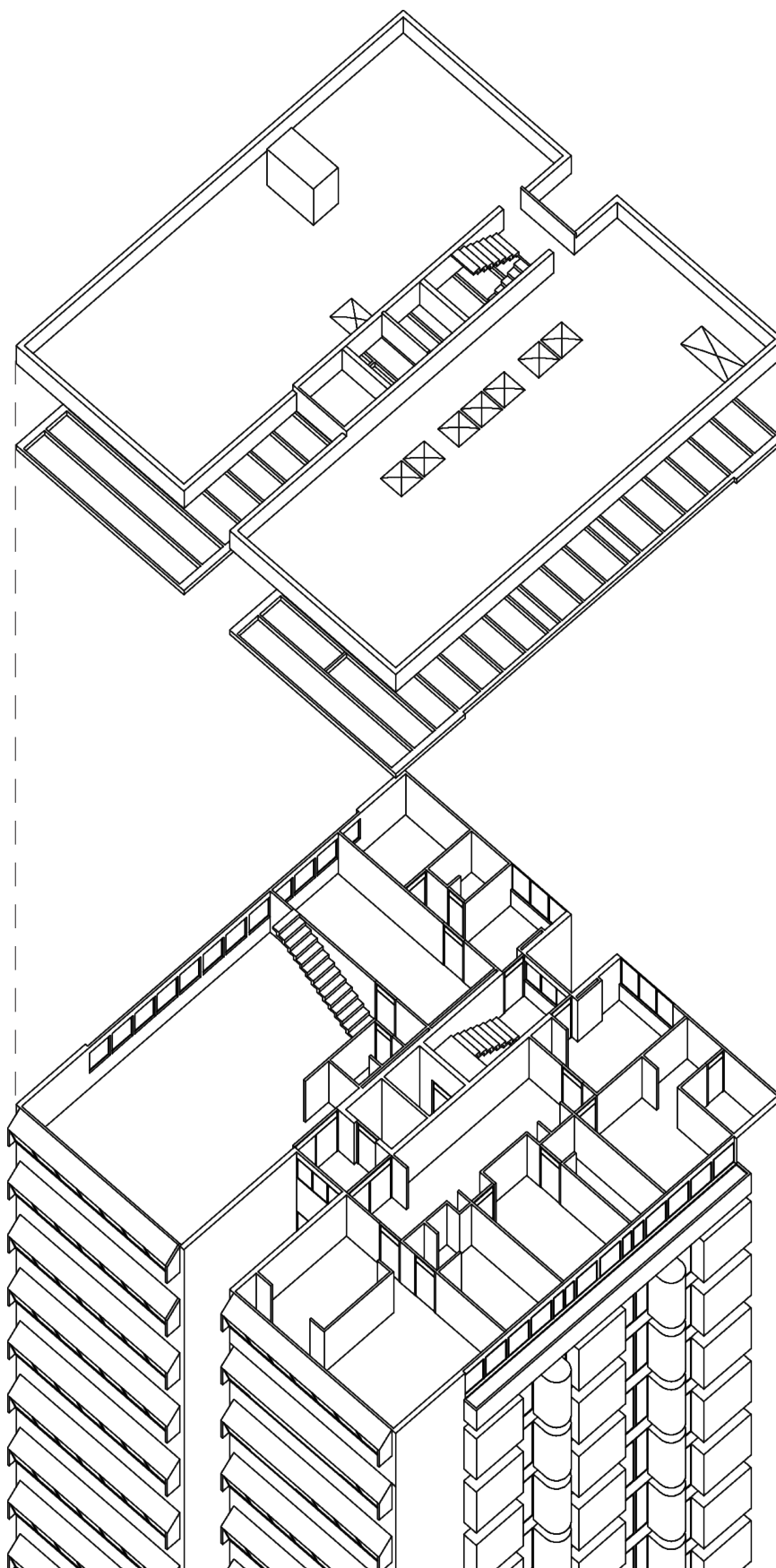
24
 . Tokyo Chaise Longue
 . 1940; Charlotte Perriand
 . L 65 x C 149 x A 75 cm
 . Cassina

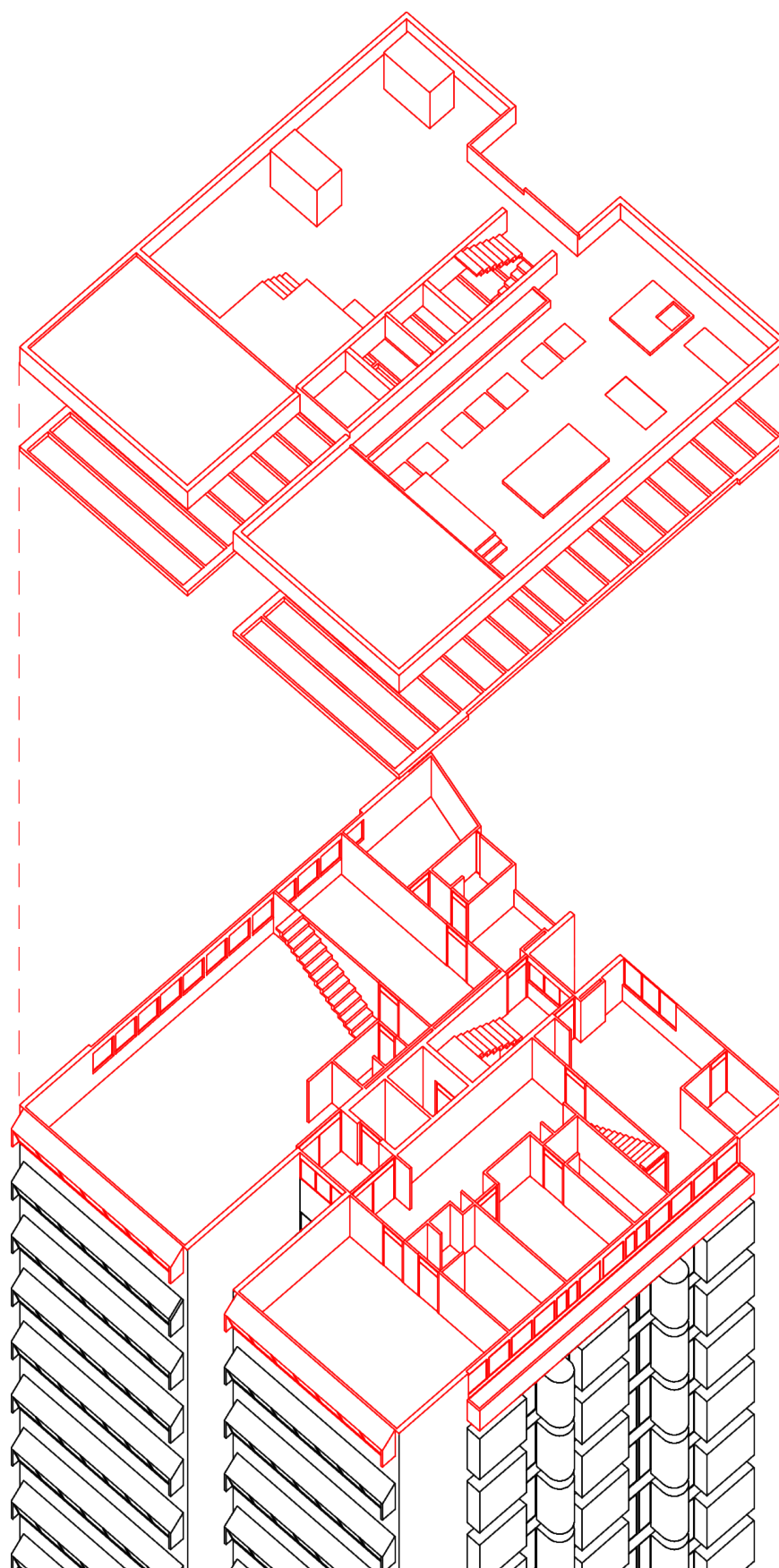


25
 . Tripolina Chair
 . 1881; Joseph B. Fenby
 . L 71 x P 74 x A 91 cm
 . United Seats



26
 . Meio Dominó
 . 2016; Claudia Moreira Salles
 . L 273 x P 45 x A 48 cm
 . dpot













UMA TARDE NO APARTAMENTO

Foi acordado pelo brilho do sol. A cidade lá em baixo já fazia barulhos de plena atividade, mas não havia uma alma viva naquele *rooftop*. A festa da noite anterior fora incrível, mas agora não havia vestígio algum do que tinha acontecido. As únicas coisas que garantiam a Pedro que realmente ocorreria uma festa eram sua dor de cabeça e a visão turva.

Estava deitado em uma espécie de plataforma, no chão, com as roupas sujas de argila. Percebeu que estava deitado na área que a anfitriã usava para esculpir ao ar livre. Levantou-se, com o equilíbrio ainda em cheque por conta da bebida.

86

Não se recordava como chegara naquela parte do apartamento, mas sabia que precisava sair dali antes que fosse considerado um intruso. Tentou olhar para a cidade a partir daquela cobertura. Não conseguiu fazê-lo por muito tempo, o sol o irritava. Via o reflexo do brilho da estrela nas águas da prainha onde tinha molhado os pés na noite anterior. Lembrou-se vagamente que além da prainha havia uma piscina na qual mergulhara e... realmente fora uma grande farra.

Olhou para o outro lado, viu o platô da fogueira. Instintivamente seguiu para lá, como se recordasse o caminho da saída. No chão, percebeu que havia um tipo de porta horizontal. Arrastou-a, abrindo-a. Revelou-se então uma escada que conduzia ao pavimento inferior. A visão turva e a tontura lhe prejudicavam descer a escada. Teve que jogar todo o peso de seu corpo sobre o corrimão, ou então cairia.

Finalmente, depois da árdua tarefa de descer as escadas, Pedro se viu na ponta de um longo corredor. Supôs que ali fosse o corredor dos quartos. À sua direita havia uma porta semitransparente, no meio de uma parede translúcida. Era-lhe instigante, mas ele se lembrava

de ter vindo do lado oposto. Talvez fosse naquele sentido que ficava o hall do elevador. Seguiu para lá, mas a porta que dava para o hall estava trancada.

Sentiu-se enjoado. Precisava de um banheiro. Onde ficaria? Abriu a porta que estava à sua esquerda, entrando no que parecia a suíte master. A água do andar de cima tinha seus reflexos projetados no piso, nas paredes e nas cortinas do quarto através de três clarabóias no teto. Aquilo seria lindo se a visão turva e o enjôo de Pedro não o estivessem perturbando. Seguiu para o que descobriu ser o banheiro da suíte. Aliviou-se.

Com o rosto lavado, mas ainda tonto e turvo, Pedro saiu do quarto. Seguiu novamente por aquele corredor, indo até a porta daquele paredão translúcido que ficava ao pé da escada. Abriu-a. Estava agora no ateliê.

O cômodo era cheio de pecinhas indistinguíveis. Não eram apenas esculturas, mas vários objetos de modelagem que para Pedro eram divididos em facas e tesouras. Aquela quantidade infernal de cacarecos lhe fez mal aos nervos. Girou a chave e abriu a porta que julgou ser a de saída. Percebeu que havia alcançado a escada de serviço. A alguns degraus abaixo havia um elevador de serviço, porém inutilizado para manutenção. A alguns degraus acima, a conexão entre o pavimento superior e o que julgava ser a área técnica do edifício. Perguntou-se o porquê de não ter entrado nessa circulação através da porta do andar de cima.

87

Se por um lado Pedro se alegrava de ter encontrado aquelas escadas, por outro se entristecia por ter consciência de que não conseguiria descê-las até o térreo. Quase caíra na descida de um piso a outro, quanto mais na descida de... quantos andares o prédio tinha mesmo? Por que raios o elevador não funcionava?

Resolveu cruzar o patamar da escada e tentar abrir a porta que conectava um lado ao outro. Num estranho golpe de sorte, a porta estava aberta. Chegou à área de serviço. Descoberta, como se tivessem escavado o andar superior e deixado apenas as vigas, o espaço estava exposto à cidade. Da mureta via-se o abismo que findava na rua de trás do edifício. A luz do sol escaldante fez com que Pedro se sentisse enjoado. Correu para o fim do corredor, achando que aquela seria a porta do banheiro, mas acabava de entrar no quarto da empregada.

O pequeno quarto tinha uma claraboia alongada, como se tivessem puxado uma gaveta em direção ao céu. Parecia que fora pensado como algo que deixasse a marca da anfitriã no

volume externo do edifício: uma das paredes do ambiente se projetava angulada para fora do prédio. Era um quarto pitoresco, como se algo grande houvesse acontecido ali, algum tipo de explosão que se manifestava no ato de expandir as coisas, seja através da gaveta ou da parede.

Saiu do quarto, menos enjoado do que quando entrou. Talvez não precisasse mais de um banheiro. Tudo o que queria era sair daquele apartamento. Abriu a porta à sua direita. Percebeu-se na cozinha. Duvidou do que via: não sabia se a parede turva era realmente turva ou se era a sua visão que o enganava. Aproximou-se da parede e percebeu que ela era de fato translúcida. Podia ver o cômodo seguinte através de uma película de névoa. Não se deteve divagando sobre a parede, queria ir embora. Abriu a porta da cozinha, chegando à sala.

O cômodo era cercado por cortinas. No tecido de algumas delas se repetia o diáfano presente na parede que dava para a cozinha. Já no tecido de outras, porém, sua densidade barrava a luz, conformando-a aos espaços vazios e dando rumo à sua visão. Aqui também estavam presentes os reflexos d'água que passavam por outras três clarabóias de sob a piscina. À visão turva de Pedro, essa sucessão de luzes – ou de sombras – fazia com que a sala fosse absolutamente nebulosa, confundindo-o na localização da porta que dava para o hall do elevador.

Finalmente, superando a falta de orientação, quando Pedro encontrou a porta de saída, a mesma estava trancada. Praguejou ao reconhecer as escadas de serviço como sua única opção de fuga.





Tigrela
Lygia Fagundes Telles, 1977

A TOCA



APROXIMAÇÃO

Este projeto se origina a partir da vontade de se desenvolver um elemento novo em uma arquitetura existente. Se o desenho da casa de "O Menino e o Bruxo" tratava de arquitetura inédita e o apartamento de "A Paixão segundo G.H." de um projeto de reforma aderente ao espaço original, este último projeto deveria reconhecer o existente e acoplar um novo volume.

Lygia Fagundes Telles (1923-) é autora de livros como "Ciranda de Pedra" (1954), "Verão no Aquário" (1964), "Antes do Baile Verde" (1970) e "As Meninas" (1973), e presença frequente em minhas listas de leitura. Para este projeto foi selecionado o conto "Tigrela", presente no livro "Seminário dos Ratos" (1977).

92

A narrativa se passa em um café. Romana e sua amiga, cujo nome não é revelado, estão conversando sobre o fato de a primeira estar convivendo com um tigre num apartamento de cobertura.

"Tivera um namorado que andara pela Ásia e na bagagem trouxera Tigrela dentro de um cestinho, era pequenina assim, precisou criá-la com mamadeira. Crescera pouco mais do que um gato [...]. Dois terços tigre e um terço mulher, foi se humanizando [...]" (TELLES, 1977, p.31)

Segue-se o diálogo tensionando a relação conflituosa entre Romana e Tigrela morando juntas. As duas parecem estar em uma relação homoafetiva escamoteada através da metáfora desse ser fantástico, seja ele literalmente polimórfico ou não.

"Ao que tudo indica, o suposto animal seria uma mulher, trazida bem jovem de uma viagem de Yasbeck [caso amoroso de Romana], e que se interpôs no relacionamento do casal, ganhando paulatinamente mais espaço. O triângulo amoroso teria, aos poucos, se tornado uma relação homossexual entre Romana e a moça" (CALDAS, 2016, p.326)

Servindo de cenário para este relacionamento conturbado está o apartamento em que as duas moram. Trata-se de um ambiente isolado no qual os rompantes de paixão, ciúmes e violência ficam protegidos da visão do mundo.

A casa da narrativa está situada em um edifício alto que afasta a vida privada do público, porém essa altura serve de ferramenta aos impulsos suicidas de Tigrela:

"Mas já sei que só tenta o suicídio na bebedeira e então basta fechar a porta que dá para o terraço" (TELLES, 1977, P.32)

O isolamento possibilita que as moradoras desse apartamento estejam resguardadas de um ambiente hostil ao relacionamento em que se encontram, porém desprotegidas uma da outra. Neste aspecto, o jardim que é descrito no livro, funciona não apenas como proteção do mundo exterior, mas também como refúgio para a própria Tigrela:

"O ciúme. Fica intratável. Recusa a manta, a almofada, e vai para o jardim, o apartamento fica no meio de um jardim que mandei plantar especialmente, uma selva em miniatura" (TELLES, 1977, p.36)

Apesar da influência mútua entre Romana e Tigrela, infere-se que idealmente o apartamento serve de fundo para a liberação do id freudiano de cada personagem, um local de fuga de qualquer repressão social.

"[...] as representações simbólicas do tigre e do jardim surgem como sugestivas de um desejo de libertação e de acesso a um lado selvagem, ao impulso dionisíaco. Dessa forma, o fantástico atua como marca de um discurso cifrado que mascara, ao mesmo tempo em que revela, uma transgressão" (CALDAS, 2016, p.334)

PROJETO

94

Partindo do pressuposto de que este projeto demandaria a base de um edifício existente, em diálogos durante orientação chegamos ao projeto do Grupo SP para a ampliação do Edifício Lagoinha (1959), do arquiteto Carlos Millan. Esse edifício era de particular interesse porque, assumindo como construído o projeto do Grupo SP, se trata de uma arquitetura em dois tempos: o fim da década de cinquenta, época do projeto de Millan, e 2002, ano do projeto do Grupo SP. Concluído este TFG, será o projeto de uma arquitetura em três tempos.

Mesmo que contradizendo o que é descrito no conto "Tigrela", esta obra compreende um prédio baixo, de pouco mais de 15 metros de altura. O tempo, a escala¹ e a localização – localiza-se próximo a uma grande área verde para onde Tigrela poderia fugir – foram fatores determinantes para a escolha deste edifício como base de projeto. Para este trabalho considera-se construído o projeto do Grupo SP para o anexo ao edifício existente.

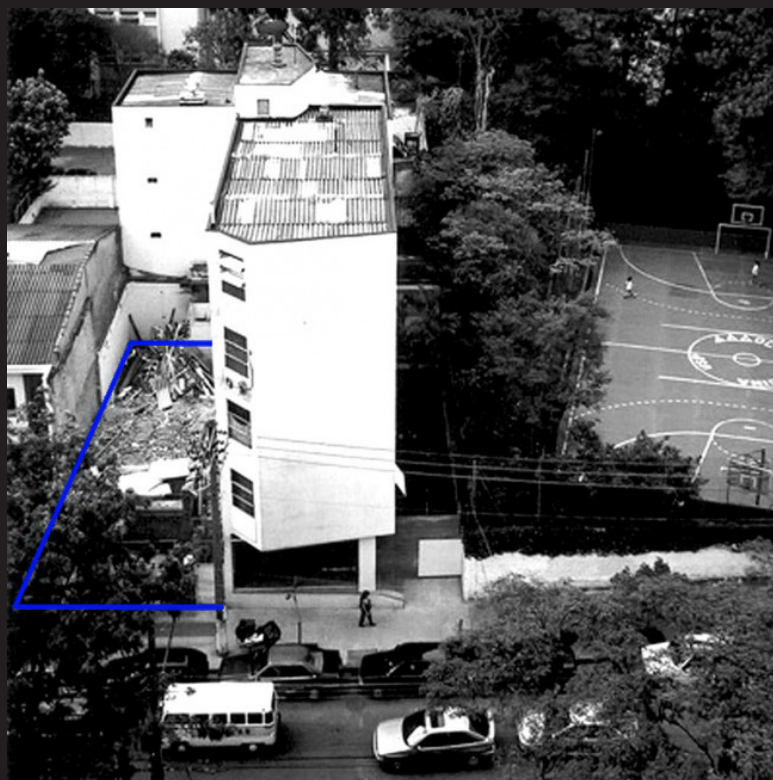
¹ o tamanho do Edifício Lagoinha serve também como forma de diferenciação do prédio utilizado como base para o Apartamento de "A Paixão Segundo G.H."

O espaço projetado tem como programa dormitório e banheiro, cercados por um jardim na cobertura do edifício. Trata-se de uma construção gerada a partir das linhas existentes do prédio, levando em consideração tanto as características do original quanto as de sua ampliação. Além disso, de modo diferente do apartamento do segundo capítulo, busquei interferir o mínimo possível no desenho da unidade existente, apenas inserindo uma escada helicoidal que conectaria o pavimento inferior à cobertura onde de fato a intervenção seria evidente.

Todos os desenhos técnicos tiveram como referência as plantas e o corte disponibilizados no site do Grupo SP.

DADOS

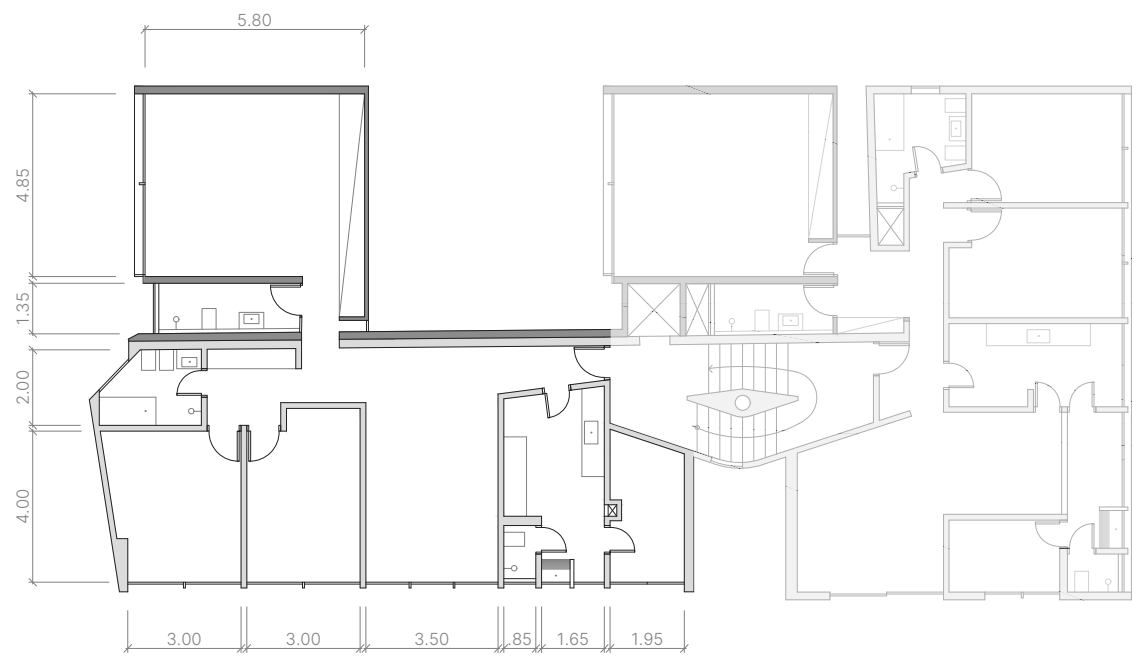
. nome:	Edifício Lagoinha	Anexo ao Edifício Lagoinha
. ano:	1959 (construção)	2002 (projeto)
. arquiteto:	Carlos Millan	Grupo SP
. endereço:	Rua Artur de Azevedo, nº 32 - Cerqueira César, São Paulo, SP, Brasil	
. área do volume novo:	32 m ²	



EDIFÍCIO LAGOINHA, projeto do arquiteto Carlos Millan, construído em 1959, com proposta de ampliação feita pelo escritório Grupo SP em 2002.
Vista da rua Artur de Azevedo
(em azul: projeção da ampliação)
foto: página do projeto “Anexo ao Edifício Lagoinha” do escritório Grupo SP

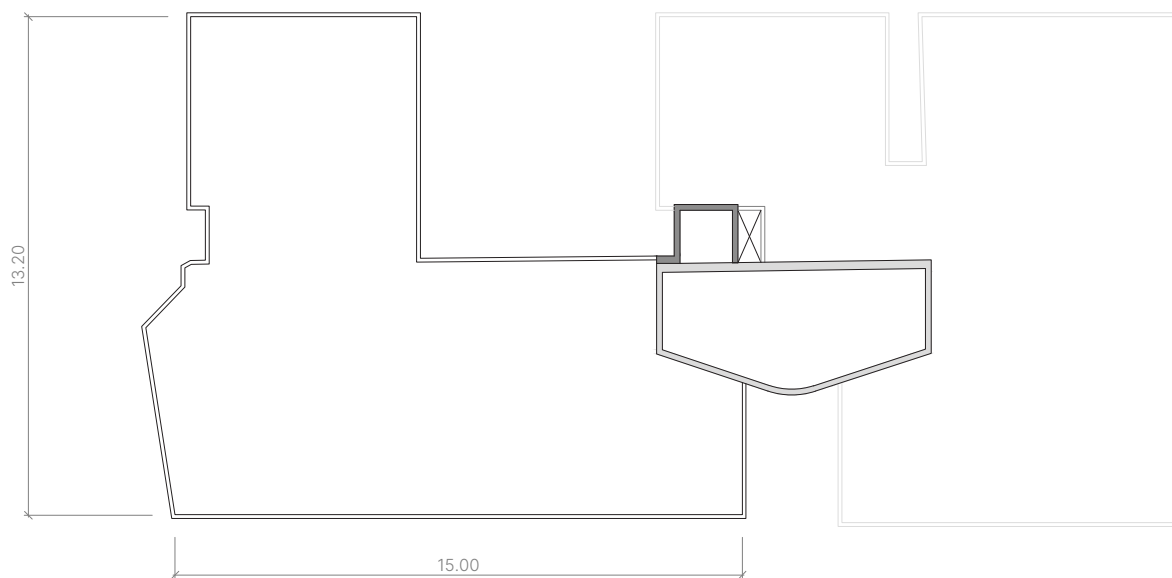






INFERIOR ORIGINAL
1: 200

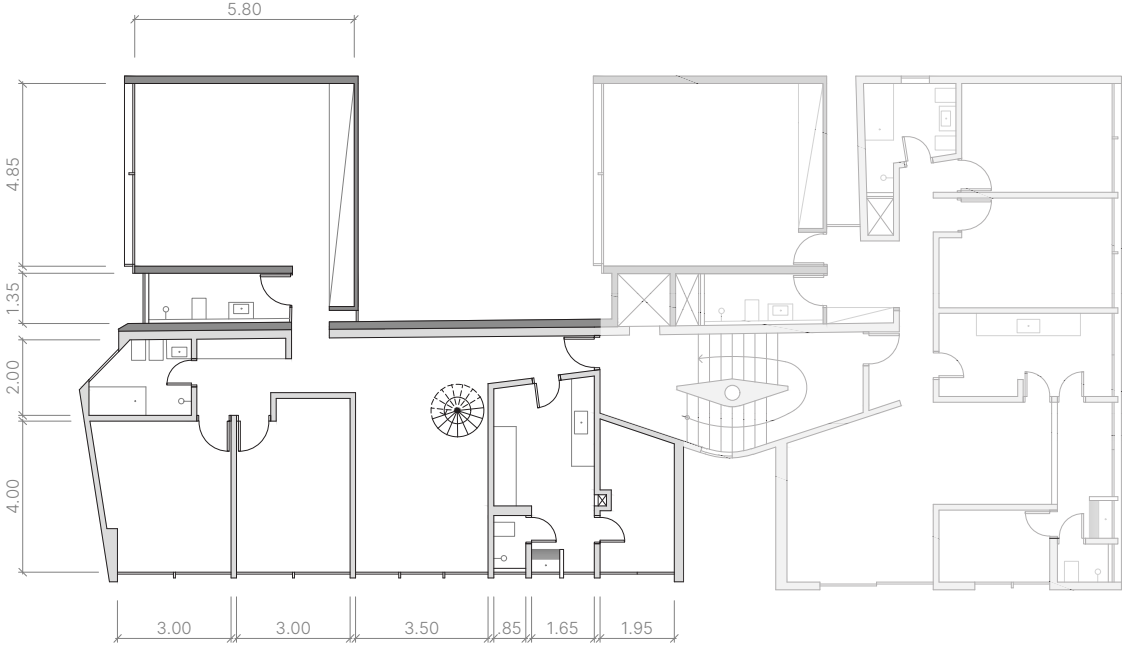
— Carlos Millan (1959)
— Grupo SP (2002)

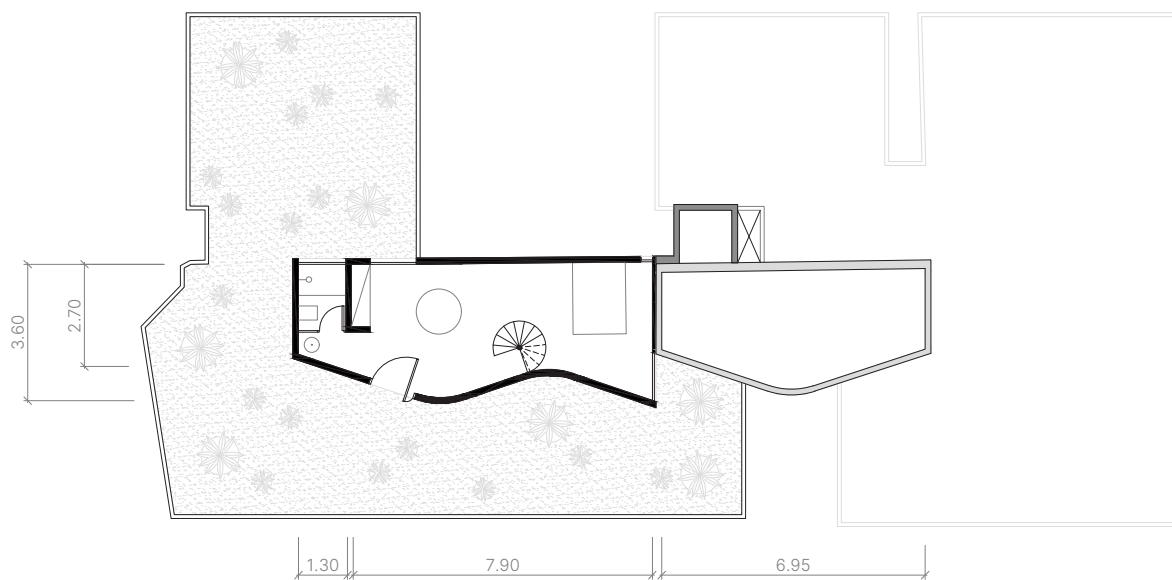


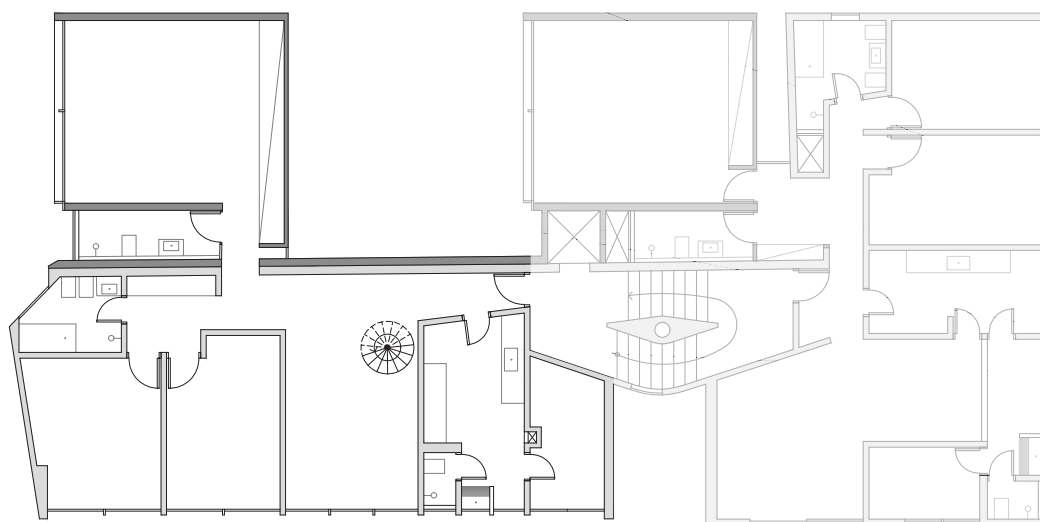
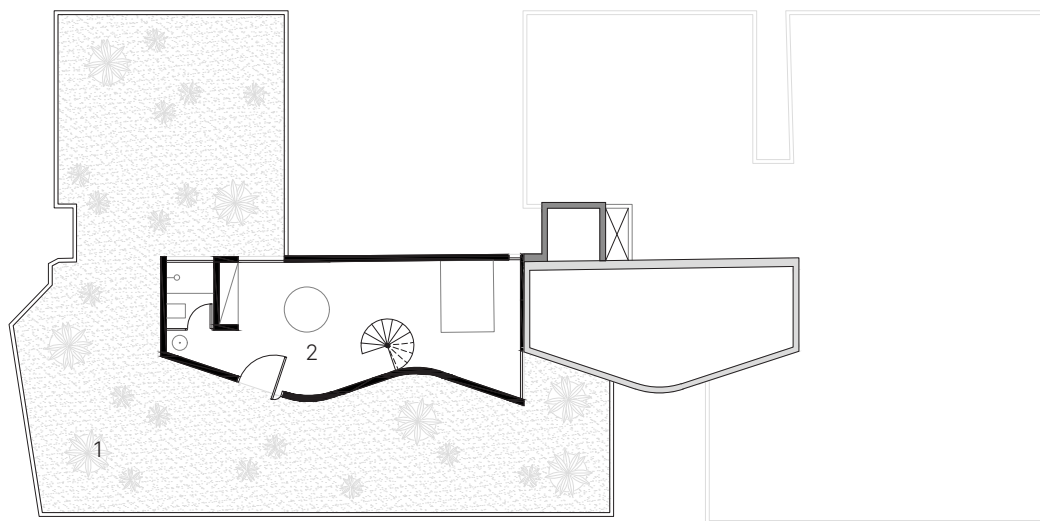
SUPERIOR ORIGINAL

1: 200

— Carlos Millan (1959)
— Grupo SP (2002)







SUPERIOR (acima)
 INFERIOR (abaixo)
 planta anotada — excertos
 1: 125

1. Jardim

“[...] e vai para o jardim, o apartamento fica no meio de um jardim que mandei plantar especialmente, uma selva em miniatura”

p.36

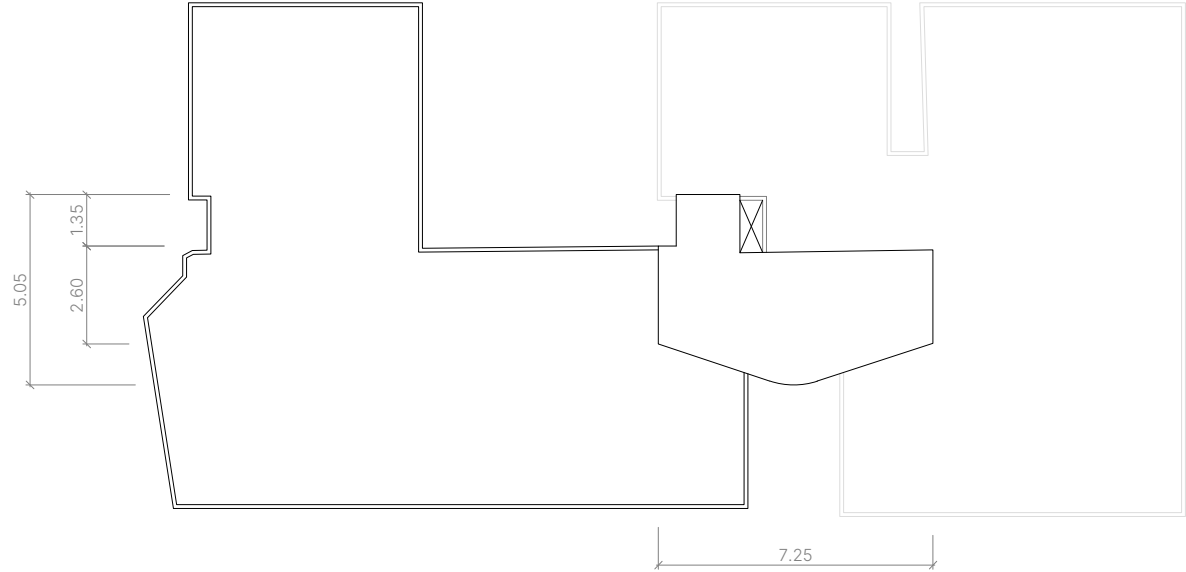
“[...] Tigrela praticamente não saiu do jardim, enfurnada na folhagem, o olho apertado, as unhas cravadas na terra”

p.33

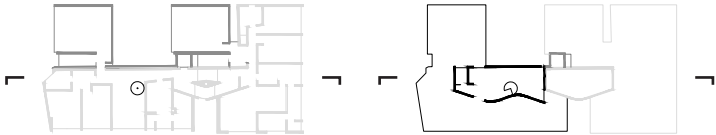
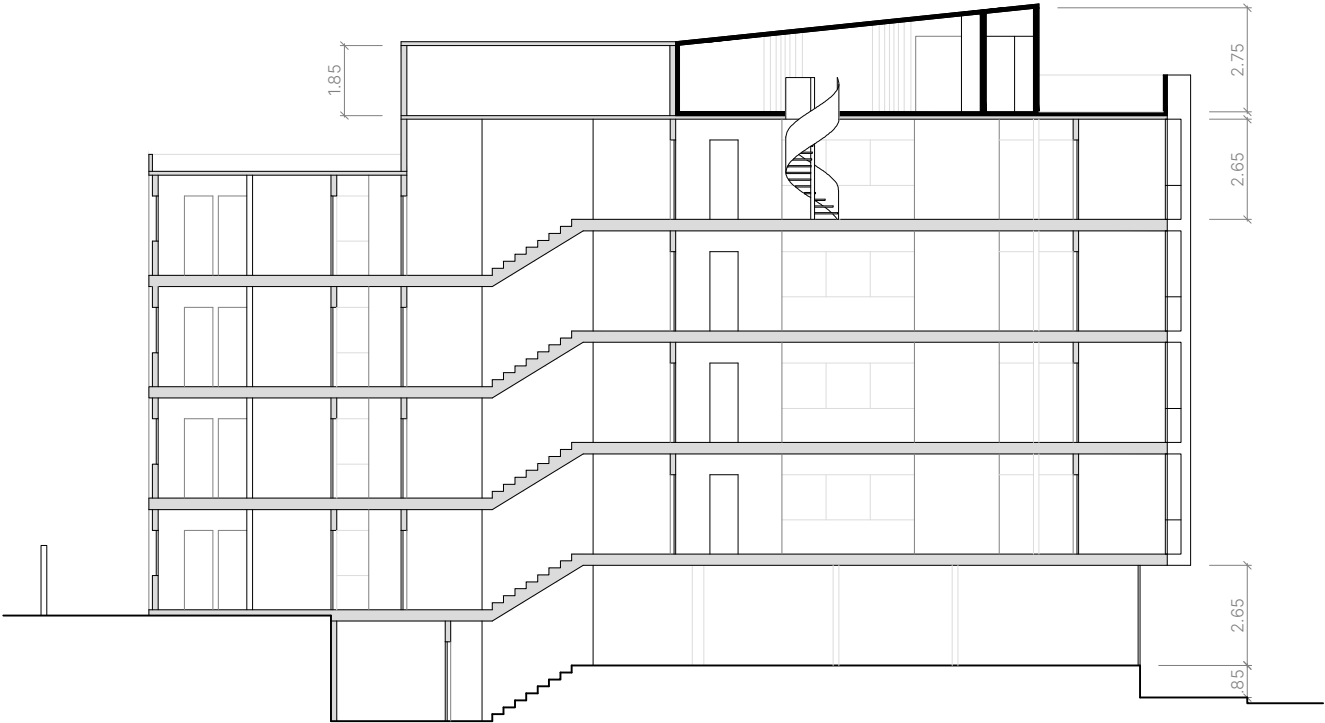
2. Único dormitório

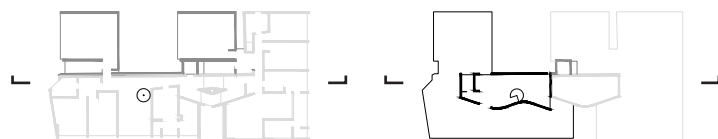
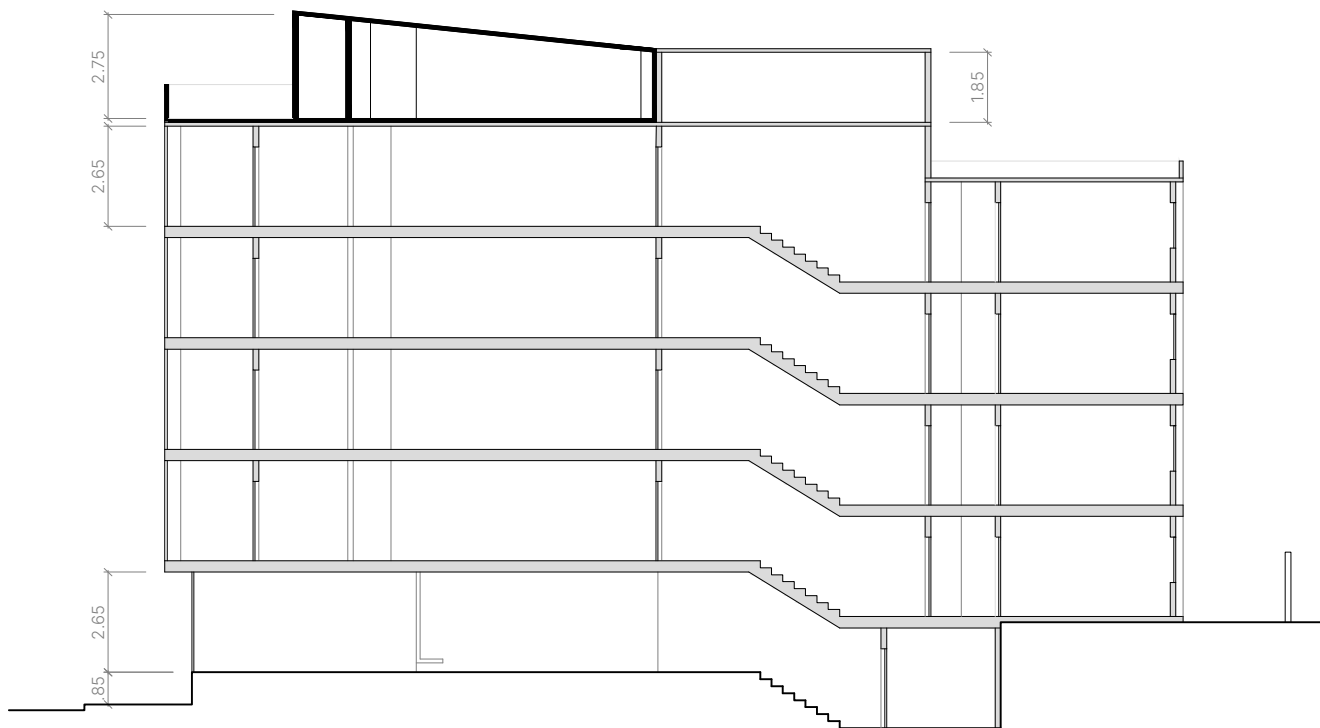
“Dorme comigo, mas quando está de mal vai dormir no almofadão.”

p.33

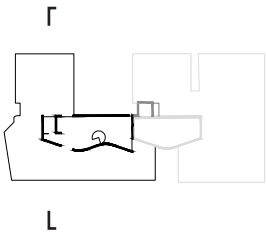
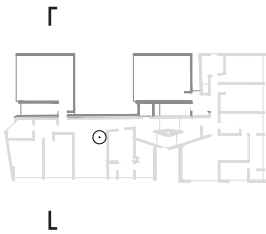
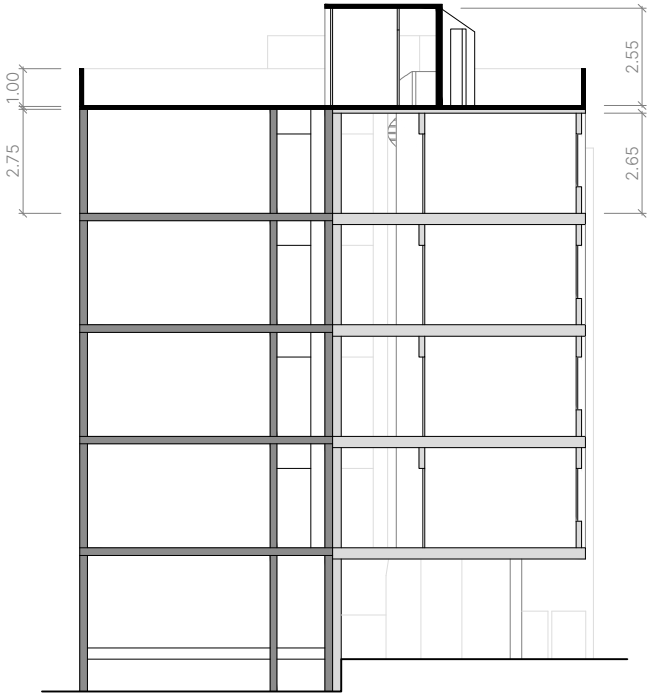


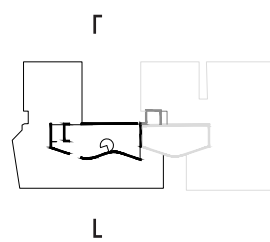
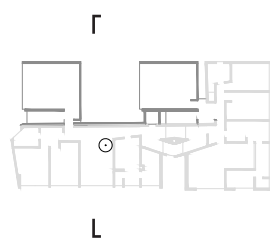
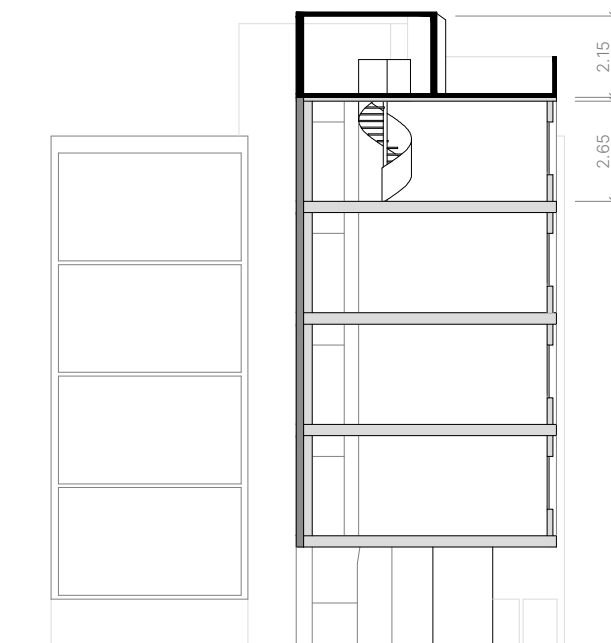


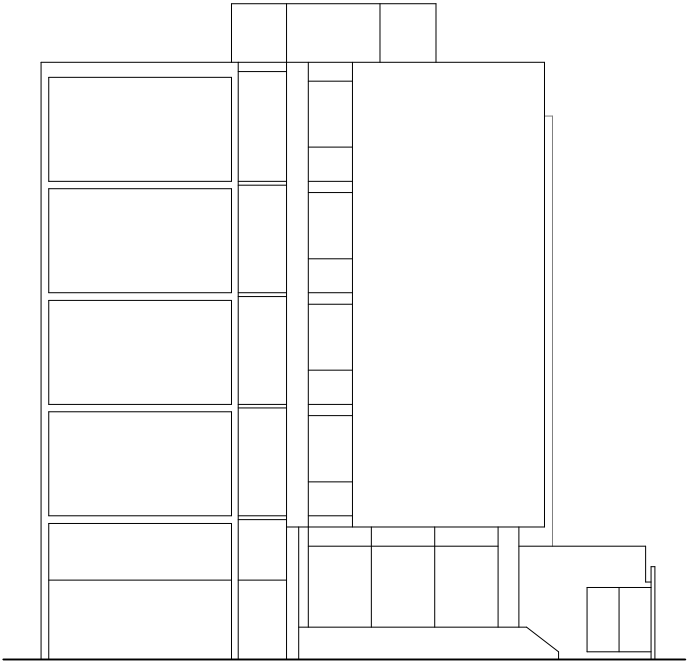




CORTE BB
1: 200



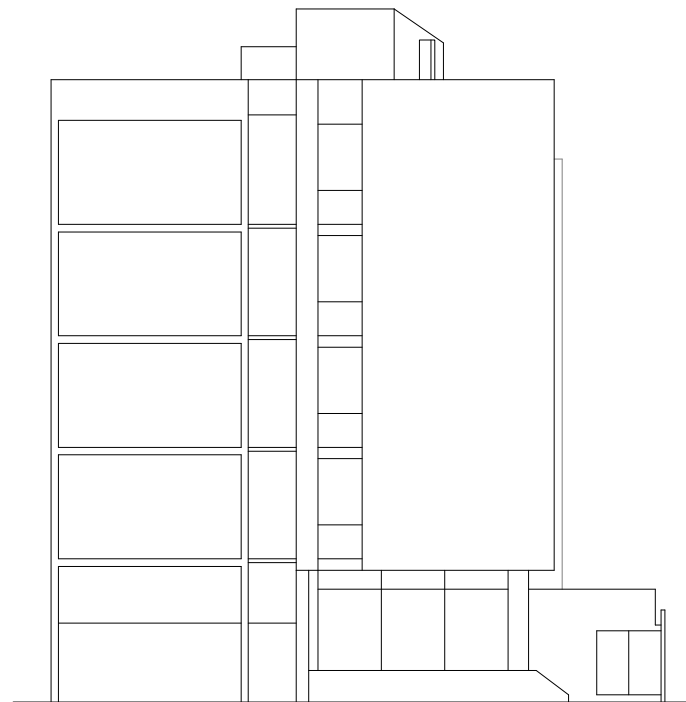


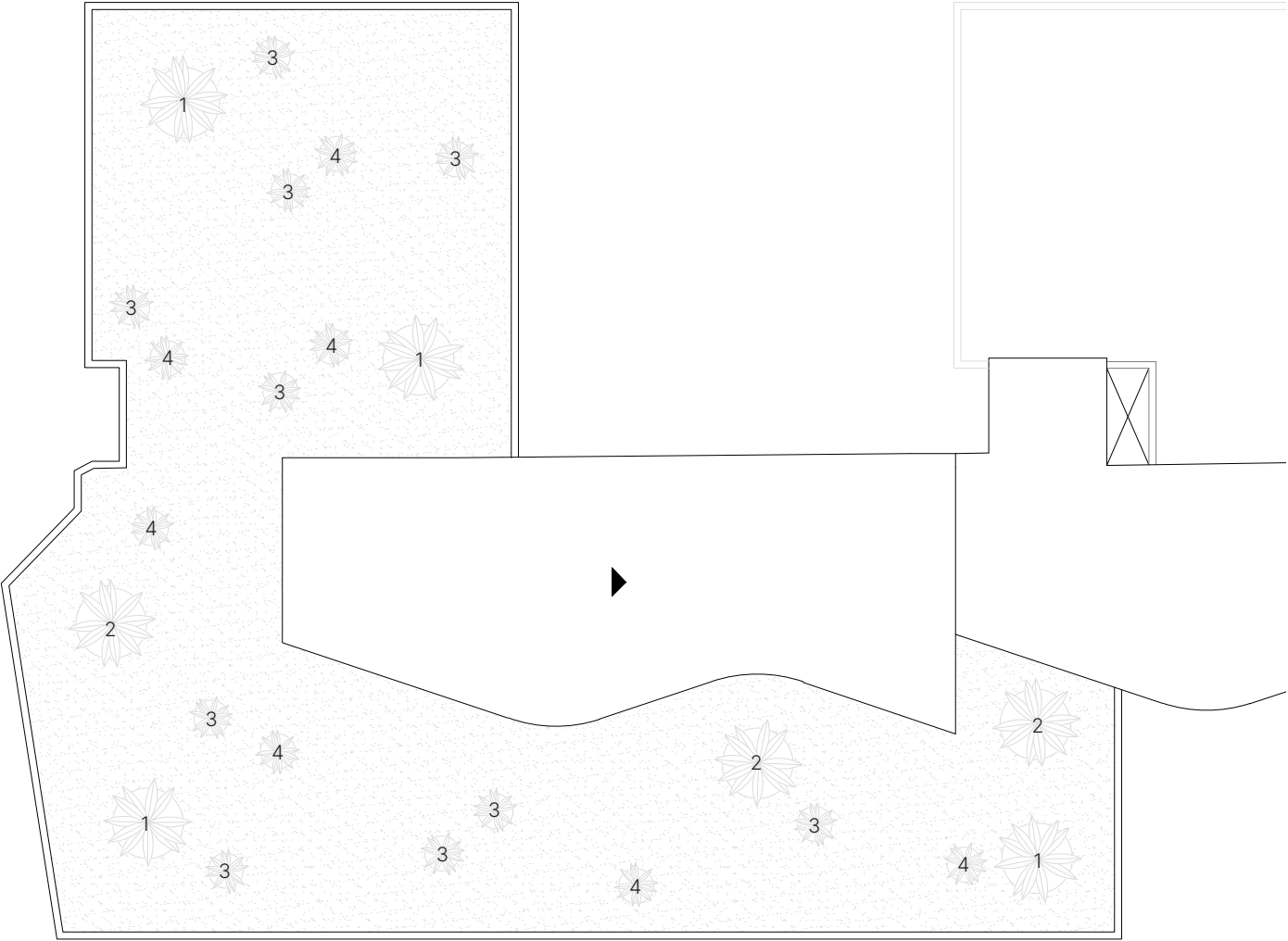


110



FACHADA ORIGINAL
1: 200





PLANTA DE COBERTURA
paisagismo
1: 100



1

- . nome: macieira
- . altura: até 10m
- . ø copa: até 10m
- . ø tronco: 0,5m
- . luz: meia sombra, sol pleno



2

- . nome: romanzeira
- . altura: 6-10m
- . ø copa: 7m
- . ø tronco: 0,3-0,5m
- . luz: meia sombra, sol pleno



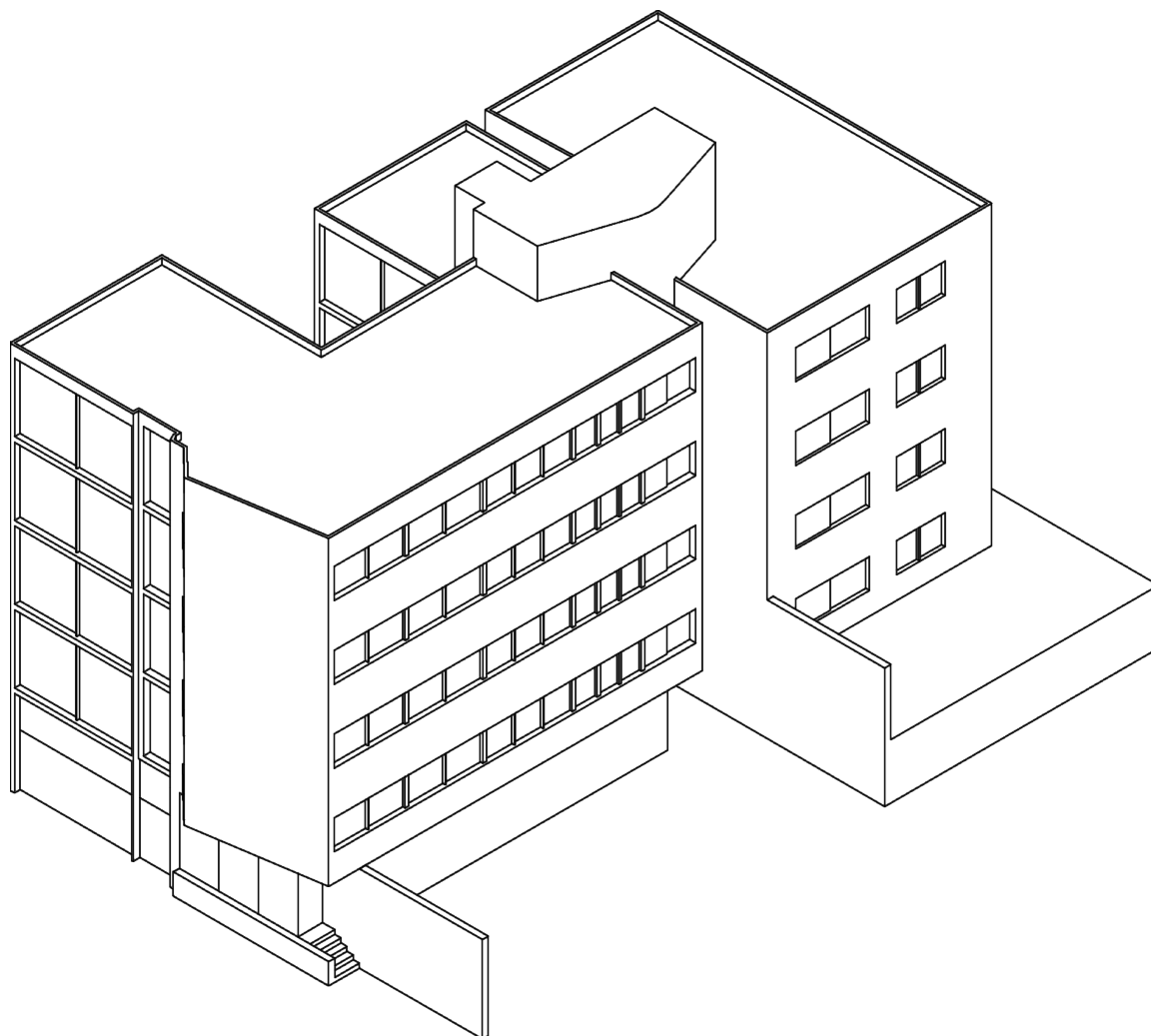
3

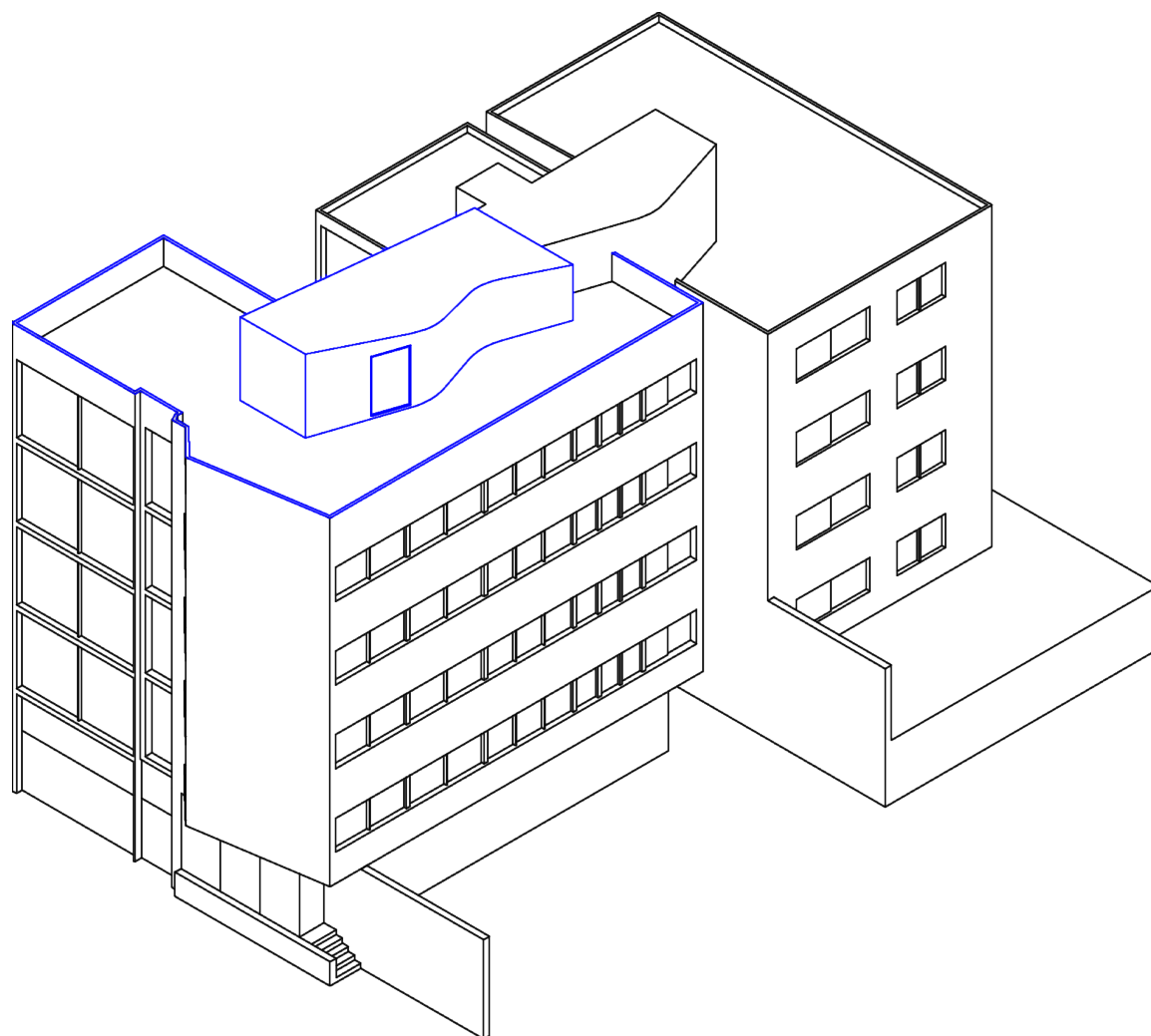
- . nome: pitangueira
- . altura: 6-12m
- . ø copa: até 10m
- . ø tronco: 0,3-0,5m
- . luz: meia sombra, sol pleno

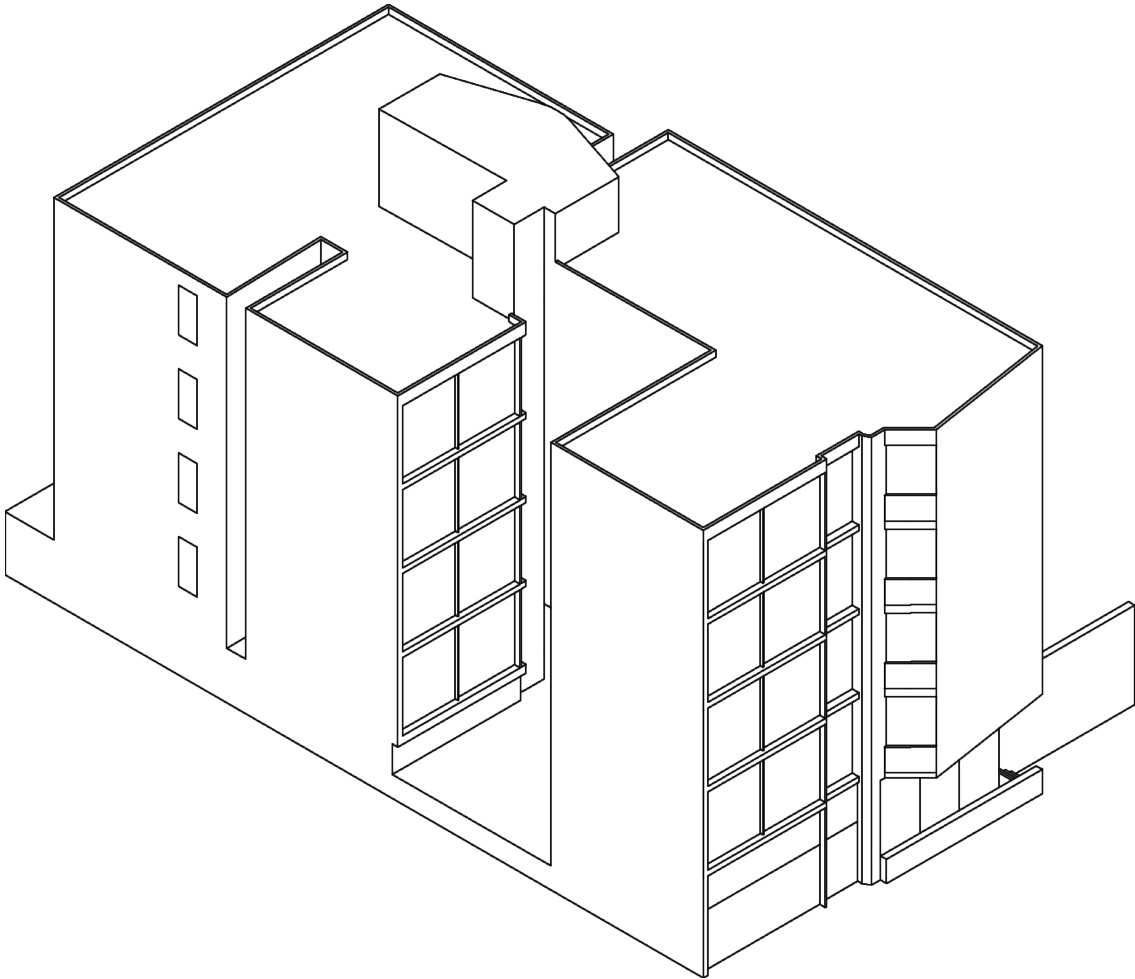


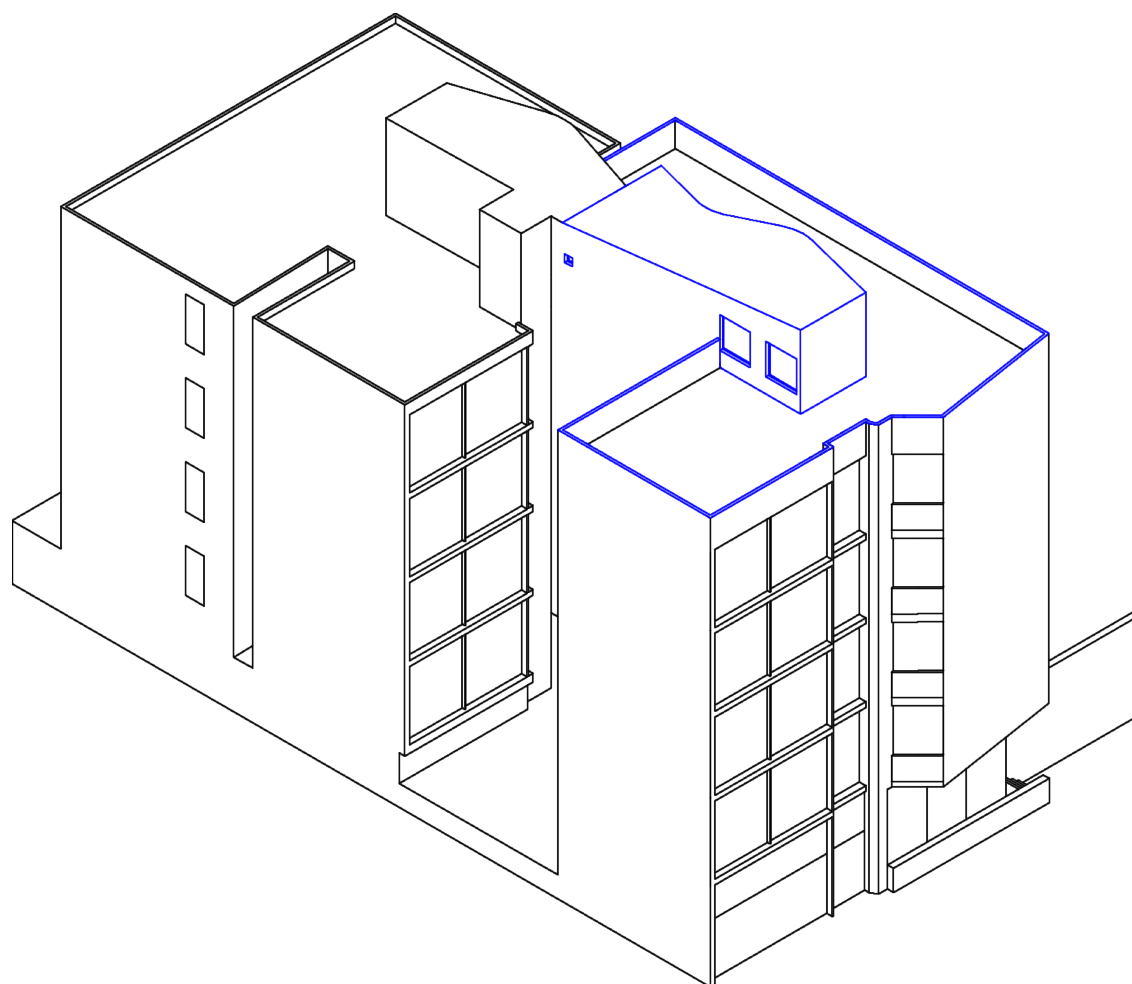
4

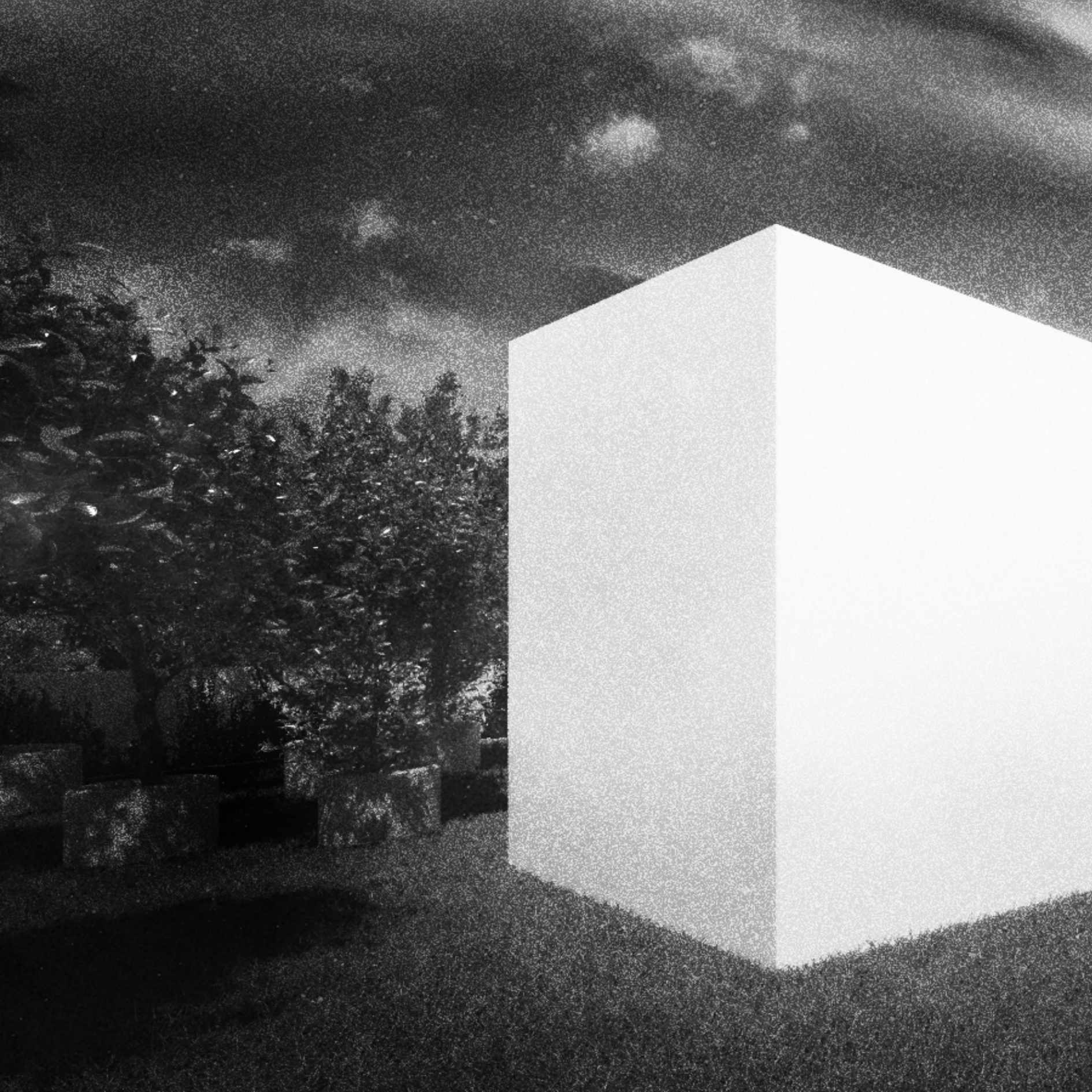
- . nome: goiabeira
- . altura: até 7m
- . ø copa: 6m
- . ø tronco: 0,15-0,3m
- . luz: sol pleno





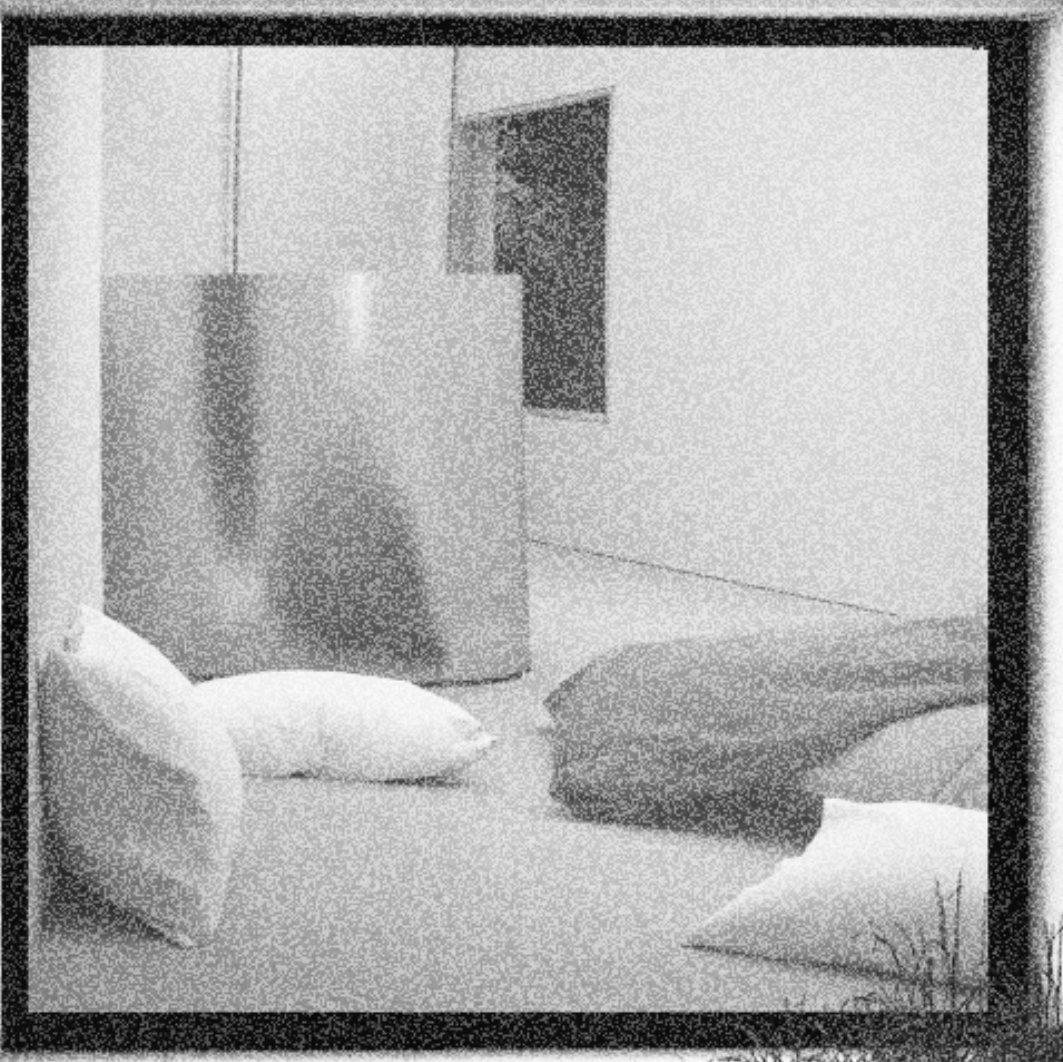








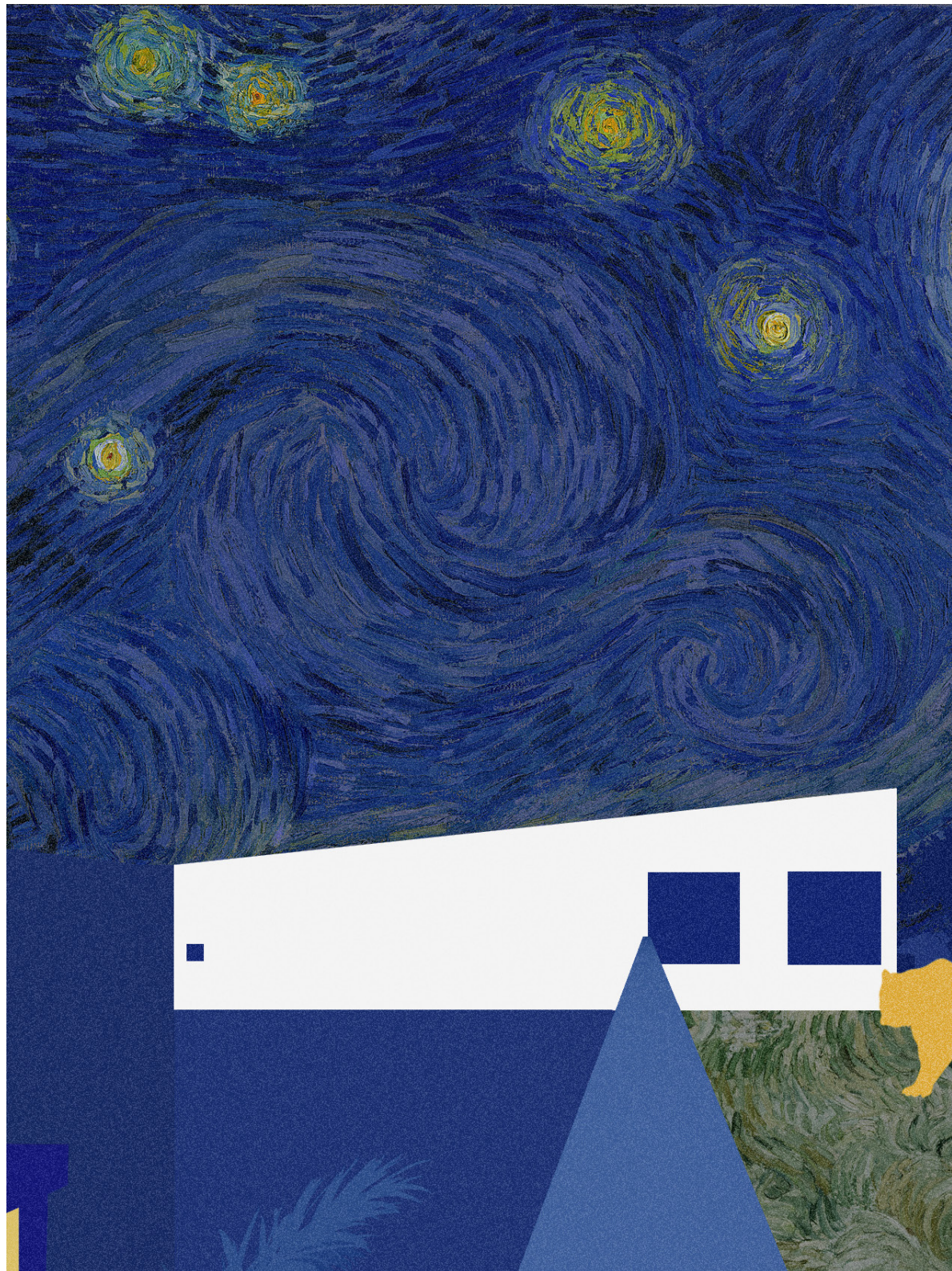


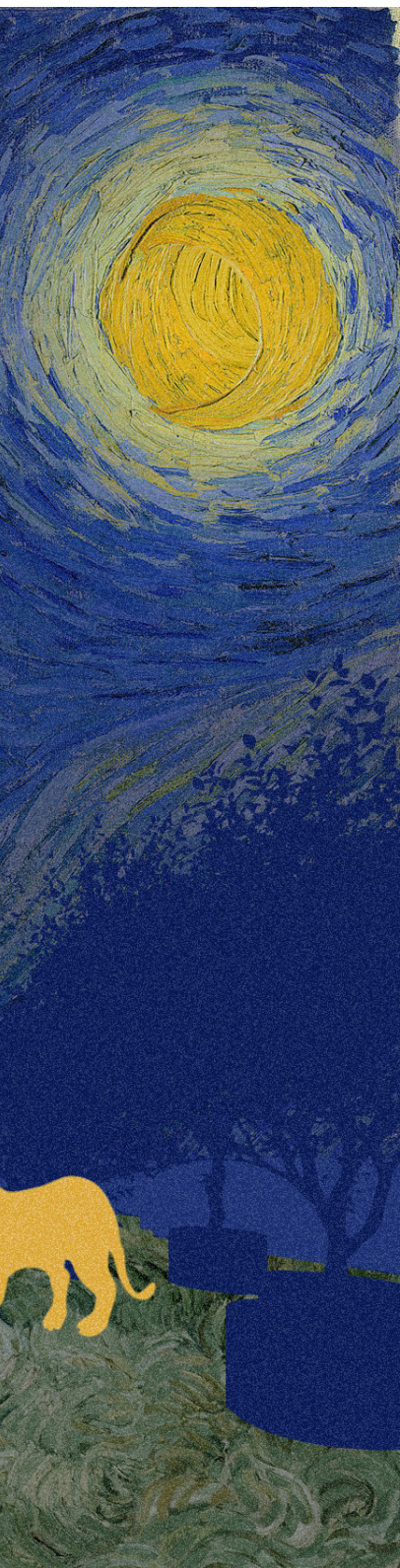


UMA NOITE NA TOCA

122

obras utilizadas para a imagem: VAN GOGH, V., 1889. A Noite Estrelada. [óleo sobre tela]. Museum of Modern Art, Nova Iorque; VAN GOGH, V., 1889. Mountainous Landscape Behind Saint-Paul Hospital. [óleo sobre tela]. Gliptoteca Ny Carlsberg, Copenhagen.





Dona Mirtes já ia entrando em seu apartamento quando ouviu um barulhão vindo do apartamento da frente. “Ai minha Santa Teresa! O que será que foi isso?”. Largou as sacolas na porta e subiu um lance de escadas para agora se encontrar à frente do número dezoito. Tocou a campainha, mas ninguém respondeu. Percebeu uma frestinha na porta. Empurrou-a. Estava dentro.

“Olá, alguém aí?”, chamou. Não houve retorno. Dona Mirtes então, pensando em usar o barulho estranho como desculpa pela invasão, se deparou com a chance de que precisava para conhecer o apartamento das vizinhas sem ser incomodada. Pelo que ouviu falar, mais do que reformar o apartamento, as duas tinham construído um cômodo misterioso na cobertura, cômodo este que Mirtes estava curiosíssima para desvendar.

Mais um estrondo veio do andar de cima, parecia o som produzido por algum animal selvagem. “É noite de lua cheia, Mirtes”, pensou consigo mesma. Tentou censurar a sequência de lendas urbanas que apareceram em sua mente, continuando a percorrer o corredor de entrada do apartamento. Passou pela porta da cozinha e parou ao pé de uma escada caracol reluzente que levava ao pavimento superior. “Olá?”, gritou para o vão da escada. A senhorinha estava em algum ponto entre a curiosidade e o medo. Não sabia do que se tratava o barulho, mas aquela era uma oportunidade única. Cheia de adrenalina, começou a subir a escada. Reparava em tudo: o corrimão e os degraus eram de um metal prateado reflexivo, material frio que contrastava com a calidez da madeira do piso do andar de cima.

Já no pavimento superior, dona Mirtes se deparou com um cômodo todo pintado de branco. Era um espaço claro, mas não muito grande. O pé-direito variava, aumentando segundo a distância da parede do que julgava ser a caixa d'água. Uma das paredes era ondulada, como mimese da curvatura da parede das escadas que interligavam todos os andares do edifício. No espaço onde Mirtes agora se encontrava só havia uma cama, um almofadão esquisito e um armário. A senhorinha podia ver, através da janela quadrada, o jardim à parca luz da noite. A macieira lhe chamou a atenção. “O fruto proibido... Ah, essas devassas!”

À sua frente, na direção de um pequeno corredor, havia uma pia cilíndrica. À direita da pia, uma porta. Abriu-a. Vaso sanitário e chuveiro. Imaginou-se nua tomando banho ali, vendo as pequenas árvores ao amanhecer. Talvez até pudesse ser vista por alguém. Repreendeu-se. Ao sair do banheiro, tomou um susto com o vulto que julgou ter passado pela janela do fundo do cômodo. Porém, racionalmente, afirmou a si mesma que simplesmente fora enganada por seu próprio reflexo no guarda-corpo da escada que subira.

Retornando por onde viera, resolveu bisbilhotar o armário que havia entre o banheiro e a área de dormir. Separado em dois, o móvel reunia de cada lado meia dúzia de vestidos de grife e dois ou três pares de sapatos. Mirtes olhou as etiquetas. Provavelmente as peças de roupa pertenciam a duas mulheres diferentes. Atentou-se a um vestido sujo de terra, pendurado no lado PP do guarda-roupa. Pegou-o nas mãos. Eram trapos, como se a mulher tivesse crescido demais dentro daquela peça e a houvesse rasgado. Ouviu um barulho do lado de fora. Colocou rapidamente a roupa de volta no lugar e fechou o armário. A penumbra da noite não a permitia enxergar claramente o lado externo. “Alguém aí?”, perguntou assustada.

Abriu a porta que dava para o jardim e refez a pergunta: “Alguém aí?”. Mais uma vez não obteve resposta. Saiu de dentro do quarto, andando a esmo iluminada pela lua cheia. Distraído-se da tensão, ia por sobre o gramado, entre os vasos das macieiras, divertindo-se com as diferentes formas que aquele volume branco assumia dependendo do ângulo de visão. De um lado era reto, do outro, sinuoso. Deteve-se do outro lado da porta pela qual saía. Apoiou-se sobre a mureta vegetada que dava para o jardimzinho do térreo, observando a diagonal que ligava a ponta da construção nova à parede da caixa d'água. Ali, Mirtes via o brilho das três janelas dessa face do quarto. Acheu curiosa a janelinha do canto. Agora, olhando para as estrelas e agradecendo aos santos por ter tido a oportunidade de visitar aquele paraíso em miniatura, a mulher nem percebeu o contorno da tigresa que se armava para abocanhá-la.





CONCLUSÃO

Este trabalho se caracteriza como uma investigação de formas de habitar através da vida de personagens literários. Me propus a elaborar uma espécie de “tradução” de três narrativas da Literatura Brasileira para os lugares descritos por elas. Através deste exercício de projeto busco ensaiar por meio dos textos literários a relação arquiteto-cliente. Percebi que quanto mais informações se tem sobre as características de cada personagem, os clientes no caso deste TFG, mais afinado se torna o projeto.

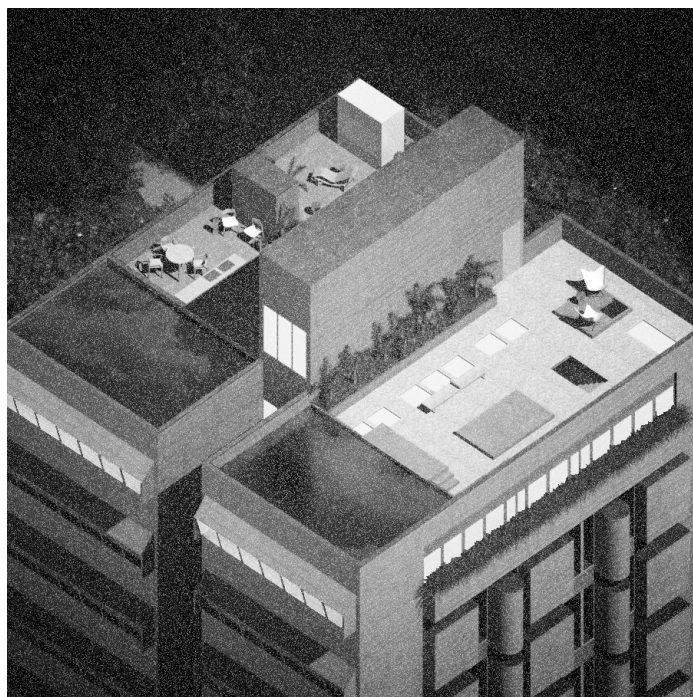
No capítulo da Casa, selecionei dois personagens da narrativa de Moacyr Scliar para conduzir o projeto. A aproximação se deu pelas suposições das necessidades de cada personagem: o escritor viúvo e o gato-hipopótamo. Primariamente, a base do desenho foi fundamentada nas dimensões do hipopótamo: corredores e passagens largas o suficiente para a circulação do animal. A seguir, busquei emular o habitat natural do mesmo por meio do lago e da vegetação. Tento neste projeto estabelecer como factível o que é fantástico.

Em "A Paixão Segundo G.H.", Clarice Lispector usa a caracterização do Apartamento onde a personagem G.H. mora para descrevê-la. Este fato, somado aos outros traços da personalidade da protagonista que foram escritos por Clarice, me possibilitaram um desenho que julgo ser mais próximo ao descrito no livro – ousou incluir aqui a concretização das metáforas da água e do minarete através das piscinas e do prisma translúcido.

Por último, ainda que haja a presença do tigre no conto de Lygia Fagundes Telles, o projeto mais se volta para o conflito entre as duas personagens que habitam a Toca. Aqui, num direcionamento diferente da casa, não houve a pesquisa de dimensões do tigre, nem de seu habitat, mas sim a tentativa de construir um abrigo para a relação entre Romana e Tigreela – ainda que a mesma não seja descrita pela autora do conto como algo saudável.

A partir deste trabalho constatee que o projeto de arquitetura, mesmo quando concretizado, apenas estabelece as bases para uma vivência que não é, na verdade, completamente previsível. Penso que o exercício consiste num jogo de ida e volta. A ida, o desenho arquitetônico, propõe uma ideia de habitar. A volta representa o habitar em si. A volta neste trabalho foi delineada por mim através dos textos de vivência em cada espaço proposto. Anverso e reverso: projetar a partir da narrativa e depois narrar a partir do projeto. Mas no mundo como ele é, quem poderá imaginar os usos reais de cada projeto construído? Um guarda-corpo vira varal. Uma janela tem sua luz barrada pelo acúmulo de itens de seus habitantes. Um quarto serve de extensão à sala, ou ainda a sala é parcialmente convertida em quarto. Há uma multiplicidade de desenhos de arquitetura que conduzem a um universo de usos possíveis.







REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



NARRATIVA

- . LISPECTOR, Clarice (1964). A Paixão Segundo G.H.: romance. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- . SCLiar, Moacyr (2007). O Menino e o Bruxo. 1 ed. São Paulo: Ática, 2009.
- . TELLES, Lygia Fagundes (1977). Seminário dos Ratos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ACADÊMICA

- . ÀBALOS, Iñaki. A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.
- . CALDAS, Tatiana Alves Soares. De Interditos e Camuflagens: uma leitura de Tigrela. In: II Congresso Internacional de Linguística e Filologia, XX Congresso Nacional de Linguística e Filologia - CiFEFiL 8, 2016, Rio de Janeiro, RJ. Anais (on-line). Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/>. Acesso em: 21/05/2020.
- . CHIARELLI, Silvia Raquel. Telésforo Cristófani: construção e composição. 2013. 245 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.
- . HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitetura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- . PALLASMAA, Juhani. Os olhos da Pele. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- . TANIZAKI, Junichiro. Em louvor da sombra. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- . ZAERA-POLO, Alejandro. Arquitetura em Diálogo. São Paulo: Ubu Editora, 2016.
- . ZUMTHOR, Peter. Atmosferas: entornos arquitetônicos, as coisas que me rodeiam. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

VÍDEO

- . CLUBE do livro: A Paixão Segundo G.H., de Clarice Lispector. Porto Alegre: TV e Rádio Unisinos, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XJ4Cncc1g0U>>. Acesso em: 27/08/2019.
- . UNBUILT: Mies van der Rohe - House with Three Courts. Barcelona: Berga & González Architects, 2018. 1 vídeo (2 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qhgd4fAuJ_g>. Acesso em: 05/08/2019.

PROJETO

- . Apartments B - Caan Architecten | Gante, Bélgica, 2012 (construção).
- . Blind Light - Antony Gormley | Londres, Inglaterra (Hayward Gallery), 2007 (realização).
- . Casa da Música - OMA | Porto, Portugal, 1998-2003 (projeto), 2003-05 (construção).
- . Casa de fim de semana em São Paulo - spbr arquitetos | São Paulo, Brasil, 2010-11 (projeto), 2014 (construção).
- . Casa do Infinito - Alberto Campo Baeza | Cádiz, Espanha, 2012 (projeto), 2014 (construção).
- . Casa Experimental Muuratsalo - Alvar Aalto | Ilha Muuratsalo, Finlândia, 1952-53 (construção).
- . Casa IV - Peter Einsenman | Connecticut, EUA, 1971 (projeto).
- . Casa Malaparte - Adalberto Libera, Curzio Malaparte, Adolfo Amitrano | Ilha de Capri, Itália, 1937 (construção).
- . Edifício Giselle - Telésforo Cristófani | São Paulo, Brasil, 1968 (projeto), 1969 (construção).
- . Edifício Jaraguá - Paulo Mendes da Rocha | São Paulo, Brasil, 1984 (projeto), 1988 (construção).
- . Fishing Hut - Niall McLaughlin | Hampshire, Inglaterra, 2014 (projeto), 2015 (construção).
- . Haras Polana - Mauro Munhoz, Ita Construtora | Campos do Jordão, Brasil, 2008 (projeto), 2010 (construção).
- . Jungle Room - Dimore Studio | Basiléia, Suíça, 2016 (realização).
- . Maison à Bordeaux - Petra Blaisse | Bordeaux, França, 2012 (intervenção no projeto Maison Bordeaux, 1998, do escritório OMA).
- . One Room Hotel - Studiémie | Gante, Bélgica, 2009 (construção).
- . Paracaidista - Héctor Zamora | Cidade do México, México, 2004 (realização).
- . Plugin House - People's Architecture Office | Shenzhen, China, 2018 (construção).
- . Residência no Horizonte - Fran Silvestre Arquitetos | Santa Pola, Espanha, 2019 (construção).
- . RUH - MAPA Architects | Nova Iorque, EUA, 2017-19 (projeto).

O LIVRO DAS TRÊS CASAS

Gabriel de Moura Corrêa
orientado por Marta Vieira Bogéa

TFG FAUUSP
Julho/2020